

TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXIV — FASC. I

SUBSIDIADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR, CÂMARAS
MUNICIPAIS DE SABROSA, CHAVES E BOTICAS, E EMPRESA DAS ÁGUAS
DE CARVALHELOS



PORTO — 1981

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências

Trabalhos de Antropologia e Etnologia



TRABALHOS

DE

Antropologia e Etnologia

Publicação da

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOLUME XXIV — FASC. I

SUBSIDIADO PELA DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR, CÂMARAS MUNICIPAIS
DE SABROSA, CHAVES E BOTICAS, E EMPRESA DAS ÁGUAS DE CARVALHELHOS

PORTO

Sede da Sociedade: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DR. MENDES CORRÊA
UNIVERSIDADE DO PORTO



E R R A T A S

<i>PÁG.</i>	<i>LINHA</i>	<i>ONDE SE LÊ</i>	<i>LEIA-SE</i>
62	3	reconstruídos	reconstruídas
67	7	são	é
75	27	bloco	penedo
75	31	«pisar»	«espremer»
76	5	no bordo cuja	no bordo, cuja
78	24	constituído	constituída
81	3	construção	construções
113	4	pedra	pedras
113	19	45	46
131	12	de estrada	da estrada
135	31	estrada	astrada
143	26	de Fig. 2	da Fig. 2
171	31	que vi pendurada	que vinha pendurada
175	2 e 3	pontos	tentos
188	14	Moscovo	Moncorvo

Espólio ósseo humano da gruta neolítica do Escoural

POR

Agostinho Farinha Isidoro (*)

Naturalista do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, e do Conselho Directivo da mesma.

A gruta do Escoural fica situada na Herdade da Sala, freguesia de Santiago do Escoural, Concelho de Montemor-o-Novo, uns 3 km da povoação do Escoural, num pequeno cabeço, à direita e próximo da estrada Escoural-Montemor-o-Novo.

Foi descoberta em 1963 por um grupo de operários que trabalhavam na exploração do mármore (1).

A existência de abundante material ósseo humano e de muitos vasos de cerâmica à superfície do chão da gruta, levou à suspeita de se estar em presença de uma necrópole pré-histórica notável.

Comunicado o achado às autoridades competentes, foi o estudo deste material arqueológico entregue ao Museu Etnológico de Belém e encarregado de fazer a escavação da gruta o Sr. Dr. Manuel Farinha dos Santos, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa.

* Rua Germano de Paiva, 41 — 4450, Matosinhos.

(1) Manuel Farinha dos Santos, *Vestígios de pinturas rupestres descobertos na Gruta do Escoural*, in «O Arqueólogo Português», Nova Série, V, Lisboa, 1964, págs. 5 a 47, 14 figs.

Os trabalhos da escavação começaram pela recolha de todo o material ósseo humano e cerâmica que jazia à superfície da gruta.

É pena que a colheita dos ossos não tenham sido feita de maneira a podermos, se é que isso seria possível, saber quais os ossos que teriam pertencido ao mesmo esqueleto. Isso nos permitiria determinar com mais exatidão a estatura dos indivíduos ali sepultados e até os seus cânones antropométricos.

Mesmo assim o estudo isolado dos seus elementos ósseos não deixa de ser valioso, não só pelo seu número, mas ainda por nos permitir determinar muitos dos seus caracteres físicos.

Uma parte dos ossos humanos colhidos na gruta do Escoural encontra-se ainda relativamente conservada, mas a outra parte está tão fragmentada que não pode dar quaisquer medidas.

Os ossos que vamos estudar, à excepção de 2 crânios juvenis, são todos de indivíduos adultos.

Damos a seguir a enumeração desses ossos e o seu estado de conservação.

MATERIAL DE ESTUDO

Crânios — 11 quase completos, 5 muito incompletos, 11 porções cranianas constituídas por alguns ossos ou porções de ossos ligados pelas suturas, 14 ossos frontais, alguns deles incompletos, 5 parietais, também alguns incompletos, 1 parietal com uma parte de 1 temporal, 1 occipital com duas partes de parietais e 1 occipital, 1 occipital com duas partes de parietais e 1 occipital.

Estes crânios e os outros ossos cranianos devem ter pertencido a uns 34 indivíduos.

Mandíbulas — 22 quase completas, 2 muito incompletas e 10 porções de mandíbulas constituídas, uma pelo corpo mandibular, outras pelo corpo e por um ou outro dos ramos.

Úmeros — 11 completos: 6 direitos e 5 esquerdos; 26 incompletos: 16 direitos e 10 esquerdos.

Cúbitos — 5 completos: 3 direitos e 2 esquerdos; 16 incompletos: 10 direitos e 6 esquerdos.

Rádios — 11 completos: 7 direitos e 4 esquerdos; 9 incompletos: 5 direitos e 4 esquerdos.

Fémures — 22 completos: 12 direitos e 10 esquerdos; 32 incompletos: 17 direitos e 15 esquerdos.

Coxais — 8 incompletos: 4 direitos e 4 esquerdos.

Sacros — 4 incompletos.

Tíbias — 16 completas: 8 direitas e 8 esquerdas; 23 incompletas; 13 direitas e 10 esquerdas.

Vértebras — 1 completa e 6 incompletas.

DESCRIÇÃO DOS CRÂNIOS

Crânio 1 (Ests. I, II e III, figs. 1 a 5) — Incompleto por lhe faltarem as arcadas zigomáticas, o bordo orbitário externo esquerdo, as apófises estilóides e a mandíbula.

Normal frontal — Glabela medianamente desenvolvida, órbita direita oval e alta, ausência do bordo orbitário externo direito, ossos do nariz partidos e reduzidos à sua extremidade superior; fossa canina bastante escavada; abertura piriforme aumentada por perda de substância.

Norma lateral — Face ortognata, testa alta, contorno superior levemente arqueado na região frontal, no vértice e na região obélica, mas levemente convexo na região bregmática; acentuada saliência do *occiput*, formando um pequeno *chignon*, apófise mastóide pouco desenvolvida, de superfície rugosa; sinostose coronal na região ptérica em forma de H e pequena saliência da glabela e das arcadas supra-ciliares.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi), suturas coronal e sagital em estado adiantado de obliteração, bossas parietais pouco desenvolvidas e de desenvolvimento assimétrico; concavidade acentuada a meio da região parietal direita.

Norma occipital — De forma pentagonal, estreitando um pouco para a base (bombiforme); suturas lambdáticas nítidas.

das e complicadas; a sagital, na região obélica, muito obliterada; região obélica, um pouco deprimida, com buracos parietais patentes, um de cada lado e à mesma distância da sutura sagital.

Norma basal — Buraco occipital alargado à custa da perda de substância óssea em todo o seu rebordo; côndilos incompletos; ínio pouco saliente; arcada dentária de ramos divergentes, com os dentes C¹, P¹, P², M¹ e M² no ramo direito e no ramo esquerdo, todos com a superfície trituradora muito gasta.

Crânio possivelmente de indivíduo feminino com uns 40 a 45 anos de idade.

Crânio 2 — Faltam-lhe as arcadas zigomáticas, as apófise estilóides e a mandíbula.

Norma frontal — Cristas supra-orbitárias acentuadas; órbitas baixas e retangulares; abertura piriforme de bordos cortantes; espinha nasal saliente e fossa canina bem escavada.

Norma lateral — Contorno superior com depressão acentuada na região bregmática; arcadas supra-orbitárias e glabela bem desenvolvidas; fronte baixa; sutura coronal nítida; apófise mastóide pequena e lisa e ptérion em forma de K.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais medianamente desenvolvidas e simétricas; suturas nítidas e complicadas.

Norma occipital — De forma pentagonal, estreitando para a base (bombiforme); suturas nítidas e complicadas; região obélica só com um buraco parietal.

Norma basal — Buraco occipital de forma oval, simétrico; côndilos occipitais em parte destruídos; arcada dentária com ramos divergentes, com cinco dentes: P², M¹, M² e M³ no ramo direito e M¹ no ramo esquerdo, coroas dentárias pouco gastas.

Crânio de indivíduo possivelmente masculino, com 25 a 30 anos de idade.

Crânio 3 (Est. III, IV e V, figs. 6 a 10) — Incompleto; falta-lhe a arcada zigomática direita, a porção do bordo anterior do

buraco occipital, as apófises estilóides, a parte terminal da apófise mastoideia e parte dos ossos do nariz.

Norma frontal — Órbitas simétricas, rectangulares, achatadas, de bordos lisos e rombos; bossas frontais bem marcadas, glabella de saliência média e fossa canina com escavação acentuada.

Norma lateral — Contorno superior regularmente arqueado, excepto acima da glabella e na região obélica, onde é um pouco deprimido; fronte levemente fugidia; arcadas supraciliares de desenvolvimento médio; saliência glabelular mediana; apófise mastóide pequena e de superfície lisa, região ptérica em H com suturas simples e nítidas.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi), suturas coronal e sagital nítidas, simples na região bregmática e complicadas nas outras regiões; bossas parietais com desenvolvimento mediano e algo assimétrico; a esquerda é mais anterior que a direita.

Norma occipital — De forma pentagonal, estreitando-se para a base (bombiforme); suturas nítidas e complicadas; osso vór-mio na extremidade superior do occipital, entre as duas suturas lambdáticas; região obélica algo deprimida e buracos parietais simétricos, em relação à sutura obélica, sendo o direito mais desenvolvido que o esquerdo.

Norma basal — Buraco occipital com perda de substância óssea no bordo anterior; arcada dentária levemente divergente, com 8 dentes: P¹, P², M¹ e M² no ramo direito e P¹, P², M¹ e M² no ramo esquerdo; coroas com bastante uso, com excepção da do M² do ramo esquerdo, que se apresenta sem uso; ínio pouco desenvolvido.

Crânio de indivíduo masculino com 35 a 40 anos de idade.

Crânio 4 — Incompleto, pois, lhe faltam as arcadas zigomáticas, parte da base, uma porção do temporal direito e a mandíbula.

Norma frontal — Saliência regular da glabella; bordos orbitários arredondados, delgados e lisos; órbitas altas, quase eli-

pticas; abertura piriforme de bordos cortantes; fossa canina levemente escavada.

Norma lateral — Contorno superior arqueado com acentuada depressão na região obélica; testa alta e quase vertical; apófise mastóide pequena e de superfície rugosa; região ptérica em K.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais bem desenvolvidas e simétricas; suturas nítidas e complicadas.

Norma occipital — Tem a forma pentagonal, estreitando para a base (bombiforme); suturas nítidas e complicadas; região obélica apenas com um buraco parietal, o esquerdo.

Normal basal — Buraco occipital reduzido apenas à metade posterior; arcada dentária com ramos convergentes e com 6 dentes: I¹, I², C¹ e M¹, no ramo esquerdo e P² e M¹ no ramo direito; coroas dentárias muito desgastadas.

Crânio de indivíduo feminino com uns 20 anos de idade.

Crânio 5 (Est. VI, VII e VIII, figs. 11 a 15) — Incompleto; falta-lhe a arcada zigomática direita, a porção de rebordo direito do occipital, uma parte do maxilar superior e do osso do nariz.

Norma frontal — Rebordos orbitários espessos; órbitas altas e quase quadradas; fossa canina bem escavada e espinha nasal saliente.

Norma lateral — Contorno superior arqueado; arcadas supra-orbitárias bem desenvolvidas; glabela saliente; testa baixa; suturas da região ptérica nítidas e simples; região ptérica em H.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais medianamente desenvolvidas e simétricas; suturas nítidas e pouco desenvolvidas.

Norma occipital — De forma pentagonal; suturas nítidas e complicadas; região obélica com leve depressão e apenas com um buraco parietal.

Norma basal — Buraco occipital sem o bordo e o côndilo direito; arcada dentária de ramos divergentes com 9 dentes: I² P¹, P², M², M² e M³ no ramo direito e P¹, P² e M¹ no ramo esquerdo.

Crânio possivelmente de indivíduo masculino com uns 30 a 35 anos de idade.

Crânio 6 — Incompleto por lhe faltar as arcadas zigomáticas e a porção inferior dos ossos do nariz.

Norma frontal (Est. VIII, fig. 16) — Bordos orbitários lisos e cortantes; órbitas altas e rectangulares; espinha nasal saliente; bordos da abertura piriforme cortantes e fossa canina pouco escavada.

Norma lateral — Contorno superior com discreta depressão na região bregmática e na região obélica; testa fugidia; arcadas supra-orbitárias pouco desenvolvidas; região ptérica em K, com suturas nítidas simples; apófises mastóides pequenas e rugosas.

Norma vertical — De forma ovóide (Sergi); bossas laterais bem desenvolvidas e simétricas; suturas nítidas e complicadas.

Norma occipital — De forma pentagonal, estreitando para a base (bombiforme); dois buracos parietais na região obélica, sendo maior o da direita; suturas nítidas e complicadas.

Norma basal — Buraco occipital ovóide; côndilos incompletos; arcada dentária de ramos pouco divergentes com seis dentes: I², M¹ e M² no ramo direito e P¹, M¹ e M² no ramo esquerdo.

Crânio de indivíduo feminino com 20 a 25 anos de idade.

Crânio 7 — Incompleto; faltam-lhe as arcadas zigomáticas e a porção anterior da arcada alveolar e a mandíbula.

Norma frontal — Sutura metópica nítida; rebordo orbitário liso e cortante e órbitas altas rectangulares.

Norma lateral — Contorno superior com depressão acentuada na região bregmática, testa vertical; ausência de arcadas supra-orbitárias; região ptérica em K, com um pequeno osso vórmio e com suturas nítidas e simples.

Norma vertical — De forma esféroide; bossas parietais pouco desenvolvidas e assimétricas; a esquerda é mais recurvada; sutura metópica, coronal e sagital nítidas e pouco complicadas.

Norma occipital — De forma pentagonal, estreitando ligeiramente para a base; suturas nítidas e complicadas; região obélica com dois buracos parietais, dispostos simetricamente em relação à sutura sagital; pequeno osso *vórmio* localizado entre o occipital e as suturas lambdáticas.

Norma basal — Buraco occipital ovóide e simétrico; côndilos pequenos; arcada dentária reduzida a uma porção posterior com três dentes; M² no ramo direito e M² e M³ no ramo esquerdo; coroas pouco usadas.

Crânio de indivíduo juvenil com uns 10 a 15 anos de idade.

Crânio 8 — Incompleto; não tem grande parte do maxilar superior, o malar direito, os ossos do nariz, as arcadas zigomáticas e a porção superior do temporal direito.

Norma frontal — Bordos orbitários lisos e delgados; fossa canina ausente.

Norma lateral — Contorno superior igualmente arqueado, excepto no vértice, onde apresenta pequena elevação; testa baixa e um pouco oblíqua; arcadas supra-orbitárias, pouco desenvolvidas; glabella saliente; região ptérica em forma de H, com suturas simples e nítidas; apófise mastóide pequena e com superfície rugosa.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais assimétricas: a direita é mais desenvolvida que a esquerda; suturas nítidas e complicadas,

Norma occipital — De forma pentagonal alargando-se para a base; suturas nítidas e complicadas.

Norma basal — Buraco occipital alargado por destruição do côndilo direito; arcada dentária de ramos divergentes, com 11 dentes: C¹ P¹, P², M¹ M² e M³ no ramo direito e P¹, P², M¹, M² e M³ no ramo esquerdo; as coroas destes últimos têm sinais de pouco uso.

Crânio de indivíduo masculino com uns 35 anos de idade.

Crânio 9 — Incompleto por falta da região basal e lateral esquerda, das arcadas zigomáticas, dos ossos do nariz e da mandíbula.

Norma frontal — Bordos orbitários lisos e delgados; órbita direita ovóide e alta; bordos da abertura piriforme cortantes; fossa canina bem escavada.

Norma lateral — Contorno superior igualmente recurvado excepto na região obélica onde há uma depressão acentuada; saliência do *occiput*, formando um pequeno *chignon*; glabella desenvolvida; arcadas supra-orbitárias robustas; apófise mastóide rugosa; região ptérica em K, com as suturas simples.

Norma vertical — De forma ovóide (Sergi), com bossas parietais bem desenvolvidas e simétricas; suturas em parte obliteradas.

Norma occipital — De forma pentagonal; região obélica sem buracos parietais; suturas em estado adiantado de obliteração.

Norma basal — Representada apenas pela arcada dentária, de ramos divergentes e com cinco dentes: P¹, M¹ e M² no ramo direito e M¹ e M² no esquerdo; coroas muito gastas pelo uso.

Crânio de indivíduo masculino com idade possível de 40 a 45 anos.

Crânio 10 — Incompleto; falta-lhe o occipital, o malar esquerdo, as extremidades ósseas com que se articula, o bordo externo e inferior da órbita esquerda, as apófises estilóides e a mandíbula.

Norma frontal — Bossas frontais pouco desenvolvidas; órbitas altas e quase quadradas; rebordo orbitário cortante; abertura piriforme larga e de bordos cortantes.

Norma lateral — Contorno superior arqueado, excepto no *vertex*, onde é saliente; testa fugidia; sutura coronal nítida; ptério em H e apófise mastóide pequena e de superfície rugosa.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais pouco desenvolvidas e simétricas; suturas nítidas e pouco complicadas.

Norma occipital — Falta-lhe o occipital; região lambdática com porções de dois ossos *vórmios*; buracos parietais pequenos.

Norma basal — Metade anterior do buraco occipital; côndilos occipitais quebrados; arcada dentária quase completa, com ramos divergentes e com 13 dentes: I¹, I², C¹, P¹, P², M¹ e M² no ramo direito e I¹, P¹, P², M¹, M² M³ no ramo esquerdo; coroas dentárias sem desgaste acentuado; o dente M³ quase todo enterrado no alvéolo.

Este crânio era possivelmente de mulher com idade de 25 a 30 anos.

Crânio 11 — Incompleto por lhe faltar o occipital, as apófise zigomáticas, as apófises estilóides e a mandíbula.

Norma frontal — Cristas supra-orbitárias esbatidas; rebordo orbitário superior cortante e o inferior liso; órbitas altas e ovais; abertura piriforme pequena e com bordos cortantes; bossas frontais pouco desenvolvidas, fossa canina pouco acentuada.

Norma lateral — Contorno superior arqueado igualmente; testa vertical; ortognata; glabela reduzida; região ptérica em H com suturas simples e muito nítidas; apófise mastóide pequena e de superfície lisa.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais pouco desenvolvidas; suturas nítidas.

Norma basal — Rebordo anterior do buraco occipital; arcada dentária de ramos divergentes com 4 dentes: I¹, I² e M¹ no ramo direito e M¹ no ramo esquerdo; os incisivos totalmente implantados nos alvéolos.

Crânio de indivíduo juvenil com 15 a 20 anos de idade.

Crânio 12 — Muito incompleto; reduzido a grande parte do frontal, aos parietais, a grande parte do occipital, a parte do temporal esquerdo e parte do esfenóide.

Norma lateral — Contorno superior igualmente arqueado; glabela pouco saliente; testa vertical; ptério em H; suturas nítidas; *occiput* um pouco proeminente; apófise mastóide de tamanho médio e de superfície rugosa.

Norma vertical — Contorno bursóide (Sergi); bossas parietais desenvolvidas e um pouco assimétricas; suturas nítidas; sutura coronal simples e sagital complicada.

Norma occipital — De forma pentagonal, estreitando para a base (bombiforme); suturas nítidas e complicadas.

Crânio de indivíduo possivelmente masculino de 25 a 30 anos de idade.

Crânio 13 — Incompleto; falta-lhe a parte anterior do frontal, os ossos do nariz, os maxilares superiores, os malaras, o etnóide, o esfenóide e as apófises zigomáticas dos temporais.

Norma lateral — Contorno superior com uma leve depressão na região bregmática e na região lambdática; fronte fugidia; suturas nítidas; região ptérica em K; occiput em *chignon*.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais assimétricas e bem desenvolvidas: a direita mais desenvolvida que a esquerda; suturas nítidas e complicadas.

Norma occipital — De forma pentagonal, quase bombiforme; suturas lambdáticas nítidas e complicadas; região obélica sem buracos parietais.

Norma basal — Buraco occipital com perda de substância óssea em todo o seu rebordo.

Crânio de indivíduo possivelmente feminino com uns 35 a 40 anos de idade.

Crânio 14 — Incompleto; representado pela porção anterior do frontal, os dois parietais, uma porção do occipital e uma parte do temporal direito.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais simétricas e regularmente desenvolvidas; suturas nítidas e complicadas, excepto na região bregmática, onde são lineares.

Norma occipital — De forma pentagonal, estreitando de cima para baixo (bombiforme), com suturas complicadas.

Crânio provavelmente masculino de 30 a 40 anos de idade.

Crânio 15 — Incompleto; falta-lhe a face, a base e a porção escamosa do temporal direito.

Norma lateral — Contorno superior não arqueado igualmente por apresentar uma leve depressão na região bregmática e na região obélica; apófise mastóide pouco desenvolvida

e de superfície rugosa; ptério em H; suturas nítidas e *occiput* em *chignon*.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais desenvolvimentos; suturas nítidas e pouco complicadas.

Norma occipital — De forma pentagonal, estreitando para baixo (bombiforme), com buracos parietais simétricos, situados um pouco abaixo do *vértex*; suturas nítidas e pouco complicadas.

Crânio de indivíduo de uns 20 anos de idade.

Crânio 16 — Muito incompleto; não tem a face, nem a base; falta-lhe a porção escamosa do temporal esquerdo, a porção inferior do parietal esquerdo e a porção lateral esquerda e inferior do occipital.

Norma lateral — Contorno superior regularmente arqueado, excepto na região obélica, onde é deprimido; testa fugidia; apófise mastóide desenvolvida e de superfície rugosa.

Norma vertical — Contorno ovóide (Sergi); bossas parietais simétricas e bem desenvolvidas; ptério em H; suturas nítidas e pouco complicadas.

Norma occipital — De forma pentagonal, estreitando para a base (bombiforme); suturas complicadas e com pequeno grau de obliteração; na região obélica tem apenas o buraco parietal esquerdo junto à sutura obélica.

Crânio provavelmente de indivíduo masculino com uns 35 a 40 anos de idade.

Além destes 16 crânios há ainda 11 porções de crânios compostas por alguns ossos cranianos, ligados uns outros e que descrevemos a seguir:

Porção 17 — Constituída pela parte anterior do frontal, pelos malarés e pela arcada dentária, de ramos convergentes, com 11 dentes: 4 no ramo direito I¹, I², M¹ e M² e 7 no ramo esquerdo: I¹, I², C¹, P², M¹, M² e M³. Todos estes dentes têm a coroa muito gasta, excepto o M³ que apresenta indicação de pouco uso.

Nesta porção craniana há apenas uma pequena sutura fronto-parietal esquerda, pouco nítida, que nos permite dizer ter pertencido a um indivíduo de uns 45 anos de idade.

Porção 18 — Formada por parte do frontal, pelos malares e pelos maxilares. A arcada dentária, de ramos convergentes, tem 4 dentes: 2 no ramo direito: M^1 e M^2 e 2 no ramo esquerdo: M^1 e M^2 . As coroas apresentam pouco uso.

Porção 19 — Composta por três ossos incompletos: occipital e os dois parietais. A sutura vertical média e as lambdáticas são muito nítidas. A bossa parietal direita é bem desenvolvida. Crânio pertencente a indivíduo de 30 a 35 anos de idade.

Porção 20 — Constituída pelos seguintes ossos: occipital e os dois temporais. As suturas são nítidas e complicadas. Deve ter pertencido a indivíduo de 15 a 20 anos.

Porção 21 — É composta pelos ossos seguintes: occipital e os dois parietais. Ao osso parietal esquerdo falta-lhe a parte anterior. As bossas parietais são muito desenvolvidas. As suturas são complicadas e num ponto ou noutro apresentam-se sinos-tosadas. É muito robusta. Deve ter pertencido a um indivíduo do sexo masculino, com uns 40 a 45 anos. A norma occipital tem a forma pentagonal nítida.

Porção 22 — Esta é constituída pelo osso occipital, pelos dois parietais e pela parte posterior esquerda do frontal. As suturas são bem nítidas; os buracos parietais são desiguais e a distância que os separa da sutura obélica é desigual. As bossas parietais são bem desenvolvidas. A norma occipital é pentagonal. Crânio pertencente a indivíduo de 25 a 30 anos de idade.

Porção 23 — Tem o occipital, uma pequena parte, a posterior, do parietal esquerdo e quase todo o parietal direito. As suturas são nítidas e bem desenvolvidas e tem dois pequenos ossos *vórmios* na sutura lambdática. Crânio pertencente a indivíduo de 35 a 40 anos.

Porção 24 — Tem os ossos occipital, parietais, frontal e o rochedo do temporal direito. As suturas apresentam-se obliteradas. Deve ter pertencido ao crânio de um indivíduo de 45 a 50 anos de idade.

Porção 25 — É apenas formada por parte do occipital, pelos parietais e pelo rochedo do temporal esquerdo. As suturas apresentam-se obliteradas em alguns pontos. Deve ter pertencido a indivíduo de 40 a 50 anos de idade.

Porção 26 — Tem parte do occipital, parte do parietal direito e o parietal esquerdo. As suturas são muito nítidas e complicadas. Deve ter pertencido a um indivíduo de 20 a 25 anos de idade.

Porção 27 — É constituída pelos ossos occipital, parietais e frontal, todos incompletos. As suturas são nítidas e complicadas. Na sutura lambdática tem dois ossos *vórmios*. Crânio pertencente a indivíduo de uns 25 anos de idade.

Temos ainda 14 ossos frontais, alguns deles incompletos, 5 parietais, alguns também incompletos, 1 parietal com uma parte de um temporal, 1 occipital com duas porções de parietais e 1 occipital.

RESULTADOS OBTIDOS — MEDIDAS E ÍNDICES

Não temos um único crânio completo. Todos estão mais ou menos partidos.

Neles determinámos as medidas indicadas no quadro 1 e elaborámos os índices possíveis.

Todas estas medidas foram determinadas com a aproximação de 0,5 mm.

As medidas feitas para a determinação dos índices:

Diâmetro ântero-posterior (Med. 1 de Martin) — Diâmetro que vai da glabela ao opistocrânio;

Diâmetro transverso máximo (Med. 8 de Martin) — Diâmetro entre os êurios;

Diâmetro frontal máximo (Med. 10 de Martin) — Diâmetro entre os pontos coronais;

Diâmetro frontal mínimo (Med. 9 de Martin) — Diâmetro entre os pontos fronto-temporais;

Diâmetro bi-mastoideu (Med. 13 de Martin) — Diâmetro entre os apófises mastóides;

Altura vertical do crânio (Med. 17 de Martin) — Distância entre o básico e o bregma;

Comprimento do buraco occipital (Med. 7 de Martin) — Distância entre o básico e o opístico;

Largura do buraco occipital (Med. 16 de Martin) — Diâmetro transverso máximo do buraco;

Comprimento da base do crânio (Med. 5 de Martin) — Distância entre a násio e o básico;

Comprimento da face (Med. 40 de Martin) — Distância entre o básico e o próstio;

Largura da órbita (Med. 51 de Martin) — Distância entre o ponto maxilo-frontal e o ectocônquico;

Altura da órbita (Med. 52 de Martin) — Distância entre o bordo superior da órbita e o inferior da mesma, normal à largura e a meio desta, que divide a órbita em duas partes aproximadamente iguais;

Altura nasal (Med. 55 de Martin) — Distância do ponto sub-nasal ao násio;

Largura da abertura piriforme (Med. 54 de Martin) — Medida da sua maior largura;

Com estas medidas determinámos os seguintes índices:

Índice cefálico — Este índice obtem-se multiplicando o diâmetro transverso máximo por 100 e dividindo este produto pelo diâmetro ântero-posterior máximo.

É o mais antigo de todos os índices antropológicos, porque nos dá a forma alongada ou alargada do crânio. Tem uma grande amplitude.

A nomenclatura de alguns índices tem variado bastante segundo os autores e segundo os seus tipos.

Para o índice cefálico usamos a classificação dos três tipos clássicos: *dolicocéfalo*, *mesaticéfalo* e *braquicéfalo* com os subtipos para o 1.º e para o 3.º que é a classificação francesa, uma

das classificações citada por Martin, e cujos valores damos a seguir:

Ultra doliocéfalo	X	—	64,99
Hiperdolioscéfalo	65,0	—	69,99
Dolioscéfalo	70,0	—	74,99
Subdolioscéfalo	75,0	—	77,76
Mesaticéfalo	77,77	—	79,99
Subbraquicéfalo	80,0	—	83,32
Braquicéfalo	83,33	—	84,99
Hiperbraquicéfalo	85,0	—	89,99
Ultrabraquicéfalo	90,0	—	X

Índice vértico-longo — É dado pela relação centesimal entre a altura vertical e o seu diâmetro ântero-posterior.

Os seus valores, segundo a classificação de Broca, Topinard e outros, distribuem-se pelas três classes seguintes:

Camecéfalo	X	—	69,9
Ortocéfalo	70,0	—	74,9
Hipsicéfalo	75,0	—	X

Índice vértico-transverso — É a relação centesimal entre a altura vertical do crânio e o diâmetro transverso.

Os seus valores distribuem-se pelas seguintes classes:

Tapeinocrânio	X	—	91,9
Matriocrânio	92,0	—	97,9
Acrocrânio	98,0	—	X

Índice fronto-parietal — É a relação centesimal entre o diâmetro frontal mínimo e o diâmetro transverso máximo.

Os seus valores e as designações atribuídas por Martin, são as seguintes:

Estenometope	X	—	65,9
Metriometope	66,0	—	68,9
Eurimetope	69,0	—	X

Índice do prognatismo — Este índice resulta da relação centesimal entre o diâmetro básico-próstio e o diâmetro básico-násio.

A sua classificação e os seus valores são:

Ortognata	X	— 97,9
Mesognata	98,0	— 102,9
Prognata	103,0	— X

Índice orbitário — Este índice obtem-se dividindo o produto da altura da órbita por 100, pela largura da mesma. Os seus valores estão estabelecidos nas três classes seguintes:

Camecônquico	X	— 75,9
Mesocônquico	76,0	— 84,9
Hipsicônquico	85,0	— X

Índice nasal — É dado pela relação centesimal entre a largura máxima da abertura piriforme e a altura do nariz. Dá-nos a forma do nariz. A sua classificação e os seus valores, segundo Broca, são como seguem:

Leptorrínio	X	— 46,9
Mesorrínio	47,0	— 52,9
Platirrínio	53,0	— X

Índice do palatino — É dado pela relação centesimal entre a largura do palatino e o seu comprimento. A sua classificação e os seus valores são os seguintes:

Leptoestafilino	X	— 79,9
Mesoestafilino	80,0	— 84,9
Braquiestafilino	85,0	— X

Índice do buraco occipital — É a relação centesimal entre o diâmetro ântero-posterior do buraco occipital e o diâmetro transversal.

Os seus valores são como seguem:

Estreito	X	— 81,9
Mediano	82,0	— 85,9
Largo	86,0	— X

Índice cefálico — A determinação deste índice não nos deu nenhum crânio braquicéfalo. Poderíamos supor o contrário porque na gruta do Escoural têm sido descobertas várias pinturas rupestres, consideradas do período paleolítico.

O índice cefálico tem sido determinado em muitos trabalhos publicados entre nós em crânios humanos pré-históricos descobertos em Portugal.

Francisco Paula de Oliveira publicou em 1888 o trabalho *Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des travaux géologiques* ⁽¹⁾, no qual faz o estudo dos seguintes crânios pré-históricos: 3 de Muge, 2 da Casa da Moura (Cesareda), 1 de Cascais e 1 da gruta do Carvalhal. Neles determinou os seguintes valores do índice cefálico: 82,56 (♂), 73,41 (♀), 72,97 (♂), 71,65 (♂), 74,07 (♂), 74,05 (♂) e 88,00 (♂), respectivamente.

O mesmo autor, no trabalho *Caracteres descriptivos dos craneos da Cesareda* ⁽²⁾, descreveu 7 crânios masculinos, 4 femininos e 2 de sexo indeterminado. Em 5 dos masculinos encontrou os seguintes valores do índice cefálico: 71,65; 74,07; 77,65; 71,57 e 77,29 e em 1 feminino 76,26. O valor médio dos índices cefálicos masculinos é 74,44.

Em 1930 veio a Portugal o Prof. Henri Vallois para examinar o material ósseo humano de Muge e estudá-lo com

⁽¹⁾ Francisco Paula de Oliveira, *Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des travaux géologiques* in «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal», tomo II, Lisboa, 1880-1892, págs. 1 a 13.

⁽²⁾ Id. *Caracteres descriptivos dos craneos da Cesareda*, in «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal», tomo II, Lisboa, 1888-1892, págs. 109 a 118.

alguns pormenores. Não fez o estudo completo, como ele diz, porque um certo número de peças do material referido estava ainda envolvido pela massa calcária. Estudou 4 crânios do Cabeço da Arruda e 5 da Moita do Sebastião. Quatro deles haviam sido já estudados pelo arqueólogo Francisco Paula de Oliveira e pelo Prof. Mendes Correia. Nos 9 crânios Vallois determinou os seguintes valores dos índices cefálicos: 73,4 (♀), 73,4 (♂), 70,7 (♀), 72,9 (♂), 73,4 (♀), 69,1 (♂), 71,8 (♀), 73,6 (♀), e 72,4 (♀), que dão um valor médio do índice cefálico de 71,8, para os crânios masculinos e 72,5 para os crânios femininos (1).

Também Miguel Fusté Ara no seu trabalho *Restos humanos neolíticos de Serriña (Gerona)* (2), refere que em 3 dos 6 crânios estudados determinou os valores seguintes dos seus índices cefálicos: 79,89; 76,50 e 76,37. O seu valor médio é 77,58.

O Dr. Alfredo Atayde, que foi naturalista distinto do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», no trabalho intitulado *Ossadas pré-históricas da gruta dos Refugidos* (3), na região de Alenquer, fez várias considerações sobre 4 crânios incompletos, pertencentes ao espólio da mesma gruta, espólio que foi considerado do período neo-eneolítico. Em dois destes crânios, o 1.º e o 2.º, obteve os índices cefálicos de 74,0 e 70,8, respectivamente. No 3.º e no 4.º, pelo seu estado de fragmentação, não pôde determinar os referidos índices, no entanto ficou com a impressão de que deviam ser menos doliocéfalos do que os dois primeiros, isto é, subdolicocefalos.

(1) Henri V. Vallois, *Recherches su les ossements mesolithiques de Muges*, in «L'Anthropologie», tomo 40, Paris, 1930, págs. 337 a 389, com 11 figs.

(2) Miguel Fusté Ara, *Restos humanos neolíticos de Serriña (Gerona)*, in *Trabajos del Instituto Bernardino de Sahagún de Antropología y Etnología*, vol. II (Antropología), Madrid, 1946, págs. 21 a 38, 12 figs. e 4 est.

(3) Alfredo de Atayde, *Ossadas pré-históricas da gruta dos Refugidos*, separata da homenagem a Martins Sarmento, Guimarães, 1933, págs. 31 a 37, 5 figs.

O mesmo autor, no seu trabalho intitulado *Nota sobre a braquicefalia dum crânio de Muge* ⁽¹⁾, estudou um crânio do concheiro do Cabeço da Arruda, Muge, considerado do período mesolítico, que tinha o índice cefálico de 83,1, valor que o colocava dentro da braquicefalia, embora nos limites superiores da sub-braquicefalia.

Também o Prof. Mendes Correia, no trabalho de colaboração com o Prof. Carlos Teixeira, intitulado *A jazida pré-histórica da Eira Pedrinha (Condeixa)* ⁽²⁾ refere que o índice cefálico médio dos 48 crânios estudados desta estação eneolítica é de 74,05.

O Prof. A. Xavier da Cunha, no trabalho de colaboração com M. A. M. Neto, intitulado *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)* ⁽³⁾ fez o estudo descritivo e merístico de 8 crânios, 3 mandíbulas e 5 ossos longos: um úmero, um rádio, um fémur, uma tíbia e um perónio e dão de 4 dos crânios, adultos e masculinos os seguintes índices cefálicos: 74,30; 78,13; 80,66 e 75,26, que dão o índice médio de 77,33.

No nosso trabalho *Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra)* ⁽⁴⁾, fizemos o estudo de 3 crânios e de um hemicrânio daquela gruta e obtivemos neles os índices cefálicos: 85,88; 80,00 (?); 75,00 e 74,72 (?), o que lhes dá um valor médio de 78,90, valor dentro da mosaticefalia.

(1) Alfredo Ataíde, *Nota sobre a braquicefalia dum crânio de Muge*, Extracto do fascículo 3-4 do vol. XII dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1950, págs. 5 a 8, 2 figs.

(2) Mendes Correia e Carlos Teixeira, *A jazida pré-histórica da Eira-Pedrinha (Condeixa)*, «Serviços Geológicos de Portugal», Lisboa, 1949, 66 págs., 26 figs. e 16 estampas.

(3) A. Xavier da Cunha e M. A. M. Neto, *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)*, Separata das «Contribuições para o estudo da Antropologia Portuguesa», vol. XI, fasc. 72, Coimbra, 1958, págs. 223 a 420, 8 figs. e estampas.

(4) Agostinho F. Isidoro, *Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1964, págs. 221 a 284, 18 figs.

Dos 16 crânios estudados no presente trabalho, 13 estão entre a dolicocefalia e a mesaticefalia. Os outros três, o 7 e o 11 devem ter pertencido a indivíduos jovens e o 10 não permite a determinação do diâmetro ântero-posterior.

Os 13 crânios considerados deram-nos os seguintes valores médios dos seus índices cefálicos: 73,69 (♂) e 73,73 (♀). O valor médio geral é de 73,71.

Como vemos os crânios da gruta do Escoural são acentuadamente doliocéfalos.

O valor médio do índice cefálico dos crânios da gruta do Escoural é muito próximo do dos crânios da Cesareda (74,74), um pouco afastado dos de Muge (76,31) e muito afastado das estações neolíticas do Carvalhal (77,33) e mais afastado do dos crânios de Serriña (77,58).

O Sr. José António Domingos dos Santos, conservador do Instituto de Antropologia de Coimbra deu início em 1911 à colheita de 11.658 medidas cranianas em indivíduos portugueses, com as quais o Professor Eusébio Tamagnini ⁽¹⁾ determinou o índice cefálico respectivo. Nos indivíduos do distrito de Évora encontrou o índice cefálico médio de 77,33, valor no limite superior da sub-dolicocefalia, segundo a classificação francesa citada por Martin.

Os crânios encontrados na gruta do Escoural, situada no distrito de Évora, apresentam um índice cefálico médio muito inferior aos do Prof. Tamagnini. Mas, se aumentarmos duas unidades, como fazia Deniker ⁽²⁾, aos valores médios dos crânios por nós estudados, obtivemos 75,69 para o do sexo masculino e 75,73 para os do sexo feminino, valores ainda um pouco mais abaixo do que os da população actual do distrito de Évora, mas que colocam os habitantes da Gruta do Escoural na sub-dolicocefalia.

⁽¹⁾ Eusébio Tamagnini, *Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa*, «Rev. da Fac. de Ciências», T. II, Coimbra, 1932, págs. 100 a 121, 4 figs.

⁽²⁾ J. Deniker, *Les races de l'Europe. I. L'indice cephalique en Europe*, «Ass. Fr. l'Avanc. des Sciences». Congresso de St. Etienne (1907), Paris, 1809.

Quanto aos outros índices cranianos os seus valores são os seguintes:

Vértico-longo	72,88 (♂) e 73,86 (♀)
Vértico-transverso	97,38 (♂) e 99,49 (♀)
Fronto-parietal	69,32 (♂) e 68,25 (♀)
Frontal-transverso	81,14 (♂) e 78,65 (♀)
Prognatismo	92,05 (♂) e 92,65 (♀)

Orbitário:

OD — 82,44 (♂)	OE — 81,36 (♂)
OD — 85,09 (♀)	OE — 85,36 (♀)

Nasal	49,88 (♂) e 51,96 (♀)
Palatino	95,20 (♂) e 96,53 (♀)
Buraco occipital	81,82 (♂) e 90,62 (♀)

Os valores destes índices cranianos são semelhantes aos valores encontrados para os mesmos índices, pelos autores referidos atrás.

Os crânios referidos atrás são classificados, segundo os valores dos seus índices, assim:

- Crânio 1* — Dolicocéfalo, frente média (metriometope), cristas temporais divergentes, órbitas médias (mesocônquico), nariz largo (platirrinio), palatino largo (braquiestafilino) e buraco occipital mediano;
- Crânio 2* — Dolicocéfalo, crânio médio (ortocrânio), frente larga (eurimetope), ortognata, órbitas baixas (camecônquico) nariz médio (mesorrínio); palatino largo (braquiestafilino);
- Crânio 3* — Dolicocéfalo, frente larga (eurimetope), cristas temporais intermediárias, órbitas baixas (camecônquico), nariz médio (mesorrínia) e palatino largo (braquiestafilino);
- Crânio 4* — Sub-dolicocéfalo, frente média (metriometope), cristas pouco divergentes, órbitas médias (mesocônquico), nariz largo (platirrinio), palatino largo (braquiestafilino);

- Crânio 5* — Mesaticéfalo, crânio alto (hipsicrânio), fronte média (metriometope), cristas temporais intermédias, ortognata, órbitas altas (hipsiconque) e nariz largo (platirrínio);
- Crânio 6* — Dolicocéfalo, crânio médio (ortocrânio), fronte média (metriometope); cristas temporais intermédias, ortognata, órbitas médias (mesoconque), nariz largo (platirrínio), palatino largo (braquiestafilino) e buraco occipital largo.
- Crânio 7* — Sub-dolicocéfalo, crânio médio (ortocrânio), fronte larga (eurimetope), cristas parietais intermédias, órbitas altas (hipsiconque), buraco occipital mediano;
- Crânio 8* — Dolicocéfalo, crânio médio (ortocrânio), fronte larga (eurimetope), cristas temporais intermédias, ortognata, palatino largo (braquiestafilino) e buraco occipital estreito;
- Crânio 9* — Dolicocéfalo, fronte média (metriometope), cristas temporais intermédias, órbitas altas (hipsiconque), nariz médio (mesorrínio);
- Crânio 10* — Crânio alto (acrocrânio), fronte larga (eurimetope) cristas temporais intermédias, ortognata, órbitas altas (hipsiconque), nariz largo (platirrínio), palatino largo (braquiestafilino);
- Crânio 11* — (juvenil), crânio médio (metriocrânio), fronte larga (eurimetope), cristas temporais intermédias;
- Crânio 12* — Dolicocéfalo, fronte média (metriometope), cristas temporais divergentes;
- Crânio 13* — Dolicocéfalo, crânio alto (acrocrânio), fronte estreita (estenometope), cristas temporais divergentes;
- Crânio 14* — Dolicocéfalo;
- Crânio 15* — Dolicocéfalo, fronte estreita, cristas divergentes.
- Crânio 16* — Dolicocéfalo e estenometope.

CAPACIDADE CRANIANA

Só pudemos determinar a capacidade craniana nos crânios 1, 3 e 5 por serem os que se encontram em melhor estado de conservação.

Usamos o método de Broca que consiste em encher o crânio de grãos de chumbo, tendo previamente tapado as órbitas e qualquer outro orifício com algodão.

A determinação fez-se depois com uma proveta graduada.

O crânio 1 tem a capacidade de 1280 cm³; o 3 a de 1100 cm³ e o 5 a de 1200 cm³.

O 1 e o 5 são crânios pequenos e o 3 é um crânio microcéfalo.

MANDÍBULAS

Já referimos atrás que há neste espólio 24 mandíbulas, todas incompletas e vários fragmentos de muitas outras.

Damos a seguir a descrição destas mandíbulas.

Mandíbula I (Est. IX, figs. 17 e 18) — Masculina (?), de adulto, com o mento saliente, sem o ângulo goníaco esquerdo e sem a metade superior do ramo esquerdo; buracos mentonianos pequenos, gónio direito com acentuada extroversão; arcada alveolar parabólica, com os dentes: P₁, P₂, M₁, M₂ e M₃, todos com a superfície trituradora com desgaste acentuado excepto os M₃, cujas coroas apresentam pouco uso; o M₃ do ramo esquerdo tem uma perfuração na coroa, devido à cárie; os dentes que faltam caíram *post-mortem*; apófises *genii*, pouco marcadas e chanfradura sigmoídeia direita pouco acentuada.

Mandíbula II (Ext. X, figs. 19 e 20) — Feminina (?), de adulto, com o mento saliente, sem a metade superior do ramo esquerdo; buracos mentonianos de tamanho médio, gónios com leve extroversão; arcada alveolar parabólica ainda com 8 dentes: P₁, P₂, M₂ e M₃ na metade direita e P₁, M₁, M₂ e M₃ na metade esquerda; alvéolo de M₁ da metade direita sinostosado; coroas dentárias muito gastas; apófises *genii* bem marcadas; ramos estreitos; chanfradura sigmoídeia acentuada; côndilo direito com a superfície articular elipsóide e a apófise coronóide aguçada.

Mandíbula III (Est. XI, figs. 21 e 22) — Feminina (?), de indivíduo jovem, com o mento pouco saliente; incompleta por lhe faltar parte do ramo direito e a apófise coronóide esquerda;

buraco mentoniano do lado direito; acentuada extroversão dos gónios; arcada alveolar parabólica, com 9 dentes: C_1 , C_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita e C_1 , P_2 , M_1 e M_2 na metade esquerda; coroas dentárias com manifesto desgaste, menos acentuado no M_3 e no M_2 esquerdo; ramos estreitos; apófises *genii* destruídas; côndilo esquerdo de superfície articular quase rectangular.

Mandíbula IV — Feminina (?), de adulto, com o mento pouco saliente, incompleto por lhe faltarem as apófises coronóides e o côndilo direito; acentuada extroversão do gónio esquerdo; arcada alveolar com 9 dentes: I_1 , I_2 , P_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita P_1 , M_1 e M_3 na metade esquerda; os que faltam caíram *post-mortem*; coroas dentárias muito gastas; ramos estreitos; apófises *genii* destruídas; côndilo esquerdo com a superfície articular elipsóide.

Mandíbula V — Feminina (?), de indivíduo jovem, mento pouco saliente; sem o côndilo direito; extroversão dos gónios pouco acentuada; arcada alveolar com 10 dentes: I_1 , I_2 , C_1 , M_1 na metade direita e I_2 , C_1 , P_1 , M_1 , M_2 e M_3 , na metade esquerda (o M_3 está todo enterrado no alvéolo); os que faltam caíram *post-mortem*; coroas dentárias gastas, especialmente as dos M ; ramos largos e baixos; apófises *genii* destruídas; côndilo esquerdo com superfície articular elipsóide e apófise coronóide arredondada.

Mandíbula VI — Masculina (?), robusta, de indivíduo adulto; incompleta por lhe faltar a porção superior do ramo esquerdo e a apófise coronóide esquerda; mento saliente; buracos mentonianos de tamanho regular; extroversão dos gónios pouco acentuada; arcada dentária com 15 dentes: I_1 , I_2 , C_1 , P_1 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita e I_1 , I_2 , C_1 , P_1 , M_1 , M_2 e M_3 na metade esquerda; coroas dentárias gastas, excepto a dos M_3 , que se encontra ainda perfeita; ramo direito e largo; apófises *genii* destruídas; côndilo direito com superfície articular elipsóide.

Mandíbula VII — Masculina (?), robusta, de indivíduo adulto, incompleta, por lhe faltar o côndilo e a apófise coronóide esquerda e parte do côndilo direito; mento saliente e buracos mentonianos de tamanho normal; acentuada introver-

são dos gónios; arcada alveolar parabólica com 11 dentes: C_1 , P_1 , P_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita e I_2 , C_1 , M_1 , M_2 e M_3 na metade esquerda; coroas dentárias um pouco gastas, com excepção das coroas dos M_3 que tem pouco uso; apófises *genii* pequenas; ramos largos e apófise coronóide arredondada.

Mandíbula VIII — Feminina (?), adulta, incompleta por não ter a extremidade superior do ramo e o côndilo esquerdo; mento saliente; buracos mentonianos arredondados e de tamanho médio; arcada dentária com 8 dentes: P_1 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita e I_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade esquerda; coroas dentárias gastas, excepto as dos dentes M_3 , cujos tubérculos são bem nítidos; sem apófises *genii*; ramos largos e apófise coronóide esquerda um pouco arredondada.

Mandíbula IX — Masculina (?), robusta, de indivíduo adulto, incompleta: faltam-lhe os côndilos e as apófises coronóides; mento pouco saliente; buracos mentonianos grandes; introversão dos gónios pouco acentuada; arcada alveolar parabólica com 7 dentes: P_1 , P_2 , M_1 e M_2 na metade direita e M_1 , M_2 e M_3 na metade esquerda; todos com a coroa muito gasta, excepto o M_3 , que ainda tem os tubérculos intactos; o M_1 da metade direita tem uma perfuração no bordo anterior, devido à cárie; apófises *genii* destruídas; ramos largos.

Mandíbula X — Masculina (?), de natureza média, de indivíduo adulto; faltam-lhe os côndilos e a parte do ramo esquerdo no seu bordo inferior e posterior; mento saliente; buraco mentoniano direito grande e esquerdo destruído; leve extroversão dos gónios; arcada alveolar com 15 dentes: I_1 , I_2 , C_1 , P_1 , P_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita e I_1 , I_2 , C_1 , P_1 , M_1 , M_2 e M_3 ; coroas dentárias muito gastas; apófises coronóides assimétricas: a direita mais desenvolvida que a esquerda; ramo direito largo.

Mandíbula XI — Feminina (?), de robustez média, de indivíduo adulto; faltam-lhe as extremidades superiores dos ramos e o bordo posterior dos mesmos; mento pouco saliente; buracos mentonianos médios; gónios com leve extroversão; arcada alveolar parabólica com 11 dentes: I_2 , C_1 , P_1 , P_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita e I_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade esquerda; somente

as coroas dos dentes M_1 estão gastas; apófise *genii* destruídas; ramos estreitos.

Mandíbula XII — Masculina (?), de robustez média, de indivíduo adulto; faltam-lhe os gónios, os côndilos e as apófises coronóides; mento saliente; buracos mentonianos de tamanho médio; arcada alveolar com 12 dentes: I_1 , I_2 , C_1 , P_1 , M_1 e M_3 na metade direita e I_1 , I_2 , C_1 , P_1 , P_2 e M_1 na metade esquerda; coroas muito gastas, excepto a do dente M_3 , que não tem sinal de uso; o M_1 da metade direita tem uma loca que ocupa quase toda a sua metade posterior, devida à cárie; ramos largos.

Mandíbula XIII — Feminina (?), de robustez média; de indivíduo adulto; faltam-lhe os dois côndilos; mento saliente; buracos mentonianos grandes; leve extroversão dos gónios; arcada alveolar com 12 dentes: I_2 , C_1 , P_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita e I_1 , I_2 , P_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade esquerda; coroas dentárias todas muito gastas; apófises coronóides arredondadas; ramos de largura média.

Mandíbula XIV — Feminina (?), de corpo espesso, mas baixo, de indivíduo adulto; côndilo esquerdo destruído; mento pouco saliente; buracos mentonianos pequenos; gónios com pequena introversão; arcada alveolar com dois dentes: M_1 na metade direita e M_1 na metade esquerda; coroas dentárias com bastante uso; apófises coronóides assimétricas; a direita com a extremidade arredondada e a esquerda aguçada; ramos longos; chanfraduras sigmoideias pouco acentuadas, apófises *genii* destruídas.

Mandíbula XV — Masculina (?), muito robusta, de indivíduo adulto; incompleta, pois já não tem a porção posterior direita do corpo e respectivo ramo, a apófise coronóide e o côndilo esquerdo; mento saliente; buraco mentoniano de tamanho médio; acentuada extroversão do gónio esquerdo; arcada alveolar com 12 dentes: I_1 , I_2 , C_1 , P_1 , M_1 e M_2 na metade direita e I_1 , C_1 , P_1 , P_2 , M_1 e M_2 na metade esquerda; coroas dentárias com algum uso.

Mandíbula XVI — Feminina (?), de robustez média, de indivíduo adulto; incompleta por lhe faltar quase todo o ramo esquerdo, o côndilo direito e a apófise coronóide; mento algo

saliente; buracos mentonianos pequenos; acentuada introversão do gônio direito; arcada alveolar com 6 dentes: P₁, M₂ e M₃ na metade direita e P₁, M₁ e M₂ na metade esquerda; coroas dentárias muito gastas, principalmente as dos dentes da metade direita; profundidade da chanfradura sigmoideia esquerda acentuada; apófises *genii* rudimentares.

Mandíbula XVII — Feminina (?), de robustez média, de indivíduo adulto; incompleta, sem quase a totalidade dos ramos; mento pouco saliente; buracos mentonianos ausentes; arcada alveolar com 13 dentes: I₁, I₂, C₁, P₂, M₁, M₂ e M₃ na metade direita e C₁, P₁, P₂, M₁, M₂ e M₃ na metade esquerda; coroas dentárias muito gastas, excepto as dos M₃, que estão mais conservadas; apófises *genii* desenvolvidas.

Mandíbula XVIII — Masculina (?), robusta, de indivíduo adulto; incompleta por não ter já parte do ramo direito, a parte posterior da metade esquerda do corpo e o respectivo ramo; mento pouco saliente; buracos mentonianos de tamanho médio; leve introversão do gônio direito; arcada alveolar com 7 dentes: C₁, P₁, P₂, M₁ e M₂ na metade direita e M₁ e M₂ na metade esquerda; coroas com pouco uso.

Mandíbula XIX — Masculina (?), de robustez média, de indivíduo adulto, reduzida ao corpo; mento pouco saliente; arcada alveolar com 14 dentes: I₁, I₂, C₁, P₁, P₂, M₁, M₂ e M₃ na metade direita e I₁, I₂, C₁, P₁, P₂ e M₁ na metade esquerda; o M₃ está ainda quase todo enterrado no alvéolo; coroas pouco gastas.

Mandíbula XX — Masculina (?), robustez média, de indivíduo adulto; incompleta por lhe faltar a porção posterior da metade direita do corpo e o respectivo ramo, o côndilo e a apófise coronóide, do lado esquerdo; mento pouco saliente; arcada alveolar com 8 dentes: C₁, P₁, P₂, M₁ e M₂ na metade direita e C₁, M₁ e M₂ na metade esquerda; coroas dentárias muito gastas; apófises *genii* pouco desenvolvidas.

Mandíbula XXI — Masculina (?), robusta, de indivíduo adulto; incompleta, pois falta-lhe a porção posterior da metade direita do corpo com o respectivo ramo; mento saliente; arcada dentária com 6 dentes: M₁, M₂ e M₃ na metade direita e P₁, M₁

e M_2 na metade esquerda; o M_1 da metade direita tem uma loca na região posterior, que ocupa quase toda a coroa, devido à cárie; buracos mentonianos assimétricos; o direito é grande e o esquerdo pequeno; superfície articular do côndilo esquerdo elipsóide, apófise coronóide aguçada e profundidade acentuada da chanfradura sigmoideia.

Mandíbula XXII — Masculina (?), robusta, de indivíduo adulto; incompleta por lhe faltar quase toda a sua metade esquerda, o côndilo direito e a apófise coronóide; mento saliente; buraco mentoniano direito pequeno; tem seis dentes: C_1 , P_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita e C_1 na pequena porção existente da metade esquerda; coroas dentárias com pouco uso, especialmente as de M_2 e M_3 .

Mandíbula XXIII — Feminina (?), pouco robusta, de indivíduo adulto; falta-lhe quase toda a metade esquerda e a parte superior do ramo direito; tem ainda 7 dentes: C_1 , P_1 , P_2 , M_1 , M_2 e M_3 na metade direita e C_1 na porção existente da metade esquerda; o M_3 , está ainda quase todo enterrado no alvéolo; coroas com pouco uso.

Mandíbula XXIV — Feminina (?), pouco robusta, de indivíduo adulto; resta apenas a sua metade esquerda; tem 6 dentes: I_2 , C_1 , P_1 , P_2 , M_1 e M_2 ; todos com as coroas muito gastas; côndilo de superfície elipsóide; apófise coronóide arredondada e profundidade acentuada da chanfradura sigmoideia.

Há ainda 8 porções de mandíbulas, todas metades incompletas, quer direitas, quer esquerdas ou por porções de corpos mandibulares; todas têm alguns dentes, uns com as coroas pouco usadas, outros com muito uso.

Damos a seguir a indicação das medidas feitas nas mandíbulas:

Comprimento total da mandíbula (med. 68 de Martin) — distância projectiva entre a tangente dos pontos mais posteriores dos côndilos e uma tangente à parte mais anterior do mento;

Comprimento do corpo mandibular — distância entre o pogónion e o gónion.

Comprimento projectivo do corpo mandibular (med. 5 de Schultze, 1933) — distância que vai da perpendicular baixada do ponto mais saliente e anterior do mento, para o meio da linha de união dos dois gónios.

Largura bigoníaca ou angular (med. 66 de Martin) — distância entre os gónios;

Altura sinfisiana (med. 68 de Martin) — distância entre o ponto infradental e o gnátio.

Altura do corpo mandibular ao nível do buraco mentoniano (d).

Altura do corpo mandibular ao nível de M_1-M_2 (d).

Altura do corpo mandibular ao nível de M_2-M_3 (d).

Espessura máxima do corpo mandibular ao nível do buraco mentoniano (d).

Altura do ramo (med. 70 de Martin) — distância do gónio ao epicondilion;

Largura do ramo (med. 71 de Martin) — largura mínima do linha coronion-epicondiliiana.

Largura da incisura mandibular (med. 71 (1) de Martin) — distância entre os pontos superiormente mais salientes das apófises coronóides (coronion) e condilion (epicondilion).

Profundidade da incisura mandibular (med. 70 (3) de Martin) — profundidade máxima da incisura, medida a partir da linha coronion-epicondiliiana.

Com estas medidas, cujos valores indicamos no quadro 2, elaborámos os seguintes índices:

Índice do corpo mandibular: relação entre o comprimento projectivo do corpo mandibular vezes 100 e a largura angular.

Índice do ramo: relação entre a largura mínima do ramo vezes 100 e a altura do ramo.

Índice do ramo-incisura: relação entre a largura mínima do ramo vezes 100 e o comprimento da incisura.

Índice de robustez: relação entre a espessura máxima ao nível do buraco mentoniano vezes 100 e a altura ao mesmo nível.

Índice da incisura mandibular: relação entre a profundidade da incisura mandibular vezes 100 e o comprimento da incisura mandibular.

Estes índices têm os valores seguintes:

Índice do corpo mandibular ♂ (?)	79,84
Índice do corpo mandibular ♀ (?)	71,07
Índice médio do corpo mandibular	74,17
Índice do ramo (e) ♂ (?)	56,14
Índice do ramo (d) ♀ (?)	59,79
Índice do ramo (e) ♀ (?)	55,62
Índice do ramo (d) ♂ (?)	63,59
Índice médio do ramo	58,96
Índice do ramo-incisura (e) ♂ (?)	88,88
Índice do ramo-incisura (d) ♀ (?)	95,54
Índice do ramo-incisura (e) ♀ (?)	92,05

Índice médio de robustez ao nível do buraco mentoniano (d):

♂ (?)	35,40
♀ (?)	40,10

Índice médio de robustez ao nível de M₂-M₃ (d):

♂ (?)	53,85
♀ (?)	55,99
Índice da incisura mandibular (d) ♂ (?)	30,64
Índice da incisura mandibular (e) ♀ (?)	33,33

Não são muitas as jazidas ósseas humanas pré-históricas estudadas em Portugal em que se tenham encontrado mandíbulas.

Foi Alfredo Atayde quem estudou em Portugal as primeiras mandíbulas pré-históricas, no seu trabalho *Ossadas pré-históri-*

cas da gruta dos Refugidos ⁽¹⁾. Nele dá algumas medidas duma mandíbula completa e de 15 porções de outras do mesmo espólio ósseo, mas não determinou qualquer índice.

Em 1949 o Prof. Mendes Correia, no trabalho *A jazida pré-histórica da Eira Pedrinha (Condeixa)* ⁽²⁾, de colaboração com o Prof. Carlos Teixeira, determinou nas mandíbulas desta necrópole, vários índices entre eles os índices mandibular e do ramo. Os valores destes índices vão de 52,8 a 70,1 e de 43,5 a 88,6, respectivamente.

Miguel Fusté Ara ⁽³⁾, em 6 mandíbulas estudadas dá para o índice do ramo o valor médio de 48,30.

Em *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)* ⁽⁴⁾, os autores dão os seguintes índices referentes a duas mandíbulas adultas:

Índice do ramo esquerdo	44,54
Índice do ramo direito	51,61
Índice da incisura mandibular	38,46
Índice do ramo-incisura	98,46

No *Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra)* ⁽⁵⁾, estudámos 18 mandíbulas. Numa determinámos o índice mandibular, que nos deu o valor de 80,32, em 6 o índice do ramo que nos deu o valor médio de 55,51 e

⁽¹⁾ Alfredo Atayde, *Ossadas pré-históricas da gruta dos Refugidos*, op. cit.

⁽²⁾ Mendes Correia e Carlos Teixeira, *A jazida pré-histórica da Eira Pedrinha (Condeixa)*, op. cit.

⁽³⁾ Miguel Fusté Ara, *Restos humanos neolíticos de Serriña (Gerona)*, cit. pág. 27.

⁽⁴⁾ A. Xavier da Cunha e M. A. M. Neto. *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)*, separata das «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», Vol. XI, fasc. 72, Coimbra, 1958, págs. 223 a 420, 8 figs. e 3 estampas.

⁽⁵⁾ Agostinho Farinha Isidoro, *Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra)*, Porto, 1964, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XIX, fasc. 3-4, págs. 221 a 284, com 18 figs.

em 2 mandíbulas o índice ramo-incisura com o valor médio de 92,19.

Rolando Maria Albuquerque, no seu trabalho *Estudos antropológicos da mandíbula dos Portugueses* ⁽¹⁾, dá os valores médios dos índices seguintes no homem e na mulher:

	♂	♀
Índice mandibular	92,4	91,0
Índice do ramo	50,8	54,2
Índice da incisura mandibular . . .	41,5	38,9

Comparando os valores destes autores com os nossos do Escoural verificamos, nuns casos, valores aproximados, noutros, valores um pouco distantes, mas cremos que devido à diferença do número pequeno de casos estudados.

ÚMEROS

Estudámos 37 úmeros; destes, 11 estão completos e 26 incompletos; 22 são direitos e 15 esquerdos.

Atendendo à sua maior ou menor robustez considerámos 6 como masculinos e 11 como femininos.

Apenas em 11 pudemos determinar o comprimento máximo. Com esta medida e com outras, que indicámos no quadro 3, achámos os índices de robustez, o diafisário e o da secção da cabeça.

Os valores médios destes índices são respectivamente 18,71, 76,6 ± 0,84 e 96,45.

Comparando estes valores com os valores achados por outros autores em estudos feitos em estações arqueológicas nacionais e estrangeiras concluímos pela sua semelhança, conforme indicamos a seguir (pág. 38):

(1) Rolando Maria Albuquerque, *Estudo antropológico da mandíbula dos Portugueses*, in «Rev. da Fac. de Ciências», Vol. XXI, Coimbra, 1952, págs. 31 a 160, 16 figs.

	Estações arqueológicas	Índice de robustez	Índice da diáfise	Índice da secção da cabeça
(1)	Carenque	20,48	77,46	—
	Cascais	19,91	78,17	—
Henri Vallois	Ombrive	—	79,1	—
Alfredo Atayde	Concheiros mesolíticos- -Muge	—	76,82	93,5
Mendes Correia	Eira Pedrinha	♂ 21,65 ± 0,3 ♀ 21,65 ± 0,4	♂ 79,95 ± 1,05 ♀ 78,00 ± 1,85	♂ 94,95 ± 0,65 ♀ 93,75 ± 1,05
Miguel F. Ara	Serifa (Gerona)	20,44	—	—
Xavier da Cunha	Grutas do Carvalho (Alcobaça)	20,72	70,21	102,38
Denise Feremback	Salemas	19,0 (?)	80,0	—
Denise Feremback	Natoufien d'Israel	20,8	79,4	—
A. Isidoro	Gruta do Bugio	—	71,58	92,2
A. Isidoro	Gruta do Escoural	18,71	76,6 ± 0,84	96,45

(1) Estações citadas por A. Xavier da Cunha e M. A. M. Neto, *op. cit.*

RÁDIOS

Em 20 rádios há 11 completos e 8 incompletos, conforme podemos ver no quadro 4.

Com as medidas referidas neste quadro calculámos os índices de robustez e diafisário, cujos valores se encontram entre os valores médios referidos por outros autores, como vemos no quadro comparativo indicado a seguir:

	Estações arqueológicas	Índice de robustez	Índice diafisário
(¹)	Carenque	16,92	—
Henri Vallois	Ombive	17,16	79,1
Alfredo Atayde	Novos esqueletos humanos	16,97	76,15
Miguel F. Ara	Seriña (Gerona)	18,66	—
A. Xavier da Cunha e...	Grutas do Carvalhal (Alcobaça)	17,45	—
Denise Feremback	Natoufien d'Israel	17,96	74,32
A. Isidoro	Gruta do Bugio	17,80	73,12
A. Isidoro	Gruta do Escoural	18,80	74,55

O Prof. Mendes Correia (²) calculou os valores médios dos mesmos índices em rádios de Portugueses actuais e dá para os mesmos os seguintes valores médios:

<i>Índice de robustez</i>	<i>Índice diafisário</i>
♂ 18,01 ± 0,17 d	♂ 79,07 ± 0,76 d
♀ 17,24 ± 0,20 d	♀ 74,93 ± 0,98 d
♂ 18,40 ± 0,24 e	♂ 76,84 ± 0,54 e
♀ 17,12 ± 0,19 e	♀ 72,54 ± 1,04 e

(¹) Estação citada por A. Xavier da Cunha e M. A. M. Neto, *op. cit.*

(²) Mendes Correia, *Osteometria portuguesa — Esqueleto apendicular dos membros superiores*, 1921.

CÚBITOS

Temos 21 cúbitos: 5 completos e 16 incompletos; 13 direitos e 8 esquerdos

Com as medidas no quadro 5 calculámos os índices de robustez, diafisário e platolenia, cujos valores médios se encontram entre os valores médios referidos por outros autores que estudaram estações arqueológicas semelhantes, como indicamos a seguir:

	Estações arqueológicas	Índice de robustez	Índice diafisário	Índice de platolenia
Henri Vallois	Ombrive	13,5	85,1	86,25
Miguel F. Ara	Seriña (Gerona)	16,32	—	—
D. Feremback	Squelets de Noutifien d'Israel	13,83	—	91,88
Agostinho Isidoro	Gruta do Bugio	16,01	79,50	86,23
D. Feremback	Salemas	—	123,1	—
Agostinho Isidoro	Gruta do Escoural	15,23	80,06 ± 1,90	79,10 ± 1,67

O Prof. Mendes Correia ⁽¹⁾ determinou os índices de robustez e diafisário em cúbitos de portugueses actuais e encontrou para estes índices os seguintes valores médios:

<i>Índice de robustez</i>	<i>Índice diafisário</i>
♂ 14,95 ± 0,17 d	♂ 82,23 ± 1,16 d
♀ 13,95 ± 0,16 d	♀ 79,04 ± 1,19 d
♂ 14,15 ± 0,24 e	♂ 80,72 ± 1,01 e
♀ 13,62 ± 0,24 e	♀ 77,18 ± 1,23 e

(¹) Mendes Correia, *op. cit.*

FÊMURES

Estudámos 54 fêmures. Destes apenas 1 se apresenta íntegro. Todos os outros estão mais ou menos incompletos; a uns falta uma porção da cabeça, a outros uma porção dos côndilos, e a outros parte dos tracânteres, etc. etc.

Em todos eles determinámos várias medidas e apenas em 22 determinámos o comprimento máximo (quadro 6).

Há 28 direitos e 26 esquerdos. Atendendo especialmente à maior ou menor robustez da sua linha áspera consideramos 31 masculinos e 23 femininos.

Calculámos os índices de robustez, de pilastra, de platiméria e da cabeça. Os seus valores médios encontram-se entre os valores dados por autores em estudos feitos noutras estações arqueológicas semelhantes, como a seguir indicamos (pág. 42).

TÍBIAS

Estudámos 39 tíbias. Destas apenas 16 estão completas. Todas as outras estão mais ou menos incompletas. A umas falta a epífise superior, a outras a inferior e de outras temos apenas a porção média.

Em todas fizemos as medidas indicadas no quadro 7 e determinámos os índices, que no mesmo referimos.

A seguir apresentamos o mapa comparativo dos valores médios dos nossos índices com os de outros autores (pág. 43).

Avaliação da estatura

Determinámos a estatura dos homens e das mulheres da gruta do Escoural, em alguns úmeros, rádios, cúbitos, fêmures e tíbias, em função do seu comprimento

Usámos os três processos mais correntes: Tabelas de Manouvrier, Tabela de Pearson e Tabela de M. Trotter & G. C. Gleser.

	Estações arqueológicas	Índice de robustez	Índice pilastra	Índice platimeria	Índice da cabeça
H. Vallois	Ombrive	12,27	115,4	73,5	—
Alfredo Atayde	Novos esqueletos humanos	22,65 ^(a)	—	75,00	100,00
M. Correia	Eira Pedrinha	20,2 ± 0,5 d ^(a) 21,5 ± 0,4 d ^(a)	♂ .115,6 ± 1,7 d ♂ .108,4 ± 1,5 e ♀ .104,8 ± 0,7 e	♂ 76,8 ± 0,7 d ♀ 75,6 ± 1,2 d ♂ 75,1 ± 0,4 e ♀ 73,7 ± 1,2 e	♂ 98,1 ± 0,2 ♀ 98,1 ± 0,4 ♂ 97,9 ± 0,3 ♀ 99,2 ± 0,4
A. Xavier da Cunha	As grutas do Carvalhal (Alcobaça)	—	112,24 e	68,75 e	100,00 e
D. Feremback	Squelletes de Nautifien	♂ 13,3 (d + e)	♂ 122,2	82,4 (d + e)	98,67 (d + e)
A. Isidoro	Gruta do Bugio	13,46 (E.F.) 13,35 (Mart.)	107,87 (E.F.) 109,34 (Mart.)	79,54 (Maie.) 79,54 (Mart.)	98,85
D. Feremback	Salemas	—	116,7	76,3	—
A. Isidoro	Gruta do Escoural	♂ 12,41 ± 0,16 (E.F.) ♀ 12,20 ± 0,17 (E.F.) ♂ 12,77 ± 0,16 (Mart.) ♀ 12,58 ± 0,19 (Mart.)	♂ 108,99 ± 3,24 (E.F.) ♀ 102,99 ± 2,24 (E.F.) ♂ 110,60 ± 1,50 (Mart.) ♀ 102,45 ± 1,4 7(Mart.)	♂ 74,78 ± 1,44 (Man.) ♀ 74,99 ± 1,28(Man.) ♂ 77,82 ± 1,86 (Mart.) ♀ 78,64 ± 1,64 (Mart.)	♂ 101,49 ± 0,85 ♀ 100,36 ± 0,36
M. Correia ⁽¹⁾	Portugueses Actuais	♂ 19,99 + 0,12 ^(a) ♀ 20,05 + 0,15 ^(a) ♂ 20,05 + 0,16 ^(a) ♀ 20,04 + 0,13 ^(a)	♂ 108,84 ± 1,09 ♀ 109,43 ± 1,23 ♂ 105,80 ± 1,03 ♀ 105,16 ± 1,18	♂ 83,23 ± 0,63 ♀ 83,78 ± 0,72 ♂ 82,96 ± 0,61 ♀ 81,77 ± 0,79	♂ 98,82 ± 0,19 ♀ 98,03 ± 0,23 ♂ 98,72 ± 0,19 ♀ 98,63 ± 0,19

^(a) Estes autores usaram, para a determinação deste índice a fórmula $100 \times \text{Perímetro} \div \text{comprimento fisiológico}$. Nós e os outros autores usámos a fórmula $100 \times (\text{D. ânteroposterior ao meio da diáfise} + \text{D. transverso a meio da diáfise}) \div \text{comprimento fisiológico}$. Daí os valores serem diferentes.

⁽¹⁾ Mendes Correia *op. cit.*

	Estações arqueológicas	Índice de robustez	Índice diafisário	Índice cnémico ou platicnemia
B. Soeiro	Tíbias humanas mes. de Muge	—	—	62,88 ± 0,94
B. Soeiro	Tíbias humanas mes. de Muge	—	—	65,35 ± 0,24
	Cascais	20,31	—	64,06
	Carenque	21,21	—	65,06
H. Vallois	Ombrive	21	—	66
A. Atayde	Novos esqueletos humanos	21,9	70,0 (d) e 71,3 (e)	62,00 (d) e 63,40 (e)
M. Correia	Eira Pedrinha	—	♂ 71,4 ± 1,6 (d) ♀ 69,1 ± 0,8 (d) ♂ 69,1 ± 0,8 (e) ♀ 68,0 ± 1,7 (e)	♂ 67,7 ± 1,1 (d) ♀ 66,0 ± 1,31 (d) ♂ 64,8 ± 0,7 (e) ♀ 66,5 ± 0,5 (e)
A. Xavier da Cunha	As grutas do Carvalho (Alco-baça)	19,73	—	63,16
D. Feremback	Squelletes de Nautilien	21,6	—	68
A. Isidoro	Estudo do Espólio Antropológico (Bugio)	20,28	—	75,67
M. Correia (1)	Portugueses actuais	♂ 21,32 ± 0,14 (d) ♀ 20,44 ± 0,18 (d) ♂ 21,23 ± 0,18 (e) ♀ 20,35 ± 0,22 (e)	♂ 73,32 ± (d) ♀ 77,02 ± 0,95 (d) ♂ 73,14 ± 0,78 (e) ♀ 76,73 ± 0,83 (e)	♂ 71,59 ± 0,58 (d) ♀ 73,73 ± 0,78 (d) ♂ 71,27 ± 0,66 (e) ♀ 72,28 ± 0,83 (e)
A. Isidoro	Gruta do Escoural	19,85 (♀ e ♂)	71,92 (♂ e ♀)	66,49 ± 0,94 (♂ e ♀)

(1) Mendes Correia, *op. cit.*

A seguir damos os valores das estaturas referidas:

Tabelas de Manouvrier (em cm)

Úmeros — $158,24 \pm 0,84$ (σ); $148,36 \pm 0,71$ (φ).
 Rádios — $162,49 \pm 0,75$ (σ); $153,05 \pm 0,20$ (φ).
 Cúbitos — $162,20$ (σ); $145,50$ (φ).
 Fémures — $160,59 \pm 0,93$ (σ); $150,24 \pm 0,57$ (φ).
 Tíbias — $162,05 \pm 0,66$ (σ); $152,34 \pm 1,27$ (φ).

Estatuta média provável masculina — $161,11$ (σ).

Estatuta média provável feminina — $146,89$ (φ).

Tabela de Pearson (em cm)

Úmeros — $158,42 \pm 0,47$ (σ); $146,74 \pm 0,77$ (φ)
 Rádios — $162,02 \pm 0,72$ (σ); $153,12 \pm 0,32$ (φ)
 Fémures — $159,59 \pm 0,72$ (σ); $149,66 \pm 0,46$ (φ).
 Tíbias — $161,16 \pm 0,63$ (σ); $150,20 \pm 0,96$ (φ).

Estatuta média provável masculina — $160,29$ (σ)

Estatuta média provável feminina — $149,93$ (φ)

Tabela de M. Trotter & G. C. Gleser (para brancos) (em cm)

Úmeros — $164,12 \pm 0,51$ (σ); $149,64 \pm 0,84$ (φ).
 Rádios — $162,74 \pm 0,68$ (σ); $155,74 \pm 0,35$ (φ).
 Cúbitos — $165,80$ (σ); $148,30$ (φ).
 Fémures — $160,89 \pm 0,90$ (σ); $151,74 \pm 0,49$ (φ).
 Tíbias — $165,05 \pm 0,75$ (σ); $155,06 \pm 1,19$ (φ).

Estatuta média provável masculina — $163,72$ (σ)

Estatuta média provável feminina — $152,09$ (φ).

A estatura média determinada pelos três processos de avaliação referidos é de $161,70$ para os homens e de $150,63$ para as mulheres.

CRONOLOGIA E CONCLUSÕES

Os ossos humanos estudados neste trabalho foram encontrados na Gruta do Escoural. Uns encontravam-se disseminados à superfície da gruta, outros envolvidos no seu enchimento. Todos estes ossos estavam revestidos por uma camada de calcite, que se apresentava com espessura diferente.

De mistura com estes ossos foram encontrados vasos de cerâmica inteiros e fragmentados, machados, enxós e goivas de pedra polida e lâminas de sílex sem retoque, materiais do período neolítico, o que leva a afirmar que esta gruta, foi uma necrópole neolítica

Apreciando no seu conjunto os elementos merísticos colhidos nos 13 crânios adultos desta gruta verificámos que os indivíduos a quem eles pertenceram estão entre a dolicocefalia e mesaticefalia. Não há entre estes crânios nenhum braquicéfalo, o que nos sugere não ter sido sepultado ali nenhum indivíduo do período mesolítico

Lembramos a propósito que é a partir deste período que os crânios começam a tomar a forma esférica e que por isso os crânios braquicéfalos aumentam à custa dos dolicocefalos ⁽¹⁾.

Quanto à estatura dos homens e das mulheres sepultados nesta gruta, verificamos que ela é média ou algo baixa, pois temos para os homens a estatura média de 1,617 m e para as mulheres 1,506 m. No entanto o Prof. Tamagnani dá para a estatura média dos homens (soldados) do distrito de Évora o valor de 1,638 m ⁽²⁾ e António A. Themido ⁽³⁾, dá para a média das mulheres portuguesas a estatura de $1,5250 \pm 3,217$, valores

⁽¹⁾ Denise Feremback, *Thèses*, Paris 1956, 131 págs. 47 figs.

⁽²⁾ Eusébio Tamagnini, *Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa actual*, in «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», vol. II, Coimbra, 1932, págs. 100 a 121.

⁽³⁾ António Armando Themido, *Sobre alguns caracteres antropométricos da população portuguesa*, in «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», vol. II, Coimbra, 1932, págs. 217 a 241.

que não se afastam muito dos que encontramos para os indivíduos sepultados na Gruta do Escoural, que se encontra neste distrito.

Há assim predomínio dum elemento doliocéfalo, ortocéfalo, metriocrânio (♂) e acrocrânio (♀), metriometope (♀), eurimetope (♂), ortognata, mesocônquico (♂) e hipsicônquico (♀), mesorrínio, braquiestafilino, buraco occipital estreito (♂) e largo (♀), pilastra fraca, platimeria média e mesonemia (achatamento pouco sensível da tibia).

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Setembro de 1981

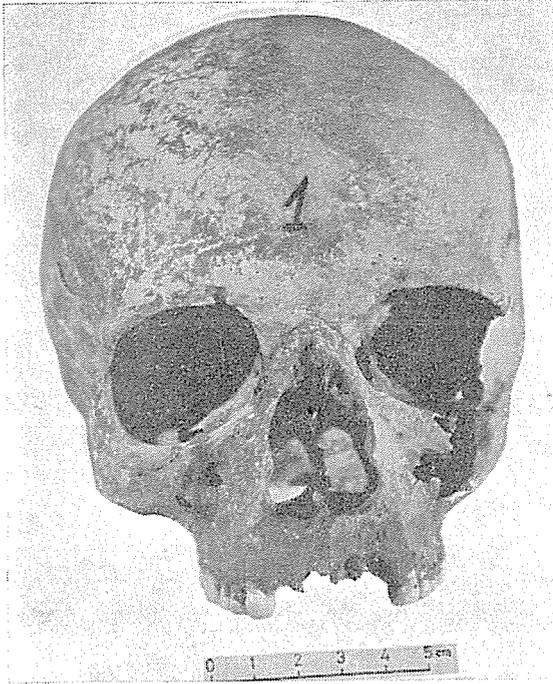


Fig. 1 — Crânio 1 — Norma frontal.

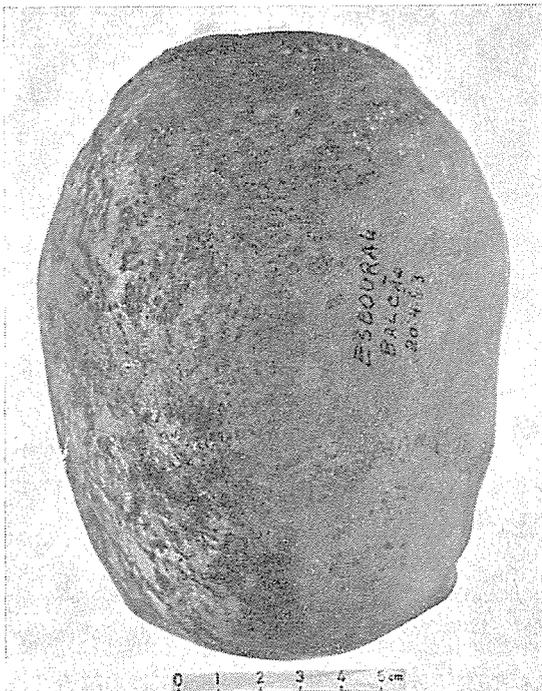


Fig. 2 — Crânio 1 — Norma vertical.

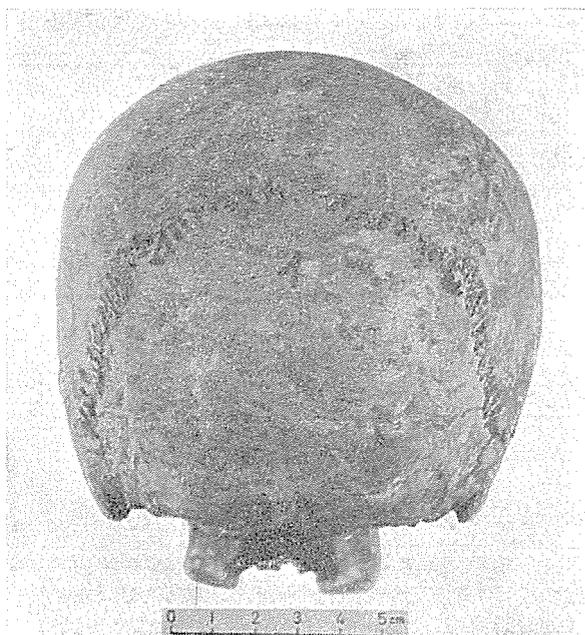


Fig. 3 — Crânio 1 — Norma occipital.

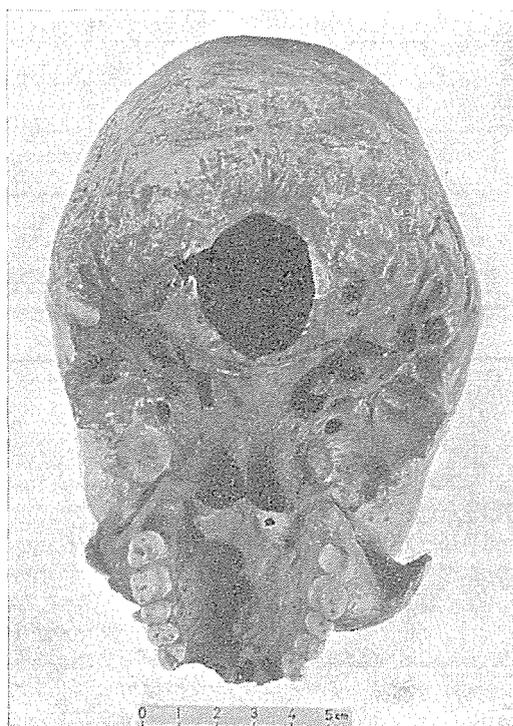


Fig. 4 — Crânio 1 — Norma basal.

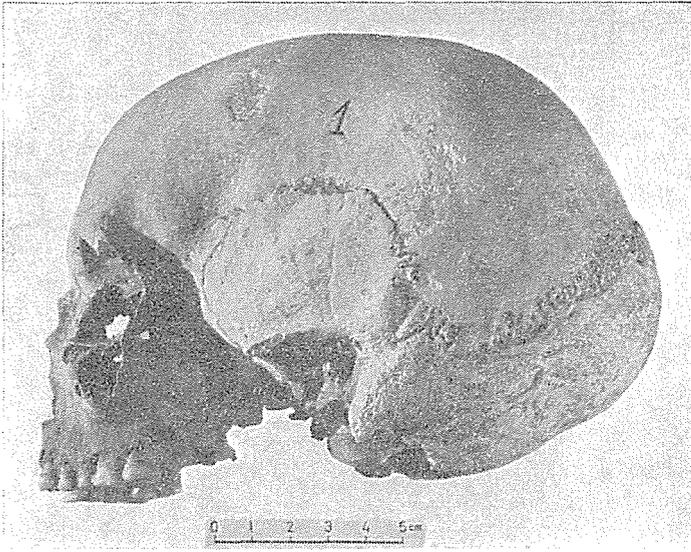


Fig. 5 — Crânio 1 — Norma parietal.

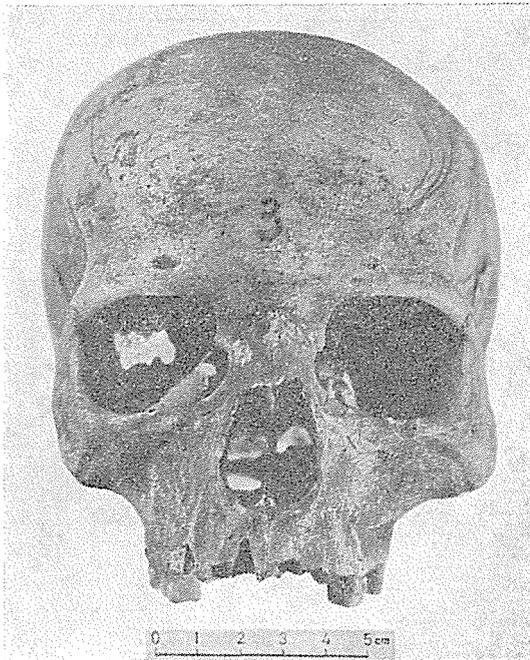


Fig. 6 — Crânio 3 — Norma frontal.

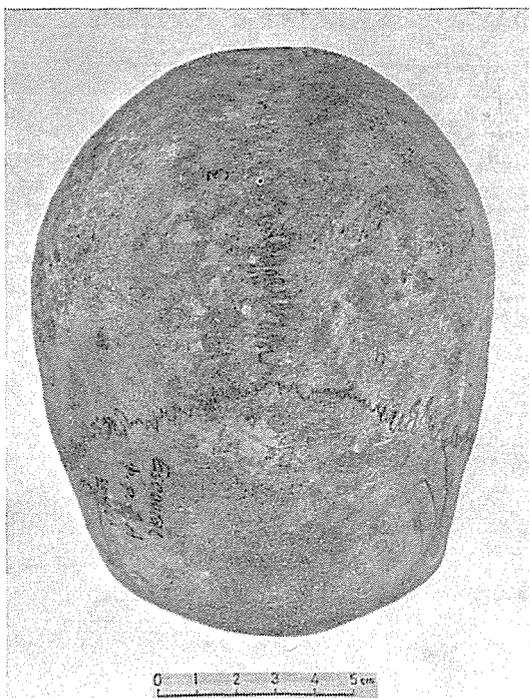


Fig. 7 — Crânio 3 — Norma vertical.



Fig. 8 — Crânio 3 — Norma occipital.

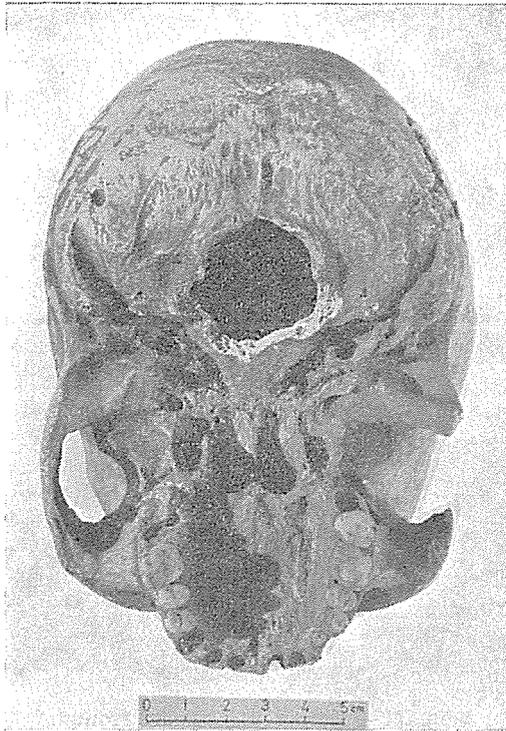


Fig. 9—Crânio 3—Norma basal.

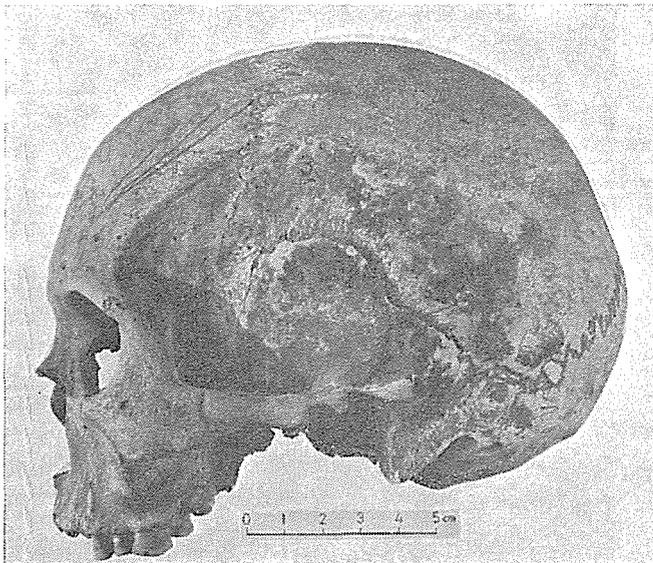


Fig. 10—Crânio 3—Norma lateral.

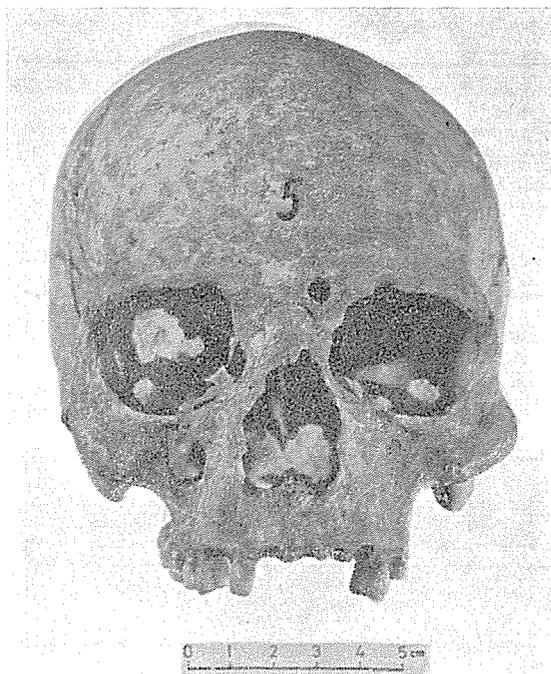


Fig. 11 — Crânio 5 — Norma frontal.

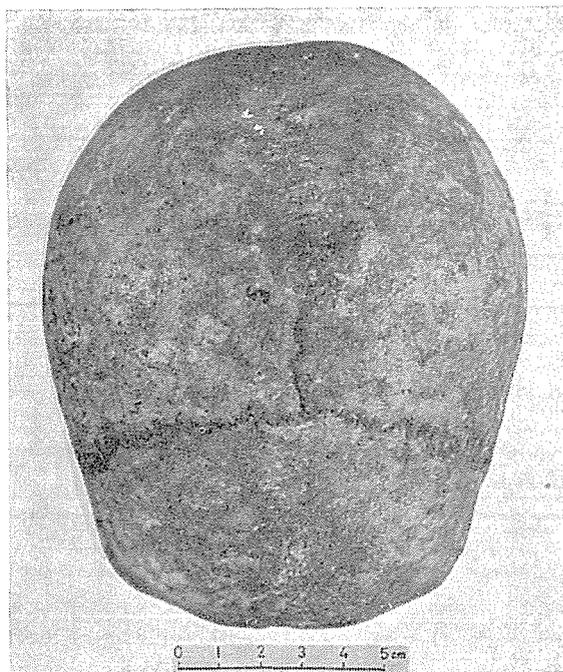


Fig. 12 — Crânio 5 — Norma vertical.



Fig. 13 — Crânio 5 — Norma occipital.

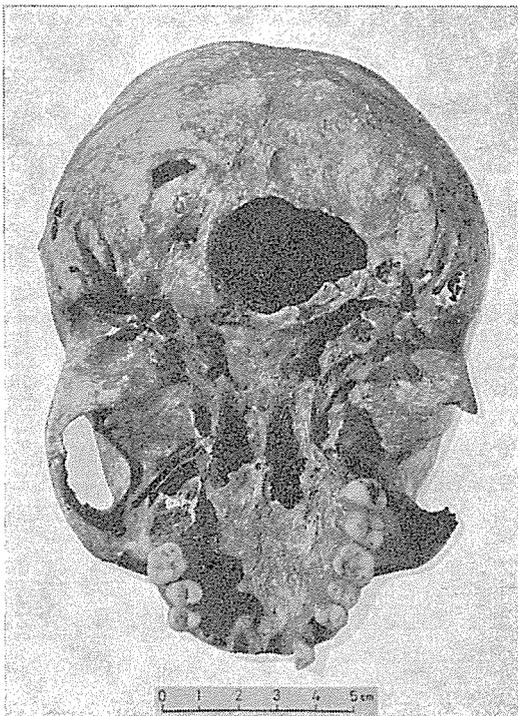


Fig. 14 — Crânio 5 — Norma basal.

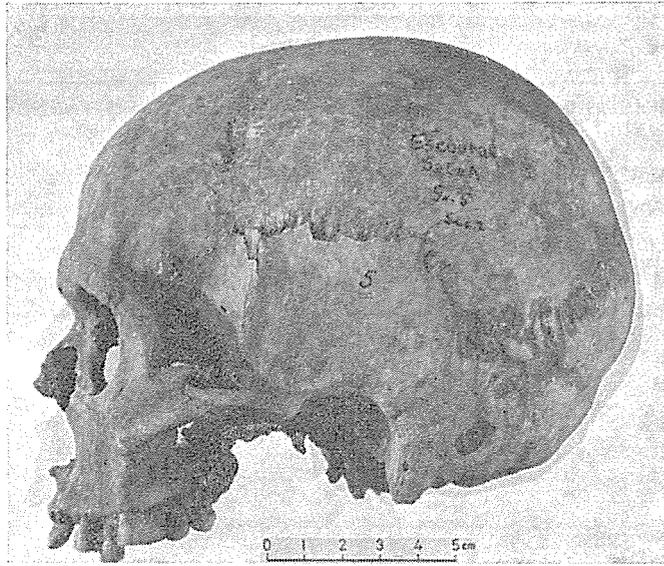


Fig. 15 — Crânio 5 — Norma lateral.

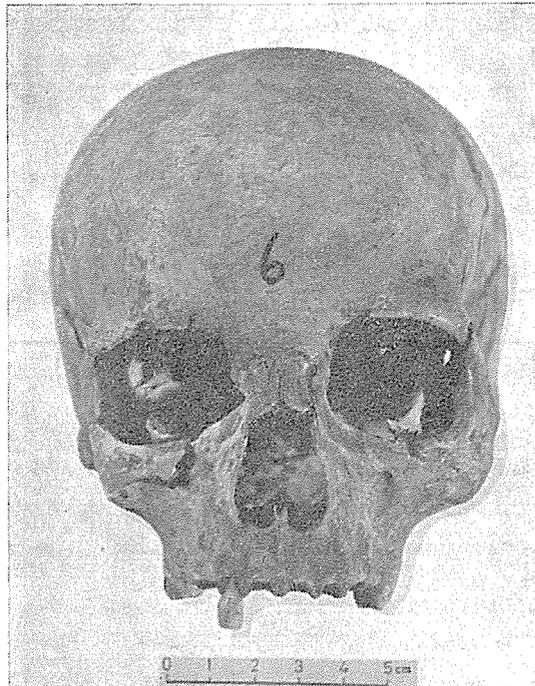


Fig. 16 — Crânio 6 — Norma frontal.

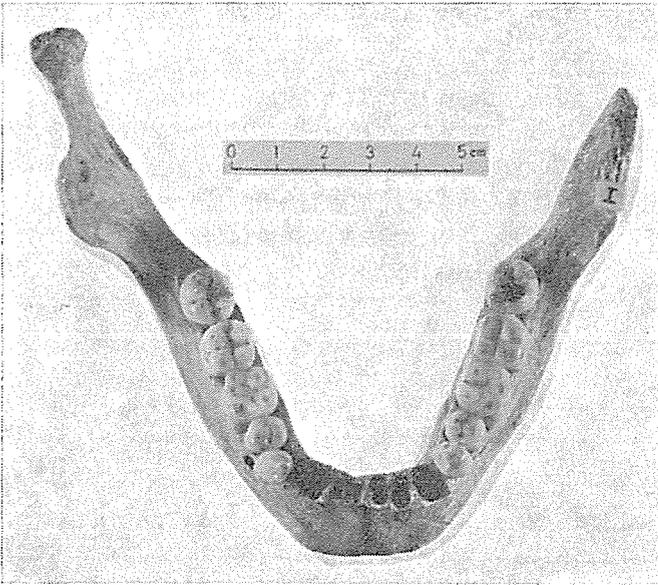


Fig. 17 — Mandíbula I — Vista de cima.

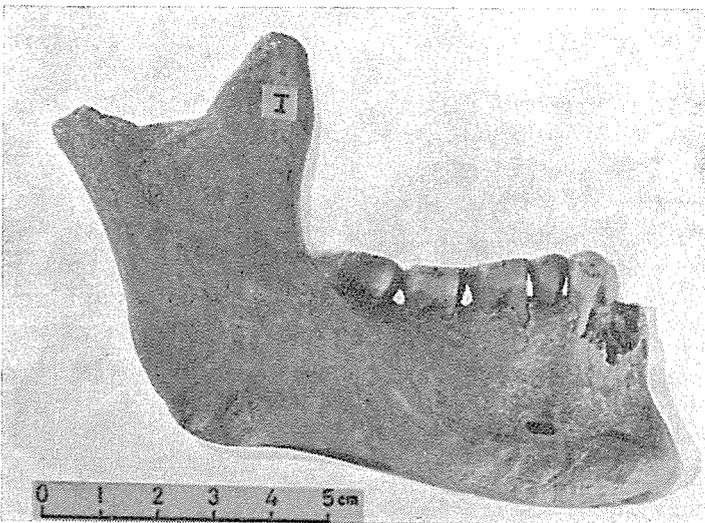


Fig. 18 — Mandíbula I — Vista de perfil.

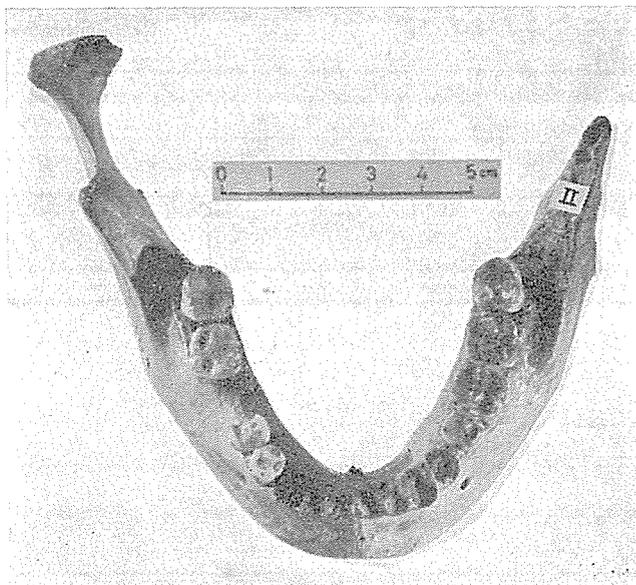


Fig. 19 — Mandíbula II — Vista de cima.



Fig. 20 — Mandíbula II — Vista de perfil.

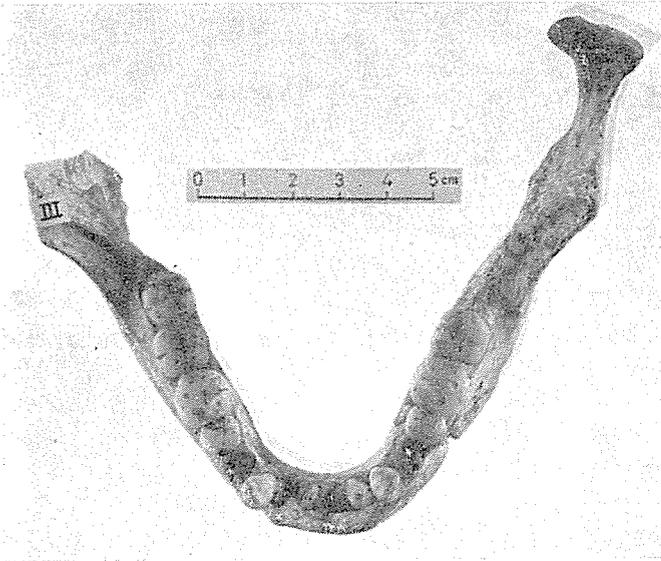


Fig. 21 — Mandíbula III — Vista de cima.

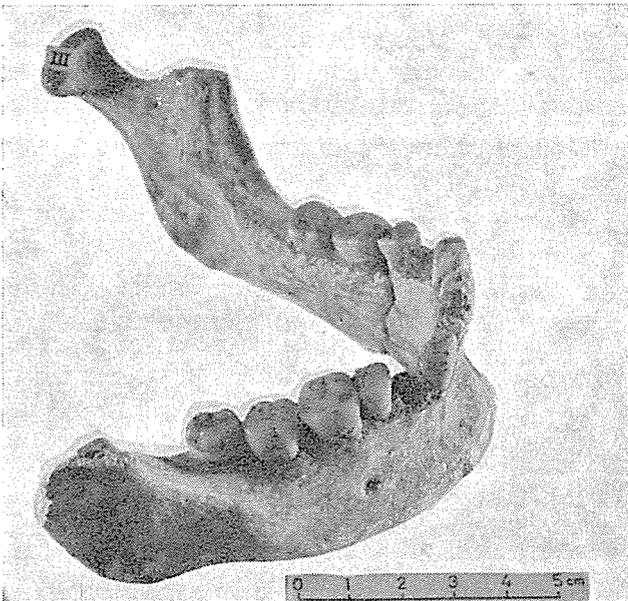


Fig. 22 — Mandíbula III — Vista de perfil.

QUADRO 1 — CRÂNIOS

Número	Medidas dos crânios (em mm)															Medidas da face (em mm)										Índices														
	Diâmetro ântero-posterior máximo	Diâmetro transverso máximo	Diâmetro frontal máximo	Diâmetro transverso mínimo	Diâmetro bi-estefânico	Diâmetro bi-mastoideu	Altura vertical do crânio (Básio-Bregma)	Comprimento do buraco occipital	Largura do buraco occipital	Arco glabella-bregma	Arco bregma-lambda	Arco lambda-opistio	Arco auricular-bregma (esq.)	Arco auricular-bregma (dir.)	Arco apófise mastoideia — vértice (esq.)	Arco apófise mastoideia — vértice (dir.)	Arco násio-optático	Circunferência horizontal total	Circunferência transversal	Circunferência ântero-posterior	Altura da face (násio-prósto)	Comprimento da face (básio-prósto)	Largura das órbitas	Altura da órbita	Distância básio-násio	Altura nasal	Largura da abertura piriforme	Comprimento do palatino	Largura do palatino	Cefálico	Vértico-longo	Vértico-transverso	Fronto-parietal	Frontal-transverso	Prognatismo	Orbitário	Nasal	Palatino	Buraco occipital	
1	191	136,5	118	94	118	100	—	—	33	120	126	123	160	160	183	180 (?)	376	527	417	520	64	—	OD - 41 OE —	OD - 33 OE - 32	—	48	27 (?)	44	43	71,46	—	—	68,86	79,66	—	80,48 D —	56,25 (?)	97,72	—	
2	185	135	113 (?)	96	113 (?)	95	132	34	28	115	124	130	160	164	186	190	377	513	419	509	67	97	OD - 41 OE - 41	OD - 31 OE - 30,5	98	49	24 (?)	46	42	72,97	71,35	97,77	71,11	84,95	98,97	75,60 D 74,39 E	48,97 (?)	91,30	82,35	
3	182	134	117	94	116	93 (?)	—	—	—	124	115	122	160	166	181	—	371	510	426	—	68	—	OD - 42 OE - 42	OD - 31 OE - 32	—	51	26 (?)	44	41,5 (?)	73,66	—	—	70,14	80,34	—	73,80 D 76,19 E	50,98 (?)	94,31 (?)	—	
4	176	132	117	88	105	90 (?)	—	—	—	121	108	133	159	159	175	177	363	493	392	—	61	—	OD - 36 OE - 36	OD - 30 OE - 30	—	44	23	41	39	75,00	—	—	66,66	75,21	—	83,33 D 83,33 E	52,27	95,12	—	
5	173	137	113	93	113	98	130	34,5	—	108	115	117	158	167	185	188 (?)	352	510	423	485	65	95	OD - 39 OE - 39	OD - 34 OE - 33	98,5	50	25	46	—	79,19	75,14	94,89	67,88	82,30	96,44	87,17 D 84,61 E	51,02	—	—	
6	176	131	110	89	113	95	130	32	29	114	117	119	162	154	165	165	360	492	411,5	491	61	90	OD - 38 (?) OE - 38 (?)	OD - 32 (?) OE - 32 (?)	98	43	23	41,5	40,5	74,43	73,86	99,23	67,93	80,90	91,83	84,21 (?) D 84,21 (?) E	53,48	97,59	90,62	
7	171	130	117	95	116	93 (?)	120	39	33	114	120	106	157	153	169 (?)	169	345	488	407	481	—	—	OD - 36 OE - 36	OD - 32,5 OE - 32,5	91	—	—	—	—	76,02	70,17	92,30	73,07	81,19	—	90,27 D 90,27 E	—	—	84,61	
8	183	131	114	95	—	—	137	42	34	110	116	122	160	160	180	179 (?)	356	507	415	507	67 (?)	98 (?)	—	—	108 (?)	53 (?)	—	45	45	71,58	74,86	104,58	72,59	83,33	90,74 (?)	—	—	100,00	78,50	
9	189	138 (?)	114	93	—	—	—	—	—	120	131	—	—	168	—	177	—	538 (?)	—	—	67 (?)	—	OD - 41 OE —	OD - 35 OE —	—	51,5	25	—	40,5	73,01 (?)	—	—	67,39 (?)	81,57	—	85,36 D —	48,54	—	—	
10	—	128	113	92	—	96	128	—	—	110	110	—	155	155	163	164	—	—	412	—	70	86	OD — OE - 39	OD — OE - 34	92	51	27	44	43	—	—	100,00	71,87	81,41	93,47	—	87,18 E	52,94	93,33	—
11	—	128	110	89	109	88	122	—	—	112	111	—	156	160	164	164	—	—	403	—	52	79,5	OD - 35 OE - 35	OD - 32 OE - 31	—	38	22	—	—	—	—	95,31	69,53	80,90	—	—	—	—	—	
12	188	131	113	89	—	—	—	—	—	112	125	—	158	—	170 (?)	—	—	515	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
13	183 (?)	135	117	89	115	102 (?)	134	—	—	—	130	—	165	—	175 (?)	177 (?)	—	510 (?)	429	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
14	177	131	110	—	—	—	—	—	—	107	120	—	—	160	—	—	—	500 (?)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
15	—	139	120	—	—	98	—	—	—	—	126	120	165	170	171 (?)	172	—	—	425 (?)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
16	188	138 (?)	116	89	—	—	—	—	—	119	121	—	—	170	—	175 (?)	—	528 (?)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
17	—	—	—	94	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	57	—	—	OD - 39 OE - 39	OD - 33 OE - 33	—	46	22,5	44	42	—	—	—	—	—	—	—	84,61 D 84,61 E	48,91	95,45	—
18	—	—	—	93	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	55	—	—	OD - 35 OE - 36	OD - 32,5 OE - 31,5	—	46	22	37	37	—	—	—	—	—	—	—	92,85 D 87,50 E	47,82	100,00	—

OD — Órbita direita
OE — Órbita esquerda

QUADRO 2 — MANDÍBULAS: MEDIDAS, ÂNGULOS E ÍNDICES

Número e sexo	Comprimento total	Comprimento do corpo mandibular (d)	Comprimento do corpo mandibular (e)	Comprimento projectivo do corpo mandibular	Largura bigoníaca ou angular	Altura sínfisiana	Altura do corpo mandibular ao nível do buraco mentoniano (d)	Altura do corpo mandibular em P ₂ -M ₁ (d)	Altura do corpo mandibular em M ₁ -M ₂ (d)	Altura do corpo mandibular em M ₂ -M ₃ (d)	Espessura máxima do corpo mandibular ao nível do buraco mentoniano (d)	Espessura máxima do corpo mandibular ao nível de M ₂ -M ₃ (d)	Altura do ramo (d)	Altura do ramo (e)	Largura mínima do ramo (d)	Largura máxima do ramo (e)	Largura da incisura mandibular (d)	Largura da incisura mandibular (e)	Profundidade da incisura mandibular (d)	Profundidade da incisura mandibular (e)	Ângulo sínfisiano	Ângulo goníaco (d)	Ângulo goníaco (e)	Índice do corpo mandibular	Índice do ramo	Índice do ramo-incisura	Índice de robustez ao nível do buraco mentoniano (d)	Índice de robustez em M ₂ -M ₃ (d)	Índice da incisura mandibular (d)	Índice da incisura mandibular (e)
I (♂?)	108	90	90	77	98	39,5	38,5	38	34	31	9	13	—	—	34	—	—	—	—	—	—	—	—	78,57	—	—	23,37	41,93	—	—
II (♀?)	99	81,5	80	64	95	39	30	—	—	25	14	15	48,5	—	29	—	31	—	9,5	—	72°	127°	—	67,36	59,79 (d)	95,79 (d)	46,66	60,00	30,64	—
III (♀?)	101	81,5	80,5	66	91,5	39,5	33	33	30	26	10	14	—	57	—	28	—	—	—	—	80°	—	126°	72,13	49,12 (e)	—	30,30	53,84	—	—
IV (♀?)	100	78,5	77,5	62	93	—	32	31	28	25,5	12	15	—	62	—	31	—	—	—	—	69°	—	123°	66,66	50,00 (e)	—	37,50	58,82	—	—
V (♂?)	95	77	77	64	87	28,5	27	26,5	23,5	20,5	10	12	—	47 (?)	—	31,5	—	35	9	—	71°	—	132°	73,56	67,02 (e)?	90,00 (e)	37,03	58,33	—	—
VI (♂?)	104	82,5	—	68	98	32	30	30	27	24	12	16	53 (?)	—	34	—	—	—	—	—	69°	129°	—	69,38	64,15 (d)	—	40,00	66,66	—	—
VII (♂?)	106 (?)	83	—	72	85	34,5	34	34	31	29	13	16	—	—	32	32	—	—	—	—	69°	—	—	84,70	—	—	38,20	55,17	—	—
VIII (♀?)	—	81,5	81,5	68	91	31	33	33	29	26	10	12	—	—	—	32,5	—	—	—	—	67°	—	—	74,72	—	—	30,30	46,15	—	—
IX (♂?)	—	76	76	66	77	32	32	31,5	29,5	27	11	14	—	—	—	33 (?)	—	—	—	—	77°	—	—	85,71	—	—	34,92	51,85	—	—
X (♂?)	104	84,5	—	—	—	33	37	36	29	28	11	15	—	—	—	33	—	—	—	—	77°	—	—	—	—	—	29,72	53,57	—	—
XI (♂?)	—	78,5	—	—	—	31,5	29	29	26	25,5	10	13	—	—	—	—	—	—	—	—	74°	—	—	—	—	—	34,48	50,98	—	—
XII (♂?)	—	—	—	—	—	31,5	30	28	—	—	12	—	—	—	—	30	—	—	—	—	76°	—	—	—	—	—	40,00	—	—	—
XIII (♀?)	—	81	80	66	96	31	30	29	27,5	26,5	10	15	—	—	30	30	—	—	—	—	67°	—	—	68,75	—	—	33,33	56,60	—	—
XIV (♀?)	91	68,5	68,5	58	78	27,5	24,5	23	21	20	11	15	46 (?)	—	29	—	—	—	—	—	79°	133°	—	74,35	63,04 (d)	—	44,89	75,00	—	—
XV (♂?)	—	—	—	—	—	30	29,5	29	28	—	13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	74°	—	—	—	—	—	44,06	—	—	—
XVI (♀?)	—	75 (?)	—	—	—	32	35	33	30	29	10	14	—	—	31,5	—	—	—	—	—	67°	—	—	—	—	—	28,57	48,27	—	—
XVII (♀?)	—	—	—	—	—	33	—	31	29	27,5	9	—	—	—	—	—	—	—	—	—	80° (?)	—	—	—	—	—	—	—	—	—
XVIII (♂?)	—	81	—	—	—	30 (?)	32,5	31	27,5	—	12	15	—	—	—	—	—	—	—	—	69°	—	—	—	—	—	36,92	—	—	—
XIX (♂?)	—	—	—	—	—	29	27	—	25	—	13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	80°	—	—	—	—	—	48,14	—	—	—
XX (♂?)	—	—	76	—	—	33	34	32	27,5	—	11	—	—	—	35	—	—	—	—	—	79°	—	—	—	—	—	32,35	—	—	—
XXI (♂?)	102	—	85	—	—	31,5 (?)	—	—	31	28	11	—	—	57	—	32	—	—	—	12	—	—	121°	—	56,14 (e)	88,88 (e)	—	—	—	33,33
XXII (♂?)	—	85	—	—	—	40	39	38,5	35,5	31,5	13	17	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	33,33	53,96	—	—
XXIII (♀?)	—	73	—	—	—	30	29	28	25	25	9	13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	31,03	52,00	—	—
XXIV (♀?)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	55 (?)	—	34	—	—	—	—	—	—	—	—	61,81 (e)?	94,11 (e)	—	—	—	—

QUADRO 3 — ÚMEROS : MEDIDAS E INDICES

Número, sexo e posição	Comprimento máximo	Diâmetro máximo ao meio da diáfise	Diâmetro mínimo ao meio da diáfise	Circunferência mínima da diáfise (abaixo da tuberosidade deltoíde)	Diâmetro transversal da cabeça	Diâmetro sagital da cabeça	Largura da apófise inferior	Buraco olecraniano	Índice de robustez	Índice diáfisário	Índice da secção da cabeça
1 ♂ (?) D	307	20	16	56	40,5	42	58	+	18,24	80,00	96,42
2 ♂ (?) D	308	19	15	53	—	41,5	—	+	17,20	79,94	—
3 ♂ (?) E	299	19	15	53	42	42	59	+	17,72	79,94	100,00
4 ♂ (?) E	306	19,5	15	56	40	43	52,5	+	18,30	76,92	93,02
5 ♀ (?) E	281	20	16,5	54	—	39,	52,5	o	19,21	82,50	—
6 ♀ (?) E	278	20	16,5	51	—	38	52,5	o	18,34	82,50	—
7 ♀ (?) D	272	20	15	55	35	36,5	—	+	20,21	75,00	95,89
8 ♂ (?) D	300	18,5	15	53	—	39	—	o	17,66	81,04	—
9 ♀ (?) E	376	19	16	55	—	39	—	+	20,21	84,20	—
10 D	—	23,5	17	64	—	—	—	o	—	72,34	—
11 E	—	20	16	—	—	—	—	o	—	80,00	—
12 E	—	19	15	53	—	38	—	o	—	79,94	—
13 D	—	—	—	—	37	37,5	—	o	—	—	98,66
14 ♀ (?) D	262	18	15	53	—	—	—	+	—	83,33	—
15 D	—	20	14	56	—	—	—	o	—	70,00	—
16 D	—	19,5	15,5	57	—	—	60	+	—	79,48	—
17 E	—	18,5	15	55	—	—	—	o	—	81,08	—
18 D	—	19	14	53	—	—	—	+	—	73,68	—
19 D	—	22	15	58	—	—	—	o	—	68,18	—
20 D	—	17,5	13,5	50	—	—	52	+	—	77,14	—
21 E	—	19	13	50	—	—	—	o	—	68,42	—
22 E	—	20	16	57	—	—	50,5	o	—	80,00	—
23 D	—	20,5	14,5	55	—	—	—	o	—	70,73	—
24 E	—	18,5	15,5	53	—	—	54	o	—	83,78	—
25 D	—	—	—	62	—	—	—	o	—	82,50	—
26 E	—	20	16,5	58	—	—	58	o	—	82,50	—
27 D	—	22	16,5	59	—	—	—	o	—	70,45	—
28 E	—	21,5	15	55	—	—	—	o	—	69,76	—
29 D	—	20,5	16	54	—	—	—	o	—	78,04	—
30 D	—	20,5	15	54	—	—	—	o	—	73,17	—
31 D	—	18	14	48	—	—	—	o	—	77,77	—
32 E	—	—	—	68	—	—	—	—	—	—	—
33 E	—	18	15	52	—	—	—	+	—	83,33	—
34 D	—	20	15,5	55	—	—	—	o	—	77,50	—
35 D	—	—	—	—	—	—	—	+	—	—	—
36 D	—	21	17	59	—	—	—	o	—	80,95	—
37 ♂ (?) D	298 (?)	21	15,5	55	34 (?)	36,5 (?)	—	+	18,45 (?)	73,80	93,15

o — Ausência
+ — Presença

QUADRO 4 — RÁDIOS: MEDIDAS, ÍNDICES E ESTATURA

Número, sexo e posição	Comprimento máximo	Comprimento fisiológico	Diâmetro transverso máximo (sobre a crista)	Diâmetro ântero-posterior normal ao anterior	Circunferência mínima	Índice de robustez	Índice diafásico	Manouvrier	Person	Trotter
1 ♂ (?) D	241	228	15	12	39	17,10	80,00	166,00	164,70	166,00
2 ♂ (?) D	227	213	15,5	10,5	37	17,37	67,74	161,50	160,15	161,50
3 ♂ (?) E	226	212	13	11	38	17,92	84,61	161,00	169,82	161,00
4 ♂ (?) E	231	217	15	11	37	17,05	73,33	163,10	161,46	163,10
5 ♂ (?) E	224	209	15	10	38	18,18	66,66	159,00	159,17	160,00
6 ♂ (?) D	230	217	13	11	34	15,66	84,61	162,80	161,13	162,80
7 ♀ (?) D	217	206	15,5	11	38	18,44	70,96	156,50	153,69	156,50
8 ♀ (?) E	215	201	13	10	36	17,44	76,92	155,90	153,03	155,80
9 ♀ (?) D	212	194	13,5	10,5	38	19,58	77,77	154,70	152,02	154,72
10 ♂ (?) D	234	220	14	11	34	15,45	78,57	163,90	162,43	163,90
11 ♀ (?) D	217	207	14,5	10,5	38	18,35	72,41	156,50	153,69	156,50
12 ♂ (?) E	—	226	15,5	10	38	16,81	64,51	—	—	—
13 D	—	—	14,5	12	36	—	—	—	—	—
14 D	—	—	14	10	33	—	—	—	—	—
15 E	—	—	14	12	—	—	—	—	—	—
16 E	—	—	15	9,5	36	—	—	—	—	—
17 D	—	—	12	9	—	—	—	—	—	—
18 D	—	—	14,5	10	—	—	—	—	—	—
19 E	—	—	13,5	10,5	—	—	—	—	—	—
20 D	—	—	14,5	10,5	30	—	—	—	—	—

QUADRO 5 — CÚBITOS: MEDIDAS, ÍNDICES E ESTATURA

Número, sexo e posição	Comprimento máximo	Comprimento fisiológico	Circunferência mínima	Diâmetro antero-posterior na crista	Diâmetro transverso na crista	Diâmetro transverso ao nível da pequena cavidade glenoideia	Diâmetro antero-posterior ao nível da pequena cavid. glenoideia	Índice de robustez	Índice diafisário	Índice platolemia	Estatura: Manouvrier Trotter
1 ♂ (?) E	253,5	222	33	10,5	15	17	25	14,86	70,00	68,00	164,5 - 167,8
2 ♂ (?) D	240	209	32	9,5	14	17	24	15,31	67,85	70,83	159,4 - 163
3 ♀ (?) D	212	186	28	9	13	14,5	19	15,05	69,23	76,31	145,5 - 148,3
4 ♂ (?) E	236	203 (?)	32	11,5	13,5	16	21,5	15,53 (?)	85,18	74,41	157,6 - 161,3
5 ♂ (?) D	262	235	33	12	14	18	23	14,04	85,71	78,26	167,3 - 171
6 D	—	—	37	13	15,5	17,5	25	—	83,87	70,00	
7 D	—	—	29	12,5	14	21	24	—	89,28	87,50	
8 ♀ (?) E	—	206	35	11	14	19,5	23	16,99	78,57	84,78	
9 ♂ (?) D	—	209	34	12,5	14	19,5	24	16,26	89,28	81,25	
10 D	—	—	—	11	14	16	22	—	78,57	72,72	
11 E	—	—	—	13	15	20	24	—	86,66	83,33	
12 ♂ (?) D	—	—	—	—	—	19,5	22	—	—	88,63	
13 D	—	—	—	—	—	17,5	20	—	—	87,50	
14 E	—	—	—	—	—	16,5	19	—	—	86,84	
15 ♀ (?) E	—	181 (?)	25	9	12	14	20	13,81 (?)	75,00	70,00	
16 D	—	—	—	—	—	17	22	—	—	77,27	
17 E	—	—	—	11,5	15	17	24	—	76,66	70,83	
18 D	—	—	—	11	13	19	21	—	84,61	90,43	
19 D	—	—	—	14,5	17,5	20,5	24				
20 E	—	—	—	13	15	14	18				
21 D	—	—	—	12	14,5	12,5	22,5				

QUADRO 6 — FÊMURES: MEDIDAS, ÍNDICES E ESTATURA

Número, sexo e posição	Comprimento máximo	Comprimento fisiológico ou em posição	Diâmetro ântero-posterior a meio da diáfise (Escola Francesa)	Diâmetro ântero-posterior a meio da diáfise (Martin)	Diâmetro transverso a meio da diáfise (Escola Francesa)	Diâmetro transverso a meio da diáfise (Martin)	Circunferência a meio da diáfise (Escola Francesa)	Circunferência a meio da diáfise (Martin)	Diâmetro ântero-post. sub. trocateriano (Manouvrier)	Diâmetro transv. sub. trocateriano (Manouvrier)	Diâmetro ântero-post. sub. trocateriano (Martin)	Diâmetro transverso sub. trocateriano (Martin)	Diâmetro vertical da cabeça	Diâmetro transverso da cabeça	Ângulo de torção	Fosseta hipotrocateriana	Terceiro trocater	Índice de robustez (Escola Francesa)	Índice de robustez (Martin)	Índice pilástrico (Escola Francesa)	Índice pilástrico (Martin)	Índice de platimetria (Manouvrier)	Índice de platimetria (Martin)	Índice da cabeça	Manouvrier	Person	Trotter	
1 ♂ (?) D	420	418	25	26	24	24	76	77	21	30	21	28	37(?)	40	12° (?)	o	o	11,72	11,96	104,16	108,33	70,00	75,00	108,10 (?)	161,83	160,27	161,25	
2 ♂ » D	406	403	26	28	26	26	80	82	21,5	31	22	30,5	42	42 (?)	—	+	o	12,90	13,39	100,00	107,69	69,35	72,13	100,00 (?)	157,73	157,64	158,00	
3 ♂ » D	406	401	29	29,5	24	24	83	84	23,5	28	26	27	38	39	13°	o	+	13,21	13,34	120,83	122,91	83,92	96,29	102,63	157,73	157,64	158,00	
4 ♀ » D	403	401	25	25	24	23,5	75	77	22	27	21	26,5	42,5	42,5	13°,5	+	+	12,21	12,09	104,16	106,38	81,48	79,24	100,00	152,80	151,22	153,75	
5 ♂ » E	401	398	24	24,5	25,5	25	77	78	21,5	29	21	29	41,5	42,5	15°	+	+	12,43	12,43	94,11	98,00	74,13	72,45	102,40	156,15	156,69	156,75	
6 ♂ » E	407	402	28,5	28,5	25	25	83	83	23	29,5	27	28,5	39	—	21°	o	+	13,30	13,30	114,00	114,00	77,96	94,73	—	158,25	157,82	158,25	
7 ♂ » E	438	429	29,5	30	24	24,5	84	85	24	27	24	27	42	43,5	—	+	+	12,47	12,70	122,91	122,94	88,88	88,88	103,57	165,06	163,65	165,06	
8 ♀ » D	388	384	25	26	23	24	74	77	21	26,5	21	24,5	38,5	38	—	+	+	12,50	13,02	108,69	108,33	79,24	85,71	98,70	148,80	148,30	150,00	
9 ♂ » D	428	424	29,5	30	23	23,5	84	84	22,5	28,5	25	27	—	42	—	+	o	12,88	12,61	128,26	127,65	78,94	92,59	—	163,40	161,77	163,25	
10 ♀ » E	403	398	25,5	25,5	23	23	74	74	20	26	23	26	40	40	20°	o	o	12,18	12,18	110,86	110,86	76,92	88,46	100,00	152,80	152,23	153,75	
11 ♂ » D	423	422	26	27	25	24,5	78	79	21,5	30	21,5	29,5	—	—	—	+	+	12,88	12,20	104,00	110,20	71,66	72,88	—	162,65	160,83	162,00	
12 ♀ » E	398	390	24	25	22	22	70	72	20	28	21	29	37	38	—	+	+	11,79	12,07	109,09	113,63	71,42	72,41	102,70	151,30	150,25	152,50	
13 ♂ » E	431	423	26	26,5	23,5	24,5	77	78	20,5	31	21	31	40,5	40	—	+	+	11,10	12,05	110,63	108,16	66,12	67,74	98,32	163,90	162,34	164,00	
14 ♀ » D	382	380	23	24	26,5	25,5	78	78	20	21	20	30,5	36	36	—	o	+	13,02	13,02	86,79	94,11	64,51	65,57	100,00	146,70	147,13	148,50	
15 ♂ » D	412	410	24	25	24,5	24	76	76	22	29,5	21	38,5	38	—	—	+	+	11,22	11,95	97,95	104,16	74,57	80,70	—	159,50	158,76	159,50	
16 ♀ » D	405	397	25,5	26,5	24	24	76	78	22	27	22,5	24,5	—	38 (?)	—	—	—	12,46	12,72	106,25	110,41	81,48	91,83	—	153,40	151,61	154,20	
17 ♀ » E	386	374	25	26	23	23	74	75	21	26,5	21	25	39	39	—	—	—	12,83	13,10	108,69	113,04	79,24	84,00	100,00	148,08	147,91	149,50	
18 ♀ » D	396	394	24	24,5	21,5	21,5	70	71	19	29	19	29	—	—	—	+	+	11,54	11,67	111,62	113,95	65,51	65,61	—	150,50	149,86	152,00	
19 ♀ » D	396	392	22	22	22,5	22,5	70	70	19	25,5	19	25,5	37,5	37,5	8°	+	o	11,22	11,35	100,00	97,77	74,50	74,50	100,00	150,50	149,86	152,00	
20 ♀ » E	396	390	21,5	21,5	23,5	23,5	71	71	19	25	21	27	38	38	12°	+	+	11,53	11,53	91,48	91,48	76,00	77,77	100,00	150,50	149,86	152,00	
21 ♀ » E	391	386?	25	25,5	25	25	78	79	22	27	22	27	—	—	—	+	+	12,15	13,08 (?)	100,00	102,00	81,48	81,48	—	149,34	148,88	150,75	
22 ♀ » E	388	—	23	23	24	24	74	74	20	28,5	20	28,5	—	—	—	—	—	—	95,83	95,83	70,17	70,17	—	148,80	148,30	150,00		
23 ♀ » E	—	—	—	24,5	—	24	—	75	19,5	29,5	20	30	—	—	—	+	+	—	—	—	102,08	66,10	66,66	—	—	—	—	
24 ♂ » D	—	—	—	30,5	—	25	—	86	24	27,5	25	27	43	44	—	+	+	—	—	—	122,00	87,27	92,59	102,32	—	—	—	
25 ♂ » E	—	—	—	28	—	26	—	85	22	29	22,5	29,5	43,5	43,5	—	+	o	—	—	—	107,69	75,86	76,27	100,00	—	—	—	
26 ♂ » E	—	—	—	30,5	—	27	—	91	21,5	35	22	34	44,5	44,5	—	+	+	—	—	—	112,96	61,42	64,70	100,00	—	—	—	
27 ♂ » D	—	—	—	26,5	—	24	—	78	20	27	21	32	45	43,5	—	+	+	—	—	—	110,41	74,07	65,62	98,86 (?)	—	—	—	
28 ♂ » D	—	—	—	—	—	—	—	86	24,5	31,5	26,5	30	—	—	—	+	o	—	—	—	—	77,77	88,33	—	—	—	—	
29 ♂ » E	—	—	—	26	—	24,5	—	78	20	30	20,5	30	—	—	—	o	o	—	—	—	106,12	66,66	68,33	—	—	—	—	
30 ♂ » D	—	—	—	28	—	26,5	—	84	19	33	21,5	30	—	—	—	o	o	—	—	—	105,66	57,57	71,66	—	—	—	—	
31 ♂ » E	—	—	—	26,5	—	27	—	83	23	33	23	33	—	—	—	o	o	—	—	—	98,14	69,69	69,69	—	—	—	—	
32 ♀ » E	—	—	—	24	—	24	—	74	21	29	22,5	28	—	38 (?)	—	+	o	—	—	—	100,00	72,41	80,35	—	—	—	—	
33 ♀ » E	—	—	—	25	—	23	—	75	22	27	22	27	—	38,5	—	+	+	—	—	—	108,69	81,84	81,48	—	—	—	—	
34 ♀ » D	—	—	—	26,5	—	22,5	—	75	20	28	22	27,5	—	—	—	o	+	—	—	—	117,77	71,42	80,00	—	—	—	—	
35 ♂ » E	—	—	—	30	—	25	—	87	24	30	25,5	30	—	—	—	—	—	—	—	—	120,00	80,00	85,00	—	—	—	—	
36 ♀ » D	—	—	—	27	—	24	—	80	23	29	23	29	—	—	—	o	o	—	—	—	112,50	79,31	79,31	—	—	—	—	
37 ♂ » D	—	—	—	27,5	—	27	—	83	18,5	32,5	21,5	29,5	—	—	—	—	—	—	—	—	101,85	56,92	72,88	—	—	—	—	
38 ♂ » E	—	—	—	—	—	—	—	—	22,5	26,5	22,5	26,5	40	38,5(?)	—	o	+	—	—	—	—	84,90	84,90	96,25 (?)	—	—	—	—
39 ♂ » E	—	—	—	—	—	—	—	—	21,5	29	21,5	29	39,5	39	—	o	o	—	—	—	—	74,13	14,13	98,73	—	—	—	—
40 ♂ » E	—	—	—	28	—	26	—	83	21	28,5	22	29	—	—	—	+	—	—	—	—	107,69	73,69	75,86	—	—	—	—	
41 ♂ » D	—	—	—	24,5	—	24	—	71	21,5	29	23	28	—	—	—	+	+	—	—	—	102,08	74,13	82,14	—	—	—	—	
42 ♀ » D	—	—	—	—	—	—	—	74	20,5	28	22	26	—	—	—	+	o	—	—	—	100,00	73,21	84,61	—	—	—	—	
43 ♂ » D	—	—	—	27	—	25	—	82	22,5	31	24	30	—	—	—	—	—	—	—	—	108,00	72,58	80,00	—	—	—	—	
44 ♂ » D	—	—	—	31	—	26	—	89	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	119,23	—	—	—	—	—	—	
45 ♂ » D	—	—	—	—	—	—	—	—	21	29,5	20	29	—	—	—	o	o	—	—	—	—	71,18	69,18	—	—	—	—	—
46 ♂ » D	—	—	—	26	—	23	—	78	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	113,04	—	—	—	—	—	—	—
47 ♂ » E	—	—	—	24	—	24	—	75	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	100,00	—	—	—	—	—	—	—
48 ♀ » E	—	—	—	26	—	24	—	79	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	108,33	—	—	—	—	—	—	—
49 ♂ » D	—	—	—	27	—	24	—	79	21,5	29	22	28	—	—	—	+	—	—	—	—	112,50	74,13	78,57	—	—	—	—	—
50 ♀ » D	—	—	—	25	—	23	—	77	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	108,69	—	—	—	—	—	—	—
51 ♀ » D	—	—	—	26,5	—	24,5	—	79	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	108,16	—	—	—	—	—	—	—
52 ♂ » E	—	—	—	29	—	28	—	89	24	34(?)	—	34,5	—	—	—	—	—	—	—	—	103,57	70,58	69,56	—	—	—	—	—
53 ♀ » E	—	—	—	26	—	27	—	74	21,5	25,5	22	25	—	—	—	+	o	—	—	—	118,18	84,31	88,00	—	—	—	—	—
54 ♀ » E	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	69,49	68,33	—	—	—	—	—

o — Ausência
+ — Presença

QUADRO 7 — TIBIAS : MEDIDAS, ÍNDICES E ESTATURA

Número, sexo e posição	Comprimento total	Diâmetro ant.-posterior a nível do buraco nutritivo	Diâmetro transverso ao nível do buraco nutritivo	Diâmetro antero-posterior a meio da diáfise	Diâmetro transverso a meio da diáfise	Circunferência máxima da diáfise	Índice da diáfise a meio	Índice de robustez	Índice céntrico	Manouvrier	Person	Trotter
1 ♀ (?) D	322	30,5	21,5	25	19	63	76,00	18,97	70,49	155,18	152,79	157,75
2 ♂ (?) D	343	33	22	27	20	67	74,07	18,36	66,66	161,50	160,29	165,00
3 ♂ (?) D	356	40	21	33	18	70	54,54	19,66	52,50	164,23	163,39	168,25
4 ♀ (?) D	324	30,5	19	26	16,5	62	63,46	19,13	62,29	152,80	150,91	155,50
5 ♀ (?) D	306	23	19	24,5	19	64	77,55	20,91	82,60	147,72	164,68	150,25
6 ♀ (?) E	328	34,5	21	29	21	70	72,41	21,40	60,86	154,00	151,85	156,66
7 ♂ (?) E	350	32	23	25	21	70	84,00	20,00	71,87	162,32	161,96	165,50
8 ♂ (?) D	351	34,5	23	30	20	71	66,66	20,22	66,66	163,40	162,20	165,75
9 ♂ (?) E	336	33,5	23	28,5	21,5	70,5	75,43	20,98	68,65	159,30	158,63	161,75
10 ♂ (?) E	338	33 (?)	20,5	29	20	69,5	68,96	20,56	68,33	159,90	159,10	162,33
11 ♂ (?) E	342	32,5	21	27	19,5	65	72,22	19,00	64,61	161,50	160,05	164,75
12 ♀ (?) E	336	29	20	26	18,5	65	71,15	19,34	68,96	156,00	153,72	159,00
13 ♀ (?) E	323	29	20,5	23	18	60	78,26	18,57	70,69	152,50	150,67	155,25
14 ♀ (?) E	306	27,5	19	24	16	60	66,66	19,60	69,09	147,72	146,88	150,25
15 ♂ (?) D	340	33	24	29	23	73	79,31	21,49	72,72	160,50	159,58	163,00
16 ♂ (?) D	362	34	22	29,5	20,5	72	69,49	19,88	64,70	165,40	164,81	168,75
17 E	—	36	21,5	—	—	73	—	—	59,72	—	—	—
18 D	—	33	24	—	—	73	—	—	72,72	—	—	—
19 D	—	34,5	25	—	—	74,5	—	—	72,46	—	—	—
20 D	—	34,5	22	—	—	69	—	—	63,76	—	—	—
21 D	—	29	21,5	—	—	65	—	—	62,31	—	—	—
22 D	—	34	22	—	—	70	—	—	64,70	—	—	—
23 D	—	32,5	20,5	—	—	66	—	—	63,07	—	—	—
24 D	—	—	—	—	—	63	—	—	—	—	—	—
25 E	—	34	18,5	—	—	68	—	—	54,41	—	—	—
26 D	—	31	22	—	—	68	—	—	70,96	—	—	—
27 D	—	29	19,5	—	—	64	—	—	67,24	—	—	—
28 E	—	35,5	22	—	—	73	—	—	61,97	—	—	—
29 D	—	29	20	—	—	—	—	—	68,96	—	—	—
30 E	—	29	19	—	—	—	—	—	65,51	—	—	—
31 E	—	—	—	—	—	64	—	—	—	—	—	—
32 E	—	33	20,5	—	—	—	—	—	62,12	—	—	—
33 E	—	—	—	—	—	69	—	—	—	—	—	—
34 E	—	—	—	—	—	75	—	—	—	—	—	—
35 E	—	31,5	21	—	—	67	—	—	66,66	—	—	—
36 D	—	29	20	—	—	64	—	—	68,96	—	—	—
37 E	—	—	—	—	—	72	—	—	—	—	—	—
38 D	—	—	—	—	—	63	—	—	—	—	—	—
39 D	—	31	21	—	—	—	—	—	67,74	—	—	—

O Castro da Curalha

6.^a Campanha de escavações — 1980

POR

Adérito Medeiros Freitas *

Professor efectivo de C. N. do Liceu de Guimarães
e sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia

e

J. R. dos Santos Júnior **

Professor catedrático jubilado da F. C. da Universidade do Porto
Presidente da Soc. Portuguesa de Antropologia e Bolseiro do I. N. I. C.

1 — *Considerações gerais*

Os trabalhos no Castro da Curalha no ano de 1980 fizeram-se em duas tarefas. Uma em Setembro por A. M. F. e outra por J. R. S. J. no mês de Outubro.

A densa vegetação herbácea, arbustiva e arbórea com touças de carvalho, cujas raízes se enterram por entre e por baixo de muitas pedras soltas espalhadas por toda a área intramuralha, dificultam os serviços de prospecção e ligeiras escavações em busca de possíveis restos de paredes de casas. Já foram descobertas 18 casas e tudo leva a crer que mais se descobrirão.

* Rua Saraiva Brandão, 260-8.º-D.º — 4800 Guimarães.

** Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

Há que continuar com o corte e recorte de todo o mato, e, sempre que possível, ao seu arranque.

Como já se referiu nos relatórios anteriores, os trabalhos nas 6 campanhas até agora feitas, consistiram essencialmente no arrumo das muitas toneladas de pedras de granito espalhadas um pouco por toda a área do recinto muralhado. Sobre tudo ao correr da muralha amontoam-se em tão grande quantidade que chegam a atingir quase dois metros de altura.

Há que remover estes grandes amontoados de pedras. Ali aparecem bastantes pedras com uma face aplanada a pico, que eram pedras do facear quer o lado interno quer o externo da muralha. Estas serão oportunamente repostas na muralha, e as mais pedras atiradas para a muralha a fazer o seu enchimento a toda a largura, que em média varia entre quatro m a quatro m e meio, e em alguns sítios 4,80 m.

Tarefa em Setembro de 1980 por A. M. F.

Duração da Campanha. Participantes

Tal como consta no início deste relatório, a 6.^a Campanha de Escavações no Castro da Curalha realizou-se no mês de Setembro, entre os dias 8 e 26. Os trabalhos processaram-se sob a orientação superior do Senhor Prof. Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior.

Infelizmente não nos foi possível, mais uma vez, o apoio dos estudantes naturais da região e que frequentam os estabelecimentos de ensino de Chaves:

- uns, em virtude de ainda se encontrarem em férias fora das localidades onde normalmente residem;
- outros por estarem ocupados com os seus exames da segunda época;
- alguns, possivelmente, por falta de conhecimento;
- a falta de motivação para trabalhos desta natureza, é uma hipótese a ter em conta para a maioria.

Algumas dificuldades

O mês de Setembro é, na realidade, uma época de muito trabalho: trabalhos agrícolas, construção civil, etc. Além da dificuldade em arranjar trabalhadores surge, quando se conseguem, a dificuldade de pagar-lhes uma «jeira» que, normalmente, é incomportável, considerando a soma de trabalhos que foram planeados, a verba disponível, e o tempo de duração da campanha. Deste modo, e tal como já havia acontecido no ano anterior, as quatro pessoas a seguir indicadas, que trabalharam durante toda a campanha no Castro de Curalha, vinham diariamente de Carrazedo de Montenegro que dista de Curalha quase 30 quilómetros, estando o seu transporte a nosso cargo. Foram eles:

- Luís Albino dos Santos Lemos, que já colaborou na Campanha de 1979;
- António Jorge Medeiros Ribeiro;
- José Orlando Esteves Martins;
- José Manuel Machado Oliveira.

Tal como o fizemos para o grupo da 5.^a Campanha de Escavações não podemos deixar de manifestar a nossa satisfação por todo o trabalho realizado, pela aceitação de todas as recomendações que trabalhos desta natureza exigem, pelo cuidado, entusiasmo e pontualidade no decorrer de toda a campanha.

2 — Planeamento

De acordo com certas características apontadas em todas as campanhas desde 1974, no planeamento de Escavações no Castro da Curalha tem que constar, sempre, o *corte de mato* que anualmente e principalmente nas zonas que ainda não foram submetidas a trabalhos de qualquer espécie, cresce de um modo impressionante. E não se trata só de árvores e numerosos arbustos; as próprias plantas herbáceas, principalmente

gramíneas, chegam a atingir 1 m de altura tapando, quase por completo, as paredes das casas que continuamente vão sendo reconstruídos até 70 ou 80 cm de altura.

Dada a quantidade de vegetação existente na área de trabalhos (dentro e fora do castro) temos tido um certo receio de proceder à sua destruição pelo fogo pois podia, descontroladamente, propagar-se a áreas mais vastas, com resultados necessariamente desagradáveis. O contínuo desbaste da vegetação arbórea e arbustiva deve tornar possível muito brevemente, embora com certos cuidados, a sua destruição por tal processo sem perigo para as áreas vizinhas.

Quanto aos trabalhos propriamente ditos eles foram planejados, para a campanha de 1980 da seguinte forma:

- a) Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha, que era necessário reconstruir, nalguns pontos, desde a base;
- b) Zona do reduto central compreendida entre a referida muralha e as casas postas a descoberto na campanha anterior (casas 9 a 14);
- c) Casa fora do reduto central detectada no ano anterior a meia distância entre a muralha central e o campo de futebol;
- d) Limpeza, esquematização, medições e descrição de uma «Pia cavada no granito» (lagareta?) situada a ESE do castro e junto do rio Tâmega.

3 — *Trabalhos realizados e espólio recolhido*

3.1. — *Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha*

Era esta, sem dúvida, a zona do Castro que, desde sempre, mais preocupação nos deu. O abundante matagal dentro e fora da muralha, a sua destruição quase total em cerca de vinte metros, a acumulação do lado interno e numa grande área de pedras, algumas de razoáveis dimensões, até mais de um metro de altura, eram motivos de desânimo e um convite à altera-

ção do nosso plano. Resolvemos prosseguir e, no final da campanha, todos nos encontrávamos satisfeitos com os resultados obtidos (Fig. 1, Est. I, Fig. 11, 12 e 14).

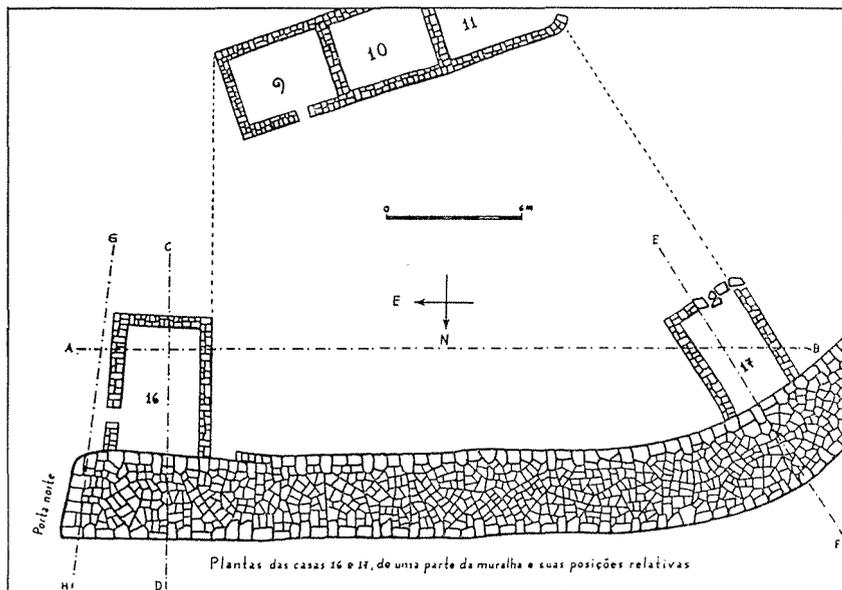


Fig. 1: Porção da muralha do lado N e posição relativa das casas 9, 10, 11, 16 e 17.

Espólio recolhido

No decorrer dos trabalhos de reposição, na muralha, das pedras caídas, surgiram principalmente fragmentos de telha de calceira e tégula. Apareceram também vários fragmentos de cerâmica fina alguns dos quais, pela sua cor e espessura, parecem pertencer a alguns vasos de que fizeram parte. Alguns destes fragmentos foram encontrados nas casas referenciadas com os números 16 e 17 das Figs. 1 e 5.

Também, sobre a muralha, foram encontrados alguns fragmentos de vidro esverdeado, de cor e espessura igual à daqueles que foram encontrados na casa 16 (Est. XI, Fig. 31).

Segundo reduto muralhado

Para a reconstrução da face externa da muralha cimeira, tivemos necessidade de cortar, nalgumas zonas, o espesso matagal de pinheiros, carvalhos, giestas e silvas que, em con-

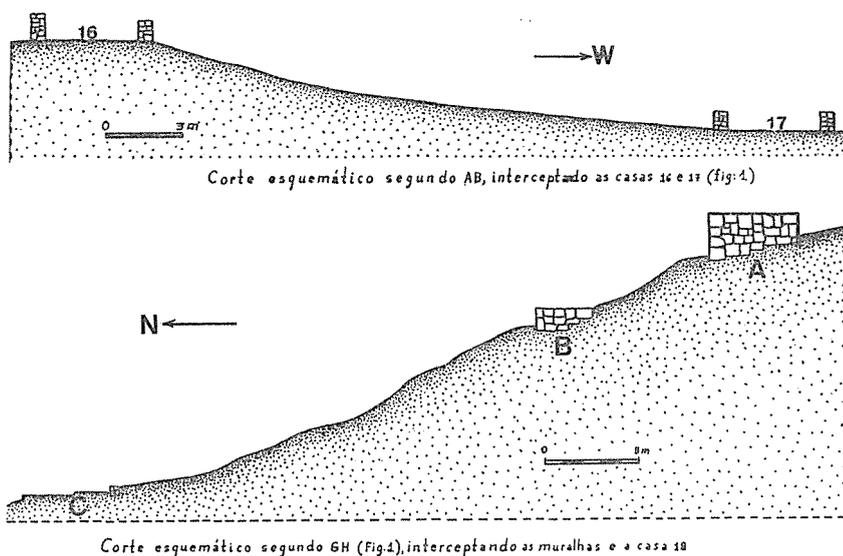


Fig. 2: A — muralha central; B — segunda muralha; C — casa 18.

junto, atingiam mais de 4 m de altura. Como resultado deste trabalho encontrámos, em frente à zona da muralha onde vem entestar a casa 17, uma segunda linha de muralha que, aí, se encontra ainda em razoável estado de conservação (Fig. 3-D).

Dista 6,5 m da face externa da muralha central, tem uma largura de 2,25 m e a altura exterior que não medimos devido à quantidade do mato aí existente, deve ultrapassar o 1,5 m.

Esta muralha, pelo menos na parte ainda conservada, é constituída predominantemente por blocos graníticos de grandes dimensões.

Rampas de acesso

Já foram referidas, em trabalhos anteriores, a existência de «*rampas de acesso*» a esta muralha central. Mais uma destas rampas surgiu a 2,50 m a W da casa 16, com uma largura de cerca de 40 cm. Para formar esta rampa, a face interna da muralha afasta-se da sua direcção normal, orientando-se ou pouco para o interior. O mesmo acontece com todas as 6 rampas de acesso aqui detectadas até este momento (Fig. 5).

3.2. — *Zona do reduto central compreendida entre a muralha norte e as casas postas a descoberto na campanha de 1979*

a) *Casa 16* (Figs. 1, 2, 3, Est. II, Fig. 13, Est. III, Figs. 15-16):

Já descoberta em 1978 pelo Prof. Dr. Santos Júnior aquando dos trabalhos realizados junto da porta norte, só nesta campanha as suas paredes ficaram perfeitamente definidas.

Possui uma forma rectangular e está entestada na muralha junto e a Oeste da porta norte.

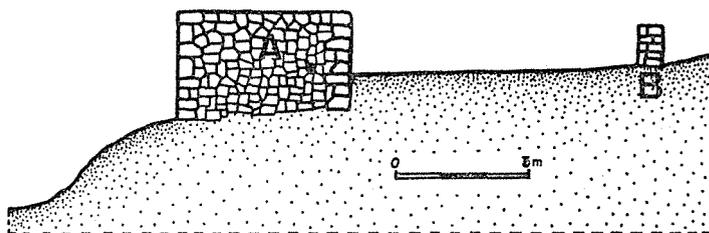
Tem um comprimento máximo de 6,75 m e mínimo de 6,35 m; a sua largura é de 3,60 m e a sua superfície interna é de, aproximadamente, 22 m².

As paredes limitantes possuem uma espessura média de, aproximadamente, 55 cm e foram levantados até uma altura de 80 cm a 1 m. Existe um pequeno desnível (descaindo) de E para W e mais acentuado de S para N (Figs. 2 e 3).

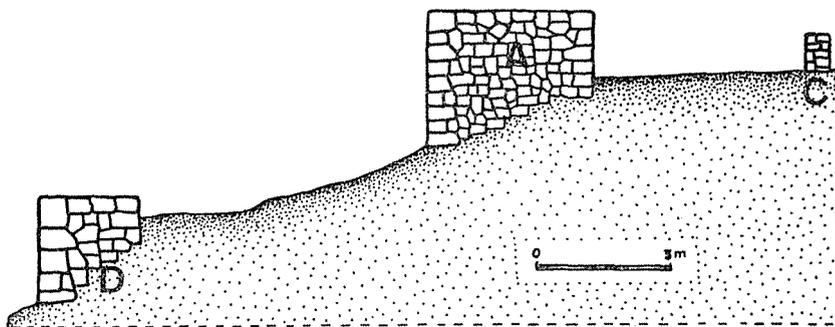
Um conjunto de pedras colocadas transversalmente embora de uma forma um tanto desordenada, leva-nos a admitir a hipótese de elas terem pertencido à parede de uma casa rectangular mais antiga que teria, a ser verdadeira esta hipótese, cerca de 4,60 m de comprimento (Est. III, Fig. 16).

A porta (Est. III, Fig. 15), não foi difícil de detectar. Encontra-se voltada para E, logo a seguir à muralha e tem uma largura

de 60 cm. Em frente a esta casa, a muralha mede 3,70 m de largura, com uma altura interna de 1,5 m e externa de 2,40 m (após os trabalhos deste ano).



Corte esquemático segundo CD (fig.1), interceptando a casa 16 e muralha



Corte esquemático segundo EF (fig.1), interceptando a casa 17 e muralha

Fig. 3: A — muralha central do castro; B — muro da casa 16; C — muro da casa 17; D — segunda muralha.

Espólio

A necessidade de reparação da face interna da muralha limitante, a norte, da casa 16, que ameaçava ruína, levou-nos à necessidade de remover toda a pedra caída e a escavar uma pequena área desta casa junto da referida muralha. Como resultado dos trabalhos de definição dos limites desta casa e

da reparação do troço de muralha que lhe corresponde, foram recolhidas numerosas peças, que passamos a descrever:

- Alguns pedaços de escórias. Destes, um (Est. XI, Fig. 32) tem forma globular.
- Alguns fragmentos de vidro fino, esverdeado, iguais aos que foram encontrados sobre a muralha junto da casa 17 (Est. XI, Fig. 31). No seu conjunto são 18 o número de fragmentos encontrados. Alguns ajustam-se perfeitamente sendo possível uma reconstituição parcial. Dois, com 5,5 e 4,5 cm de comprimento, correspondem a bordos, tendo uma espessura máxima de 2 mm. O gargalo, cujo diâmetro não é difícil de calcular, possui duas saliências pouco pronunciadas (a superior mais pronunciada do que a inferior) paralelas, distantes uma da outra a 2 mm. Estas duas saliências distam do bordo, respectivamente, 21 e 19 mm.
O fragmento maior no sentido da altura do vaso, apresenta «costelas» mais ou menos paralelas, verticais, convergindo levemente para cima e para baixo (na direcção da boca e do fundo) e corresponde à parte bojuda do vaso. Estas mesmas «costelas» se notam em vários dos outros fragmentos mais pequenos.
Um dos fragmentos possui um nódulo em forma de meia lua, de cor azul muito escuro, quase negro; parece pertencer ao mesmo vaso, dada a cor e características da parte restante do fragmento; possui as medidas máximas de $1,8 \times 1,6$ cm.
- Numerosos pedaços de carvão.
- Um pedaço de uma «mó», de granito de grão fino, equigranular, com duas micas. Tem uma espessura externa de 10 cm e interna de 3 cm correspondente ao bordo do olho da mó. A largura é de 18 cm e pesa 10,400 kg (Fig. 6 C, Est. V, Fig. 20). É a pedra andadeira.
- Uma pedra de mó, de grão fino a médio, equigranular, de duas micas, é a mó dormente.

A alteração da biotite confere-lhe uma tonalidade castanho-avermelhada. A sua espessura máxima, no centro, é de, aproximadamente, 12 cm tendo cerca de 30 cm de comprimento e 27 cm de largura.

Uma das faces é mais ou menos plana, notando-se ter sido grosseiramente picada a fim de lhe dar uma base de apoio mais estável é a mó dormente. A outra face, a face de apoio ao movimento da outra pedra da mó, levemente convexa e possui uma pequena cavidade de contorno grosseiramente quadrangular com 4,5 cm de profundidade tendo, à superfície, 2,5 cm de lado (Fig. 6-A, Est. V, Fig. 20).

- Numerosos fragmentos de tégula de espessura e cor variável. Destes, alguns são muito finos e esbranquiçados, com ornamentação grosseiramente «cordada» e devem pertencer ao mesmo vaso. Um deles, fino, de cor cinzento-escura, possui uma ornamentação constituída por uma série de pontos dispostos em zigue-zague. Seis são fragmentos de fundos; dos restantes, alguns são fragmentos de bordos.
- 3 moedas (romanas?), com cerca de 1,5 cm de diâmetro e mais dois fragmentos que parece pertencerem a mais duas, cuja identificação me parece muito difícil por estarem muito oxidadas (Est. XI, Fig. 32).
- Um pequeno pedaço de cobre (?) (Est. XI, Fig. 32), de secção quadrangular, com 3 mm de lado e 1 cm de comprimento, muito oxidado.
- Um pedaço de cobre (?) com 3,6 cm de comprimento, de pequena espessura e com 1 cm de largura máxima (Est. XI, Fig. 32). Parece-me que pode ter pertencido a uma bracelete, notando-se a presença de orifícios circulares, distanciados de 1,7 cm e com um diâmetro que podemos calcular em 3 mm.
- Um fragmento de «quartzo cristal de rocha», de contorno grosseiramente triangular, com 2 cm de comprimento e 1,4 cm de largura máxima (Est. XI, Fig. 32).

Casa 17 (Figs. 1, 2 e Est. IV, Fig. 17)

Tal como a casa 16 também esta se encontra entestada na muralha. É do tipo rectangular, tem um comprimento de 5,25 m e uma largura máxima de 2,97 m e mínima de 2,58 m. Dois dos muros nascem perpendicularmente à muralha; no entanto, dada a curvatura desta, enquanto que o muro mais a W se mantém perpendicular e é rectilíneo, o muro E, voltado para a casa 16 (Fig. 1), forma uma ligeira curvatura a fim de se apresentar, à nascença perpendicular à muralha e, depois, paralelo ao seu congénere.

Esta casa dista, da casa 16, cerca de 22 m na horizontal verificando-se, entre elas, um desnível do terreno, descaindo de E para W, de 3,45 m aproximadamente (Fig. 2).

A largura dos muros desta casa é, tal como na anterior, de cerca de 55 cm.

A porta, embora a sua posição não tenha sido localizada com exactidão, parece situar-se na parede que ocupa uma posição oposta e mais ou menos paralela à muralha.

As paredes desta casa foram levantadas até 75 cm de altura.

Espólio

- Numerosos fragmentos de tégula e telha de calceira.
- Alguns fragmentos de cerâmica, encontrados entre as pedras soltas que iam sendo removidas e colocadas, ora nos muros desta casa, ora na muralha. Tal como nos casos anteriores, também estes fragmentos mostram cor, espessura e aspectos variados, que nos permitem afirmar pertencerem a vários vasos.

Área compreendida entre a casa 16 e as casas 9 e 10

Entre a casa 16 e o ângulo mais distante da casa 9 (campanha de 1979) vai uma distância de 12,15 m (Fig. 1).

Esperávamos, dada a grande quantidade de pedras aí amontoadas, encontrar outras casas neste espaço; tal porém

não aconteceu, pois nenhum vestígio certo da presença de construções foi detectado. No entanto, um conjunto de pedras existentes em frente da casa 9 e mesmo por baixo de uma das suas paredes, podem ter pertencido a uma casa mais antiga, do tipo circular (Est. II, Fig. 14 — primeiro plano).

3.3. — *Casa fora do reduto central detectada no ano anterior a meia distância entre a muralha central e o campo de futebol (N.º 18)*

A verdadeira posição desta casa face às linhas fortificadas do Castro da Curalha, só poderá ser conhecida com a definição precisa desses alinhamentos muralhados.

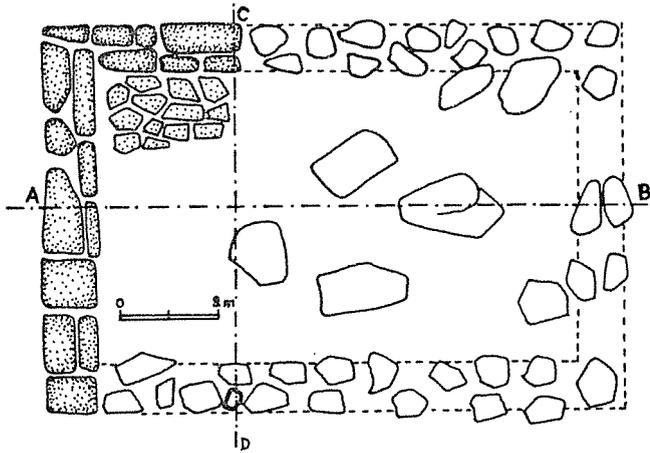
Na vertente voltada para a povoação de Curalha, o número de muralhas parece ter sido de três, tudo levando a crer que a casa por nós assinalada com o n.º 18, se encontre próxima da face interna deste terceiro (último?) reduto fortificado.

A sua presença foi assinalada em 1979. A construção do campo de futebol do Grupo Desportivo de Curalha levou a que máquinas escavadoras se aproximassem perigosamente desta casa, tudo levando a crer que parte do que resta desta última muralha tenha mesmo sido destruída.

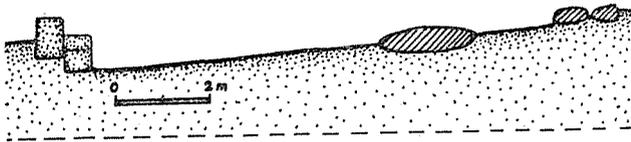
O receio de que futuros trabalhos na área circundante do campo de futebol e com ele relacionado viessem destruir irremediavelmente esta casa, levou-nos a optar por antecipar os trabalhos da sua escavação, trabalhos que, no entanto, ainda não estão concluídos; há que alargar a área de prospecção à volta da casa propriamente dita a fim de que a sua posição, área e limites fique total e perfeitamente definido. Por falta de tempo limitámo-nos, nesta campanha, à área interna da mesma.

Das suas paredes, apenas duas ficaram perfeitamente identificados quanto à sua verdadeira posição, pois que as suas bases estavam ainda bem conservadas; foram, respectivamente, as paredes voltadas para ENE e para SSE (Figs. 2-C e 4; Est. VI a VIII, Figs. 21 a 25). As outras duas paredes são de difícil

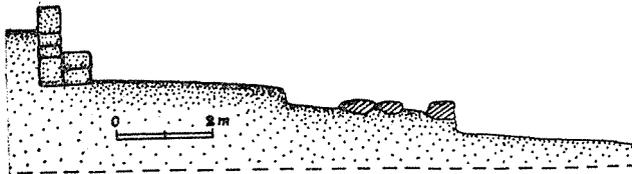
delimitação; as suas pedras devem ter sido arrancadas a fim de dar passagem aos carros que iam, ainda muito recentemente,



Planta esquemática da casa 18



Corte esquemático, segundo AB, da casa 18



Corte esquemático, segundo CD, da casa 18

Fig. 4: Planta e cortes da casa 18 fora da 2.^a muralha.

carregar pedras à muralha central do Castro para os mais variados fins (construção e calcetamento).

Devido à grande quantidade de vegetação ainda existente nesta vertente do Castro, admitimos a existência de pequenos

erros relativamente aos números que vamos indicar numa tentativa de assinalar a posição desta casa:

- dista da muralha central, aproximadamente, 32 m (considerados na horizontal);
- verifica-se um desnível (descaindo de S para N de cerca de 10 m relativamente à base da muralha (Fig. 2)).

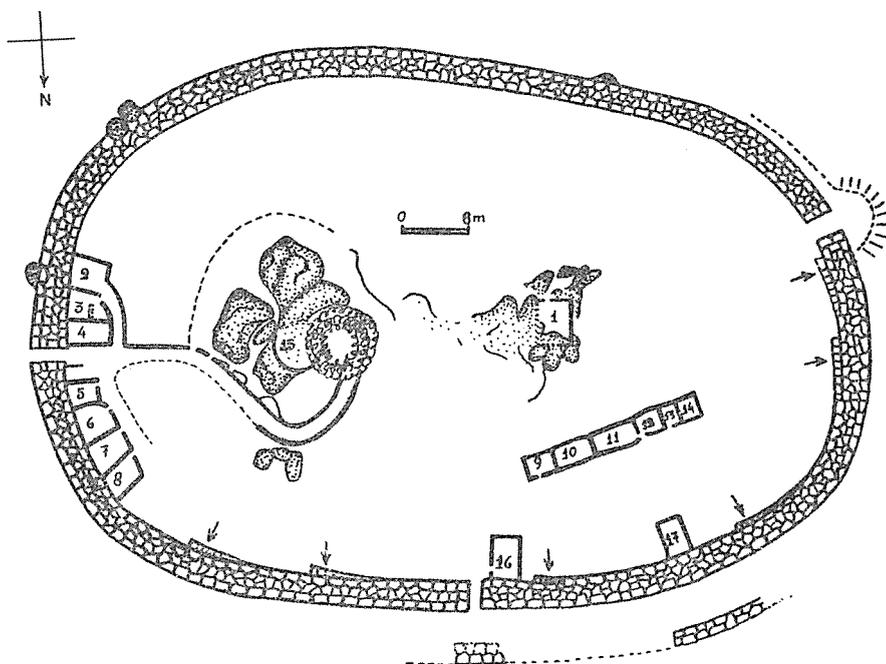


Fig. 5: Planta esquemática do Castelo de Curralha no final da campanha de 1980. Fora da muralha central e a cerca de 32 m da porta N situa-se uma casa rectangular (descrita com o n.º 18). As setas assinalam rampas de acesso à muralha.

É, como todas as casas postas a descoberto até ao momento, de forma rectangular tendo, internamente, 5 m de comprimento por 3,80 m de largura (valores aproximados, dada a dificuldade em detectar a posição precisa de duas das suas paredes, como foi referido).

O terreno onde se encontra esta casa não é verdadeiramente plano; descai de SE para NW e de SW para NE, embora os desníveis não sejam muito significativos (Fig. 4).

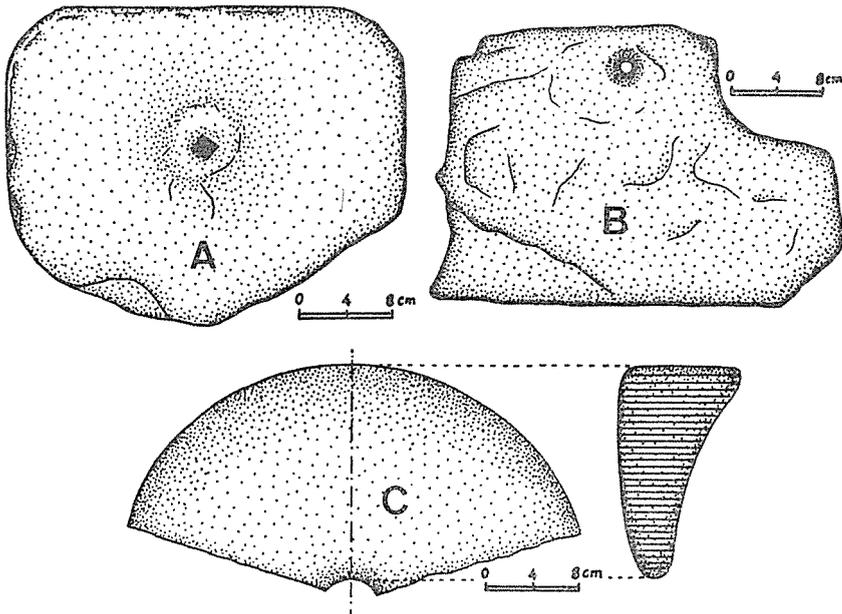


Fig. 6: Pedra furada e pedaços de mós, encontrados: A — mó dormente — na casa 16; B — na casa 18; C — mó andadeira — na casa 16.

As duas paredes ainda em regular estado de conservação na base são formadas, por séries duplas de pedras de granito, com uma largura que varia entre 48 e 58 cm. Algumas das pedras que as formam são de grandes dimensões e estão colocadas ora deitadas, ora ao alto.

Na superfície interna e no ângulo formado pelas duas paredes melhor conservadas encontrámos, escavados cerca de 20 cm de profundidade, um conjunto de pedras de pequenas dimensões, de superfícies planas, justapostas, que julgamos terem constituído uma lareira (Fig. 4). A apoiar esta hipótese

assinalamos a maior abundância de carvão nesta área e a cor da terra a este nível, cinzenta e muito fina, devido possivelmente à existência de cinzas misturadas.

Espólio

— Recolheram-se 1 756 fragmentos de cerâmica muito variada quanto à cor, espessura, tamanho dos vasos de que faziam parte, etc. Estes fragmentos pesam 13,690 kg. Entre eles parece ter interesse referir:

1589 fragmentos de espessura, cor, dimensões e constituição muito variada, dos quais:

- 40 têm cor castanho-avermelhada, uma espessura de 6 mm, com pequena quantidade de moscovite na sua constituição.

- 35 fragmentos de barro muito grosseiro, pertencentes ao mesmo vaso, bastante friável por terem sido, possivelmente, submetidos a uma temperatura de cozimento relativamente baixa, com uma superfície pouco lisa e outra rugosa. A superfície lisa parece justificar-se pela aplicação de uma delgada camada de argila fina. A cor, cinzenta, varia de intensidade com a espessura.

O maior destes fragmentos mede 14×11 cm e tem uma espessura de 3 cm.

Dado o seu aspecto terroso, as finas raízes das plantas penetram-nos com facilidade em todas as direcções.

Na sua constituição entra uma grande quantidade de areias de quartzo, perfeitamente visíveis em superfície de fractura recente, bem como moscovite.

Admitimos que eles pertençam a um tipo de vaso de grandes dimensões, grosseiro, cujos fragmentos ainda não tinham sido encontrados, até este momento, em qualquer outro local do castro. Estes 35 fragmentos pesam 3,800 kg.

132 fragmentos de «bordos» pertencentes também a vasos diferentes entre os quais, um, mede 17,5 cm de comprimento.

35 fragmentos de «fundos» um dos quais, o maior até agora encontrado, mede 21 cm de diâmetro.

— Numerosos pedacinhos de carvão mais ou menos espalhados por toda a área interna da casa, mas mais abundantes no ângulo onde, segundo tudo leva a crer, existia uma lareira.

— Uma pedra furada, de granito muito fino, com um comprimento máximo de 33 cm e uma largura máxima de 23,5 cm. O orifício encontra-se próximo de um dos bordos; a espessura desta pedra varia entre 5 cm e 3 cm e pesa 5,900 kg.

3.4. — *Pia cavada no granito (lagareta?)*

Encontra-se a ESE do Castro de Curalha, na margem direita do rio Tâmega, da qual dista aproximadamente 26,5 m. A sua posição é fácil de detectar, visto que se encontra junto de uma área de exploração de areia para a construção civil, depósito efectuado pelo rio Tâmega numa zona que parece ter constituído, no passado, a margem côncava de um dos seus meandros encaixados e cuja actividade erosiva deve ter cessado ali.

Do que fica exposto é natural admitir-se que a sua posição relativamente à margem direita do rio Tâmega tenha variado.

Além da «pia» propriamente dita, existe todo um conjunto de estruturas cujo significado não sei explicar. Assim:

Pia propriamente dita

Foi cavada numa rocha de granito que ocupa a sua posição natural, fora da zona de deposição de areia e a qual, por sua vez, se encontra junto de um bloco de granito (2) fazendo lembrar quando observado de frente um enorme cogumelo que mede de altura 2,70 m. Vários orifícios naturais existentes neste bloco podem muito bem ter servido de apoio a pranchas de madeira utilizadas para «pisar», caso a referida «pia» tenha sido utilizada como lagar.

Forma e dimensões

Comprimento 2,50 m; largura máxima, a meio, 1,05 m; largura média no topo mais afastado 0,92 m; largura mínima no topo próximo 0,67 m (Figs. 7, 8, Est. XII a XIV, Figs. 33-38).

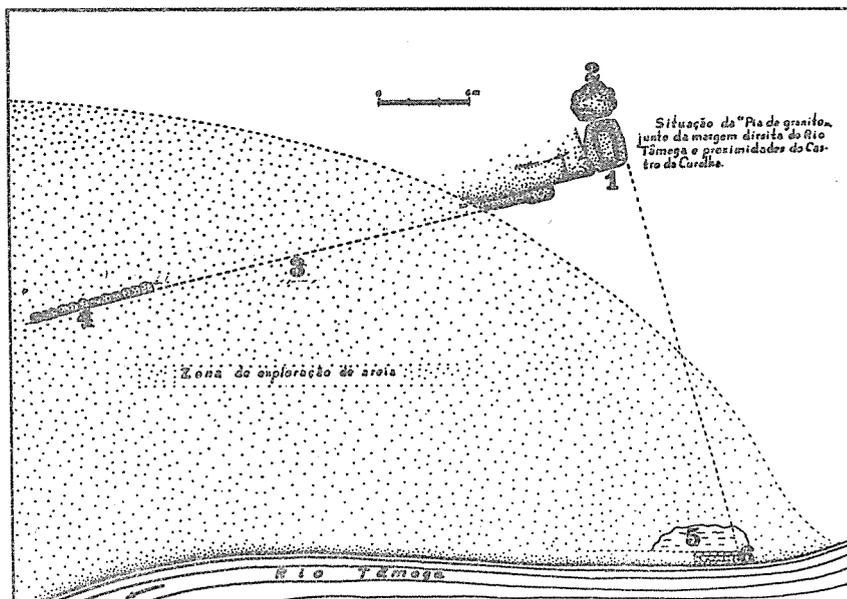


Fig. 7: Localização da pia de granito.

Frontalmente (Fig. 33) apresenta no bordo cuja espessura é de 10 cm, um rebaixo com 8 cm de profundidade e uma largura de, aproximadamente, 12 cm na parte superior e 5 cm na parte inferior.

Um outro rebaixo existe também frontalmente com 26,5 cm de altura e uma profundidade de 17 cm na base. Junto da base encontra-se o buraco de escoamento, mas não encontramos nenhuma pequena cavidade para onde esse escoamento se fizesse.

O fundo da «pia» é levemente côncavo e a sua profundidade é variável, sendo máxima a meio (41 cm). Este fundo não é

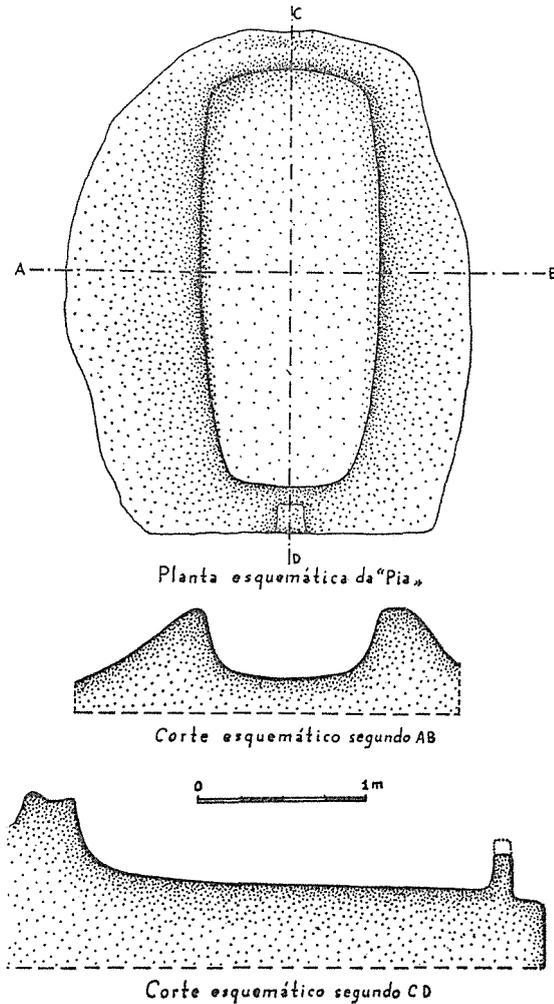


Fig. 8: Pia de granito (lagareta?) à borda do Tâmega.

horizontal; descai para a região anterior (onde se encontra o orifício de escoamento) e o desnível verificado é bastante acen-

tuado — 37 cm. Este desnível, se por um lado facilita o escoamento, por outro diminui a capacidade da «pia», pelo que não admitimos nada que o justifique.

b) *Muro*

Construído em plena área de exploração de areia, este muro (Fig. 7-4) foi, pelas máquinas escavadoras, parcialmente destruído. É constituído por blocos de granito, alguns de apreciáveis dimensões (Est. XIV, Fig. 38). Encontra-se em alinhamento com o rebordo de um conjunto de rochedos naturais, conjunto do qual faz parte aquele em que foi cavada a «pia» (Fig. 7). A posição deste muro em relação com a margem do rio Tâmega não é paralela; como pode ver-se no esquema este apresenta-se oblíquo em relação àquela, aproximando-se da margem à medida que se afasta relativamente à «pia».

A observação deste muro (Fig. 7-6) só foi possível em virtude da abertura, pela máquina, de uma cavidade mais ou menos profunda (Fig. 7-5), possivelmente de prospecção para averiguarem da espessura da areia ainda existente.

c) *Muro*

Como resultado foi posta a descoberto a face interna de um muro cujo comprimento e espessura não nos foi possível determinar, devido à quantidade de vegetação existente nesta margem do rio.

A face visível deste muro é constituído por pedras que, não sendo de grandes dimensões, estão colocadas com todo o cuidado umas relativamente às outras, mostrando um arranjo idêntico ao que se observa nas muralhas dos castros. A existência de uma superfície interna com estas características, parece-me suficiente para ser posta de parte a hipótese de se

tratar de um simples muro de suporte ou de protecção; a finalidade da sua construção deve ter sido outra. Qual?

Em face dos dados recolhidos até este momento sobre as estruturas descritas, alguns problemas se levantam:

- Haverá alguma relação entre estas estruturas e o Castro da Curalha?
- Serão, tais estruturas, da mesma época do ocupação, ou posteriores?
- Serão, as três estruturas indicadas, da mesma idade ou de idades diferentes?
- Qual a utilização da «pia»?
- Com que finalidade foi construído o muro 4? E o muro 6?

Creio que só nos resta continuar os trabalhos no Castro da Curalha, recolher o maior número de dados possíveis e ter esperança que dentre esses dados, alguns nos forneçam as pistas que nos levem, um dia, a formular hipóteses mais lógicas para a resolução de cada um dos problemas apresentados.

Tarefa em Outubro de 1980 por S. J.

Como em 1979 também no ano de 1980 os trabalhos no Castro da Curalha fizeram-se em duas tarefas.

A primeira, em Setembro, por Dr. Adérito Medeiros Freitas, e a segunda, por Prof. Santos Júnior, em Outubro.

Por pouca sorte só pudemos trabalhar dois dias devido ao tempo agreste que se levantou. De pessoal jornalheiro só conseguimos três mulheres e três homens e estes só no segundo dia.

Cada ano que passa é cada vez mais custoso conseguir pessoal jornalheiro e cada vez mais caro.

Estuda-se o modo de se conseguir que estudantes, especialmente dos últimos anos do liceu de Chaves possam colaborar nas campanhas de trabalhos do Castro da Curalha.

Aliás já nas primeiras campanhas estudantes prestaram no castro muito bons serviços.

Na 1.^a Campanha de escavações feita em 1974, por P.^o Adolfo Augusto Magalhães, Francisco Carneiro Júnior e Adérito Medeiros Freitas, colaboraram os seguintes estudantes: Amadeu Chaves Miranda, Manuel Francisco Chaves Miranda, Francisco Taveira Ferreira, Fernando José Magalhães e Carlos José Santana Abelha.

Na 2.^a campanha feita em 1975, por P.^o Adolfo Magalhães, Dr. Adérito Medeiros Freitas e Prof. J. R. dos Santos Júnior, colaboraram os seguintes estudantes: Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro, Fernando José Magalhães, José Manuel Xavier Araújo, José Luís de Sousa Correia, José Machado Ferreira Mangas e Luís Manuel Xavier Guerra.

Na 3.^a campanha feita em 1976 tivemos os seguintes estudantes colaboradores: Luís Manuel Montenegro de Araújo Pizarro, Fernando José Magalhães, Rui Jorge Xavier Guerra, Luís Manuel Xavier Guerra e José Luís Sousa Correia.

É justo relembrar estes rapazes que trabalharam com acerto, zêlo e manifesto empenho sob a orientação do Dr. Adérito Medeiros Freitas, Licenciado em Ciências Geológicas e Professor efectivo do Liceu de Guimarães.

Parte de um dia do nosso trabalho no mês de Outubro foi para acompanhar de Chaves à Curalha o topógrafo sr. João Miranda Rua, que percorreu o castro e a quem fomos explicando o que especialmente se pretendia realçar na carta topográfica do castro.

O Instituto Português do Património Cultural tinha-nos sugerido a necessidade de se fazer o levantamento topográfico do Castro da Curalha.

Há muito que se sentiam as vantagens e o grande interesse da carta topográfica do castro, que não foi já feita, dadas as

precárias condições materiais em que se tem trabalhado ⁽¹⁾ e, ao mesmo tempo, para aguardar que os trabalhos de prospecção, fossem descobrindo vestígios de construção.

A sugestão do Instituto Português do Património Cultural veio ao encontro do nosso desejo. E assim se convidou o topógrafo Sr. João Miranda Rua, residente em Chaves, a tomar esse encargo.

Esse convite resultou da comunicação, em «Parecer» da Comissão «AD HOC» do I.P.P.C. que recebi em Setembro de 1980.

Nesse «Parecer» lê-se, que «atendendo à importância do castro», importa que o investigador, a trabalhar no mesmo, «se empenhe sobretudo no levantamento topográfico dos testemunhos já postos a descoberto durante as precedentes escavações».

Foi acedendo, e de acordo, com esta sugestão, que, repetimos, veio ao encontro do nosso intuito, convidei o topógrafo Sr. João Miranda Rua, a fazer a planta topográfica do Castro.

Em 25 de Outubro de 1980 enviei a proposta daquele topógrafo propondo-se fazer o levantamento topográfico do castro e zona arqueológica envolvente.

⁽¹⁾ Um dia em Carvalhelhos, manifestei ao colega e amigo Dr. Ascenso Metelo o desejo de fazer o levantamento topográfico do Castro de Carvalhelhos onde trabalhava há duas dezenas de anos.

O Dr. Ascenso Metelo, que foi distinto Professor e Reitor do Liceu de Portimão, foi, alguns anos, excelente companheiro na estância termal de Carvalhelhos.

Um ano resolveu trazer o seu teodolito e com o seu filho, então estudante de engenharia, colheu os elementos com que elaborou a carta topográfica do Castro de Carvalhelhos que graciosamente me ofereceu.

Depois de feita a gravura que publiquei no meu trabalho *Duas campanhas de escavações no Castro da Curalha (1965-1966)*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XX, Porto, 1965-1966, págs. 181-190, 9 Figs., ofereci o original à Empresa das Águas de Carvalhelhos.

À memória do Dr. Ascenso Metelo que foi um bom professor, um bom topógrafo e um bom amigo, presto a homenagem de minha saudade.

Com os trabalhos feitos nos últimos anos, e, sobretudo, com o desentulhamento dos fossos, com funduras de 5 a 7 m, julgo que seria conveniente um novo levantamento topográfico do Castro de Carvalhelhos.

Aguardava-se que o I.P.P.C. subsidiasse o custo da carta topográfica que foi orçamentada em 30 000\$00 (1).

Prosseguiu-se com o corte e arranque do mato, que, como se referiu nos relatórios das campanhas anteriores, crescia em tufo espessos.

O corte do mato fez-se especialmente no alto, entre o pinheiro manso e a muralha que lhe corre pelo norte.

Algum do mato cortado ainda foi em parte queimado.

Para evitar a grande despesa com o corte do mato arbustivo e herbáceo, com carvalho de muitos e pequenos carvalhos à mistura, põe-se a hipótese de, cautelosamente, proceder a queimadas por faixas pequenas e convenientemente escolhidas para evitar fogo desordenado.

Em campanhas anteriores encontrou-se junto da porta do lado sul um resto de parede a entestar na muralha perto do cunhal interior do lado nascente daquela porta.

Havia que remover as muitas pedras amontoadas contra a face interna da muralha, que, naquele sítio, tem 2 m de altura, e em parte tapavam o resto da parede descoberta nas campanhas anteriores.

Se aquele resto de parede for, como é natural supôr, parede lateral de uma casa encostada à muralha, e que esta lhe forma a parede fundeira, a 4 ou 5 m deve aparecer a outra parede lateral.

Como só se pôde trabalhar dois dias por causa do mau tempo, e dada a falta de pedreiro para ir arrumando na muralha as muitas pedras sem a menor dúvida dela ruídas, não se pôde prosseguir a descoberta das outras paredes da casa, se é que aquele resto de parede a entestar na muralha é porção da parede lateral de uma casa rectangular, como é lícito supor.

Será tarefa a prosseguir em nova campanha de trabalhos.

(1) Em 1981 já foi autorizada a verba para pagar a carta topográfica. Logo o comuniquei ao topógrafo, que se propôs dar o trabalho feito até Dezembro de 1981.

Com o corte do mato e carvalhiço desafogaram-se as casas que, com paredes meias e postas em fiada, seguem encostadas à muralha e à direita da porta leste de entrada no castro.

Com o corte do mato entre o pinheiro manso e a muralha que lhe corre pelo norte desafogaram-se as casas em fiada que seguem à direita da porta de entrada no castro voltada a nascente.

Aquelas casas encostadas à muralha que lhes forma parede fundeira, seguem-se em fiada com paredes laterais meeiras. Só pudemos medir as cinco primeiras (Fig. 9).

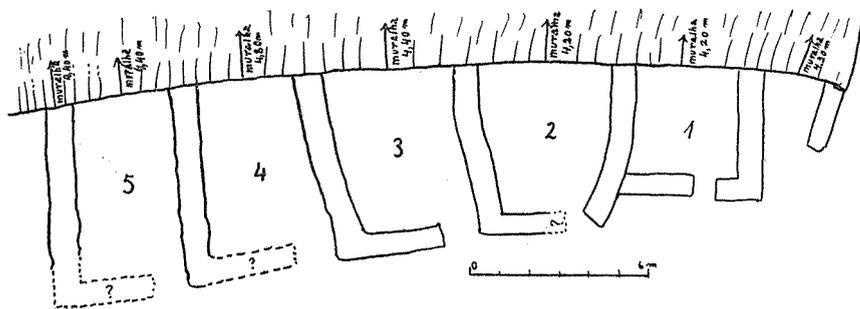


Fig. 9: Casas à direita da porta leste do castro encostadas à muralha que lhe forma parede fundeira. As n.ºs 1 a 4 são as n.ºs 5, 6, 7 e 8 da Fig. 5.

A casa n.º 1 foi escavada em 1979 por intrusos.

No trabalho *O Castro da Curalha — 5.ª campanha de escavações — 1979*, por Adérito Medeiros Freitas e J. R. dos Santos Júnior, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. IV Vol. 23, Porto, 1980, págs. 393-405, 20 Figs., nas págs. 403-404 referiu-se o assalto ao castro por quatro pessoas, que, clandestinamente, escavaram e crivaram a terra da casa n.º 1, que entesta à muralha e fica adjacente pelo norte com a porta de entrada no castro pelo lado nascente.

Como então se referiu, um informador, que um dia assistiu ao escavar da terra e sua crivagem ao lado de fora da muralha, contou que os intrusos apanharam e levaram muitos cacos, um vaso inteiro em forma de tijela e duas moedas do tamanho de uma moeda de cinco escudos.

Em 22 de Janeiro de 1980, como nos cumpria, informamos o Instituto Português do Património Cultural do atrevido assalto e rapina daquela casa do Castro da Curalha.

Os assaltantes já foram identificados, são professores primários do concelho. Prontificaram-se a fazer entrega ao Museu Municipal de Chaves dos objectos rapinados. Porém, até Outubro de 1980 não tinham sido entregues.

Casa n.º 1

À esquerda da porta de entrada aflora um rochedo de granito de superfície natural um tanto aplanada e suave pendor para o lado da entrada da casa.

Está queimado pelo fogo numa mancha arredondada de uns 50 cm de diâmetro devido a fogueiras repetidamente feitas naquele sítio.

Aquela pedra seria a lareira daquela casa.

A casa foi escavada pelos intrusos a uns 50 ou 60 cm de fundura, como patenteia a mancha na face interna da muralha que forma a parede fundeira da casa.

Casa n.º 2

A casa n.º 2 mostra junto da muralha uma cova com terra remexida, o que, provavelmente, assinala também ter ali sido iniciada a escavação pelos intrusos que limpam a casa n.º 1.

Casa n.º 3

A casa n.º 3 tem a meio uma cova oblonga não muito funda, que deve corresponder a ter sido escavada.

Como não é patente remeximento de terra, tal escavação deve ter sido feita há um bom par de anos, tanto mais que nela havia vegetação arbustiva forte e densa.

Esta casa tem paredes ainda com alturas de 1,60 a 1,80. Das 3 casas é a que tem as paredes mais altas. As outras duas têm paredes de 80 a 90 cm de altura e em alguns sítios ainda menos.

Casa n.º 4

Tem a parede meeira, com a casa n.º 5, em parte derruída.

O que seria a parede fronteira não é senão um amontoado linear de pedras. Não se pode ver como seria a entrada da casa. Removidas as pedras soltas é provável que se encontre íntegra a base ou alicerce.

A altura das paredes chega a ir a 1,40 m.

Casa n.º 5

Tem o chão astrado de pedras, algumas amontoadas, derruídas das suas paredes, e especialmente da parede fronteira onde se rasgaria a porta de entrada.

Tem forma rectangular e é a mais derruída desta fiada de casas.

Seguem-se-lhe rente à muralha, muitas pedras espalhadas por bastantes metros quadrados que o mato espesso encobre em grande parte.

É bem possível que outras casas se sigam ao correr da muralha que nas 5 casas referidas desempenha o papel da parede fundeira e tem largura de mais de 4 metros.

Estas cinco casas, bem como as casas fronteiras, ao lado esquerdo da porta nascente do castro, merecem ser cuidadosamente escavadas em estudo pormenorizado e arrumo conveniente das muitas pedras caídas junto das suas paredes.

Pudemos fazer um esboço (Fig. 10) do pequeno portelo que foi descoberto pelo Dr. Adérito Medeiros Freitas numa das suas campanhas, e dá passagem aos penedos em cujo cimo há os restos de uma casa circular. O portelo teve de ser refeito em 1980 por haver sido em grande parte destruído, certamente pela garotada.

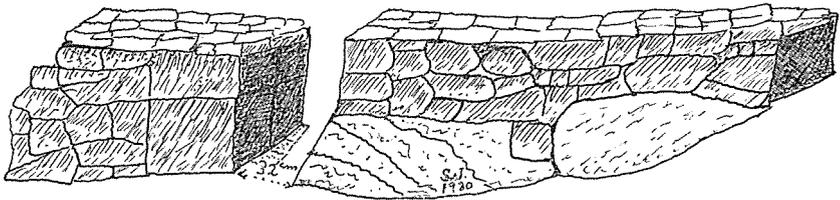


Fig. 10: Estreito portelo de acesso à penedia, o cimo da qual há restos de casa circular. Na campanha de 1981 foi refeito por ter sido em parte derruído.

Com os trabalhos que se fizeram nas 6 campanhas o valor arqueológico do Castro da Curalha vem crescendo, não só pelas descobertas feitas, mas também pelos muitos problemas que vão surgindo, alguns já resolvidos e outros apontados para cuidadoso estudo em trabalhos ulteriores.

Oxalá não nos falem incentivos e ajudas para levar por diante a grata tarefa de estudo e valorização do Castro da Curalha, que vem sendo escavado com todo o entusiasmo e crescente interesse arqueológico.



Fig. 11 — Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha, no início dos trabalhos.



Fig. 12 — Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha, já parcialmente reconstruída.



Fig. 13 — Casa 16 e porta norte da muralha central.



Fig. 14 — Muralha norte, a oeste da porta virada à Curalha (face interna) no final da campanha.



Fig. 15 — Casa 16 e porta norte da muralha central.



Fig. 16 — Casa 16. O alinhamento irregular de pedras dispostas transversalmente, pode ter pertencido a uma casa anterior.

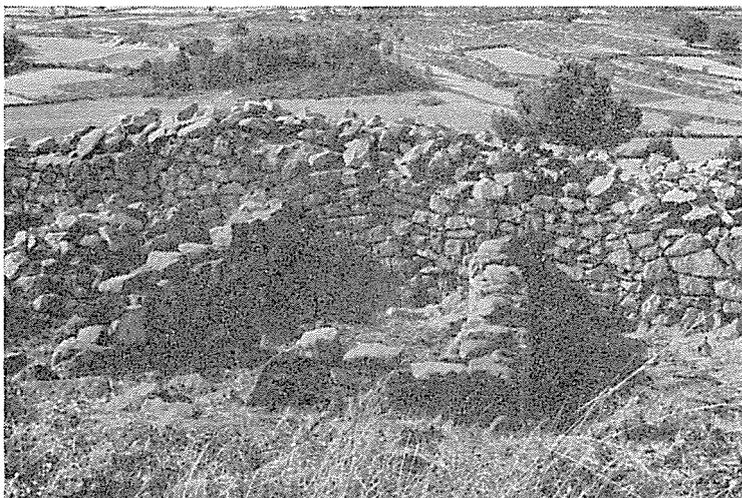


Fig. 17 — Casa 17 entestada à muralha.

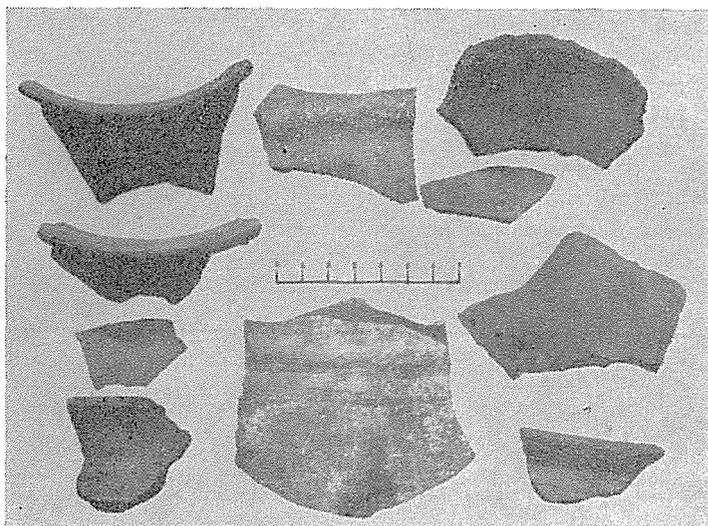


Fig. 18 — Fragmentos de cerâmica encontrados na casa 16.

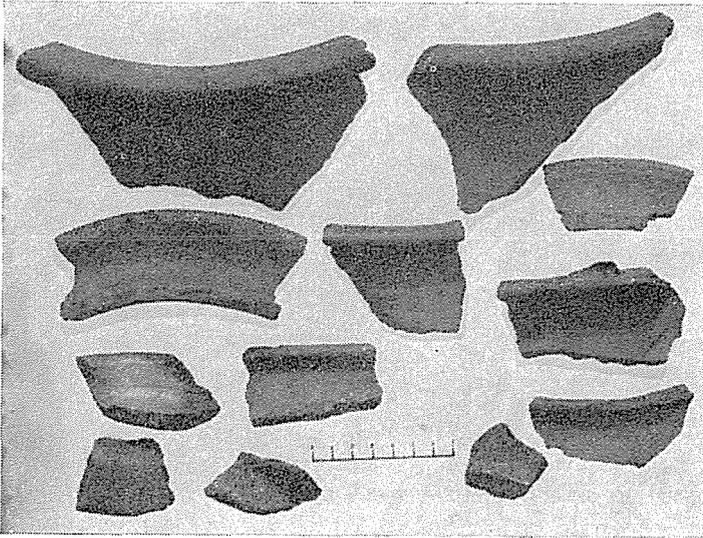


Fig. 19 — Fragmentos de cerâmica cinzento-escura (bordos) encontrados na casa 18.

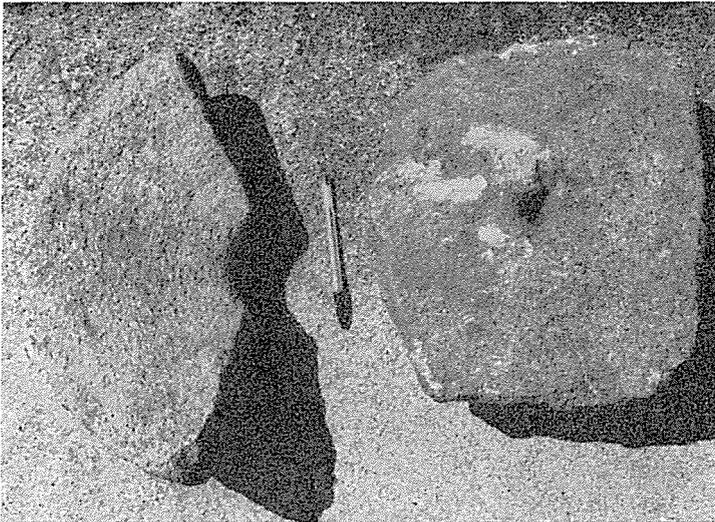


Fig. 20 — Pedras de mó (dormente e andadeira) encontradas na casa 16.



Fig. 21 — Início dos trabalhos na casa 18, após o corte do mato.
As pedras salientes assinalam as paredes da casa.

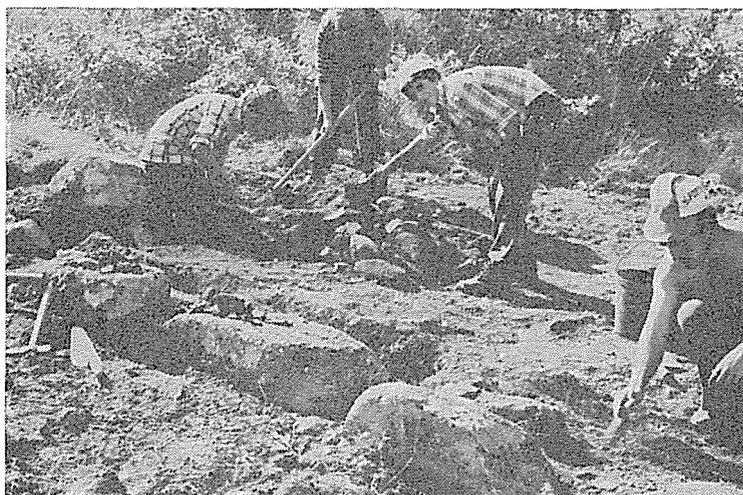


Fig. 22 — Casa 18 durante os trabalhos.



Fig. 23 — Casa 18. Uma das paredes é bem visível em todo o seu comprimento e largura.



Fig. 24 — Casa 18 durante os trabalhos.



Fig. 25 — Casa 18. Final dos trabalhos da campanha de 1980. Em primeiro plano e à direita, a pedra furada ali encontrada.

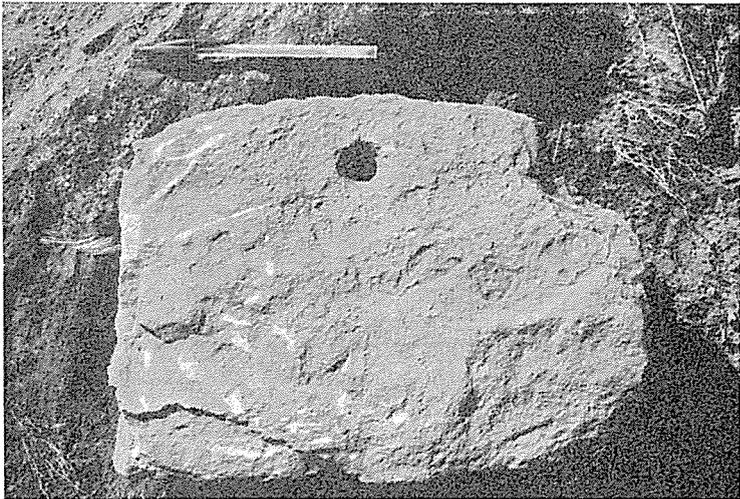


Fig. 26 — Pedra furada, de pequena espessura (granito) encontrada na casa 18.

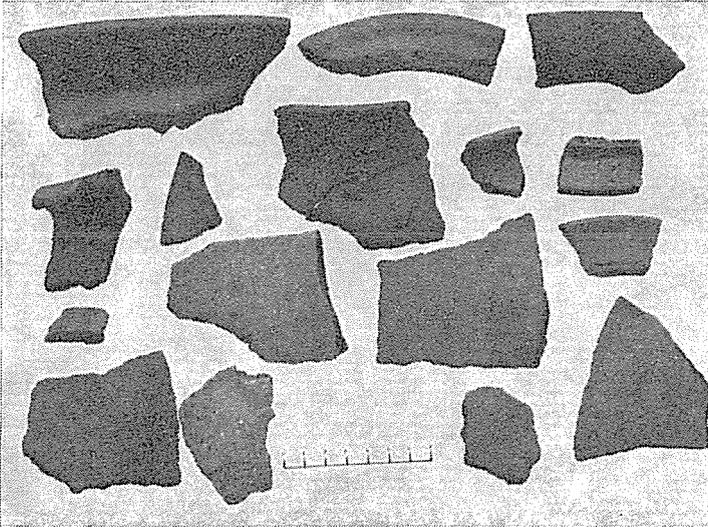


Fig. 27 — Fragmentos de cerâmica (casa 18).

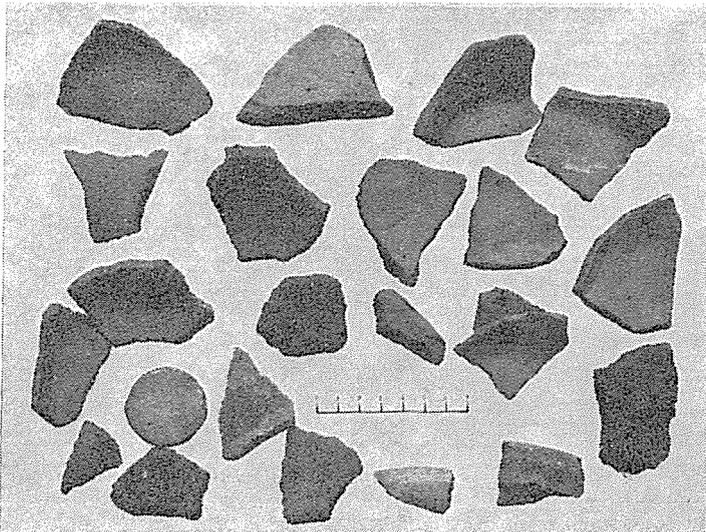


Fig. 28 — Fragmentos de cerâmica (casa 18).

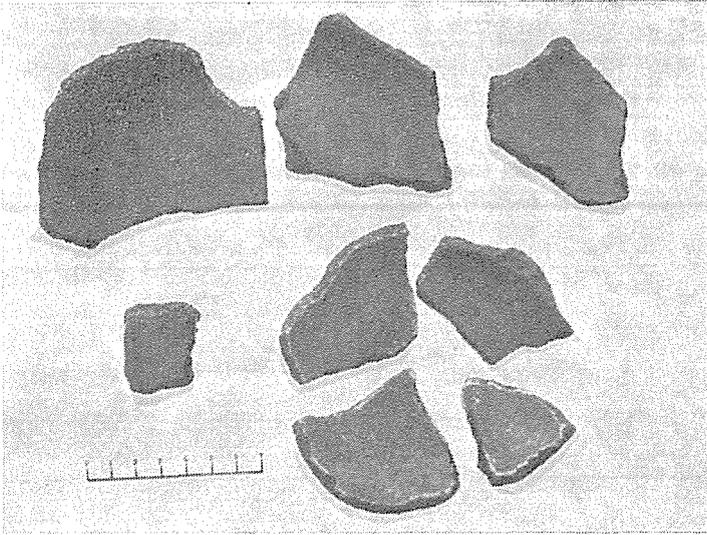


Fig. 29 — Fragmentos de cerâmica (casa 18).

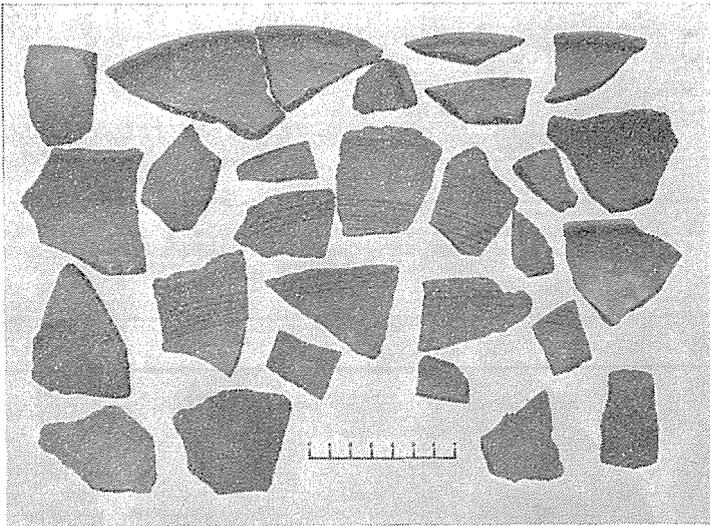


Fig. 30 — Fragmentos de cerâmica fina, avermelhada, com estriação concêntrica (casa 18).

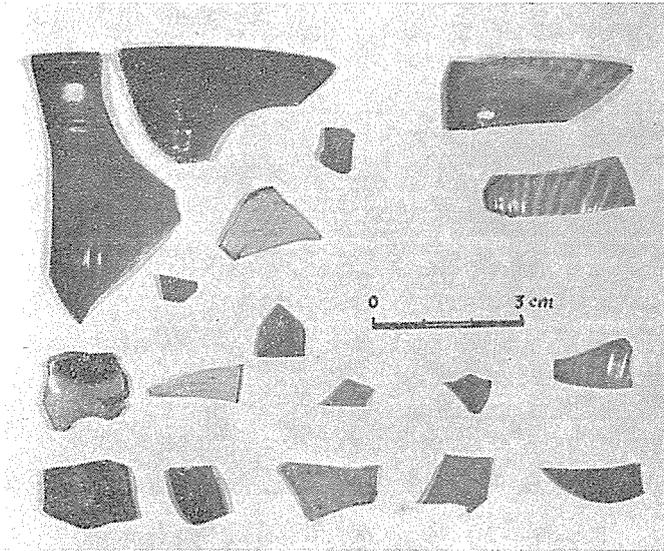


Fig. 31 — 18 fragmentos de vidro (casa 17).

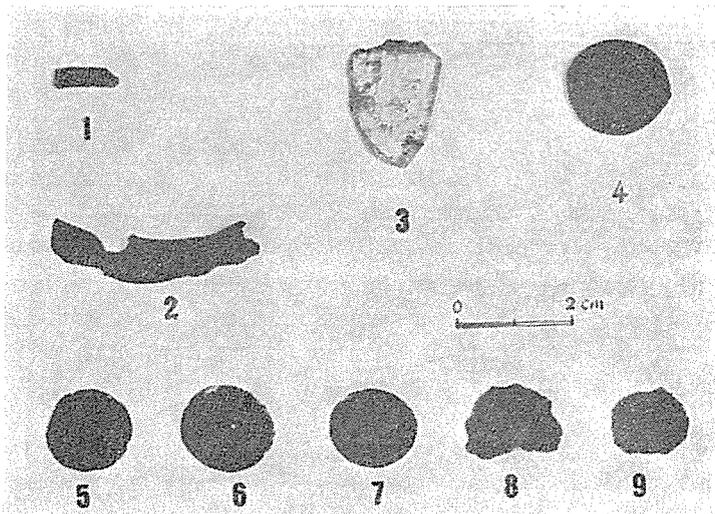


Fig. 32 — Dois fragmentos de cobre? (1 e 2); um pedaço triangular de «quartzo cristal de rocha» (3); um glóbulo de escória (4); e cinco (?) moedas (5, 6, 7, 8 e 9), (casa 16).



Fig. 33 — Pia de granito (trabalhos de limpeza).

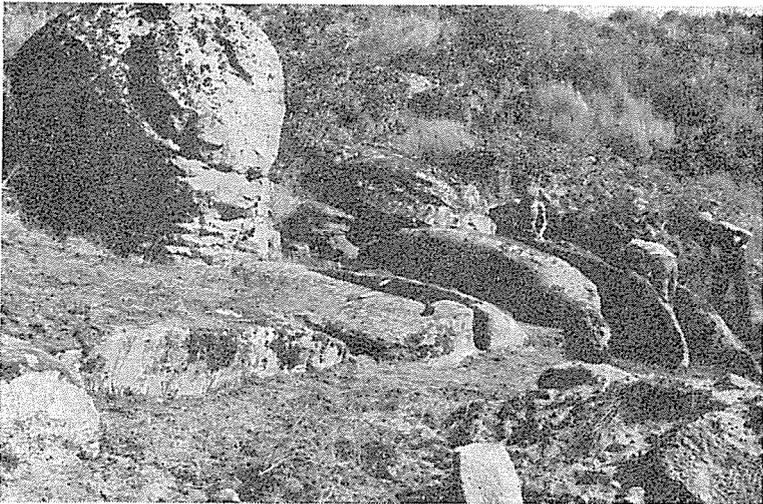


Fig. 34 — Pia de granito (aspecto parcial do conjunto em que se enquadra).



Fig. 35 — Pia de granito.

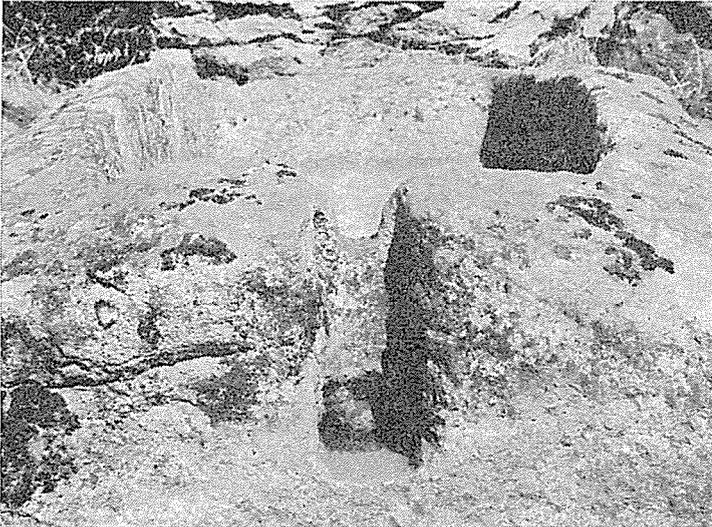


Fig. 36 — Pia de granito (vista de frente).

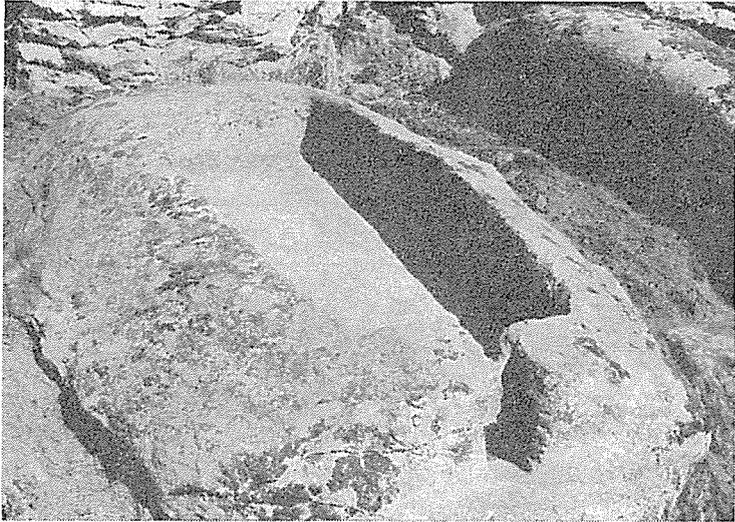


Fig. 37 — Pia de granito (pormenor).



Fig. 38 — Muro 4 (uma das problemáticas estruturas da área em que se enquadra a pia de granito).

Mais três berrões proto-históricos de Freixo de Espada-à-Cinta

POR

J. R. dos Santos Júnior *

Professor jubilado de Antropologia e Sociologia da F. C. da Universidade do Porto
Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e bolseiro do I.N.I.C.

Na área do concelho de Freixo de Espada-à-Cinta foram descobertos três pedaços de berrões proto-históricos.

Um é uma grande cabeça de porco ou javali (?) encontrada em Mazouco junto da capela de Sant'Ana, a duas ou três centenas de metros da margem da albufeira da barragem de Saucelhe, que ali faz fronteira com a Espanha.

Os outros dois são pedaços de berrõezinhos, verdadeiros destroços, encontrados ao lavrar o campo de sementeira do Cabeço da Coraceira, contíguo, do Castro do Monte de Santa Luzia pelo sudoeste.

O BERRÃO DE MAZOUCO

Mazouco é freguesia do concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, assente abaixo da meia ladeira na margem direita do rio Douro, e a cerca de três km, pelo nascente, da sede do concelho.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas 4470 Maia.

A aldeia fica a uns 700 ou 800 m da albufeira formada pela barragem de Saucelhe, que cortou o rio Douro a pouco mais de 1 km a sul da vila de Freixo de Espada-à-Cinta.

O meu amigo Sr. Elísio Óscar Capelas Avelar, proprietário em Freixo de Espada-à-Cinta, que tem sido companheiro e prestimoso guia nas várias vezes que andei por Freixo em pesquisas arqueológicas, escreveu-me em Agosto de 1980 a anunciar o aparecimento em Mazouco de uma cabeça de granito, de berrão arqueológico, descoberto havia cerca de um mês.

Só em 10 de Setembro de 1980 pude ir de Moncorvo a Mazouco. Foi meu companheiro o amigo Amadeu Menezes residente em Moncorvo e proprietário em Mazouco.

De entrada houve relutância na cedência da chave da capela de Sant'Ana onde estava arrecadada a cabeça de pedra do berrão.

Por fim, graças à interferência do Sr. A. Menezes, foi-me facultada a chave da capela, que fica no fundo da ladeira a cerca de 300 m da margem direita do rio Douro, que ali faz linha de fronteira com a Espanha.

Enquanto se ajustava a cedência da chave da capela, num juntoiro de pessoas da aldeia fui colhendo informações.

Aquela grande cabeça de porco ou de javali (?), durante muitos anos andou aos tombos, a servir de peso às grades de agradar a terra nas sementeiras.

Houve quem dissesse tê-la visto abandonada a fazer parede, e que, em dada altura, que não precisaram, umas mulheres a enterraram junto da capela de Sant'Ana.

Ultimamente foi desenterrada e arrecadada na capela.

Vi a cova de onde a tiraram, que ficava a 6 m do cunhal norte da capela. Cova pouco funda, com 80 × 50 cm de boca e 50 cm de fundo.

Não consegui averiguar o como nem porquê as mulheres a tinham enterrado, nem as circunstâncias que levaram a desenterrá-la.

Voltei a Mazouco em 20 de Setembro de 1980.

Informaram que na ocasião do achamento houve, como é natural, uma onda de curiosidade que levou muitas pessoas da aldeia a irem ver aquela grande cabeça granítica de porco.

Conta-se que um dos visitantes, depois de a olhar atentamente, teria dito.

— No meio desta cabeça, no sítio dos miolos, é capaz de haver um tesouro.

É geral entre o povo a crença de tesouros ligados aos achados arqueológicos. Tal crença, quanto às estátuas zoomórficas dos berrões proto-históricos, levou ignaros sonhadores de tesouros encantados no seu interior, a quebrá-las em pedaços maiores ou menores; em alguns casos toparam-se tão pequenos que são verdadeiros destroços (¹).

Ainda bem que agora aquela cabeça está arrecadada na capela de Sant'Ana, até que seja integrada num museu, onde é o seu justo e devido lugar. Isto para evitar que um demetado sonhador de tesouro nela escondido, o leve a estilhaçar aquela cabeça à marretada.

A CABEÇA DO PORCO

Trata-se de uma robusta cabeça de granito de grão médio com alguma mica branca, moscovite.

(¹) A mania da crença da existência de tesouros escondidos, a bom recato, no meio das estátuas dos berrões, deve ter sido a razão de muitas dessas estátuas terem sido quebradas à marretada.

Assim sucedeu ao berrão do Cabeço de Nossa Senhora da Assunção de Vilas Boas (Vila Flor), do qual me ocupei nas págs. 484 a 486, do trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antrop. e Etnol., fasc. 4, Vol. 22, Porto, 1975, págs. 353-515, 31 desenhos e LIII Est. com 100 fotografavuras.

Aquele grande berrão de Vilas Boas foi partido em 5 pedaços.

O Sr. Nuno Aragão fez a reconstituição do berrão colando os 5 grandes pedaços e outros menores com cola Araldite (Ciba). Está em exposição no pequeno mas belo museu de Vila Flor.

Como escrevi no cit. trabalho, na pág. 492 as mutilações dos berrões trasmontanos podem ter sido o resultado de razias conseqüentes

É uma cabeça relativamente grande; tem 55,5 cm de comprimento, e foi quebrada pelo pescoço por dois planos de fractura formando crista transversal de ângulo diedro, com 26 cm de comprimento. O plano superior, maior, é quase plano; o inferior, menor, é algo enconchado (Figs. 1, 2 e 3).

No alto, a meio da cabeça, no plano sagital, tem uma crista com 22 cm de comprimento e uns 1,5 a 2 cm de altura (Fig. 4). Esta crista morre ao nível do plano anterior das orelhas, as quais, apesar de esmouçadas, se nos assemelham curtas e arredondadas. Uma delas, a direita, apesar de muito esmurrada ainda patenteia ligeiro enconchado mediano.

Do plano anterior das orelhas ao que resta da ponta do focinho são 26 cm.

A largura entre os topos superiores das orelhas é de 7 cm, o que indica inserção alta das mesmas, carácter que pode considerar-se próprio do javali.

O focinho, roliço, tem a ponta arredondada em calote esférica, com vestígios nítidos de desgaste por arrastamento, com

a lutas ou guerras tribais, ou inconsciência, ou ganância, dos seus achadores acidentais, que, imaginando haver tesouros fabulosos escondidos nas entranhas de tais estátuas de pedra, prontamente as despedaçavam.

Neste particular é bem demonstrativo o que José Ramon Fernandez Oxea conta no seu trabalho *Nuevas esculturas zoomorfas prehistóricas en Estremadura*, in «Ampurias», vol. XII, Barcelona, 1950, págs. 55 a 78, 8 figs. e 6 est. com 23 fotogravuras.

Assim, na pág. 58 conta como desapareceu o verraco de Passaron, e foi o seguinte.

Um paisano de Passaron sonhou várias noites que a sua sorte estaria nas *Puertas del Sol* em Madrid. Para lá foi e ali divagou dois dias sem ocorrência digna de registo.

No terceiro dia um indivíduo, que o tinha observado nos dias anteriores, acercou-se e perguntou-lhe porque é que ali andava há dois dias de um lado para o outro; se estaria à espera de alguém que ainda não chegara. O paisano deu-lhe conta pormenorizada dos seus sonhos, ao que o outro ripostou: «— No hagas caso de sueños, pues no hace mucho tiempo que yo también soñé que en un pueblo havia un verraco de piedra que por dentro estaba lleno de oro».

Claro que o paisano mal regressou a Passaron foi-se ao verraco parti-o em pedaços, e do qual nunca mais se ouviu falar.

duas estaladelas, uma horizontal no bordo inferior, e outra mais pequena na vertical. Perímetro da ponta do focinho 45 cm. Não se lhe nota o menor vestígio de boca nem de olhos.

Tem dois dentes caninos compridos e arqueados que quase juntam as pontas na linha médio sagital. Dentes ainda bem patentes apesar de muito desgastados ou esmurrados por arrastamento (Fig. 1).

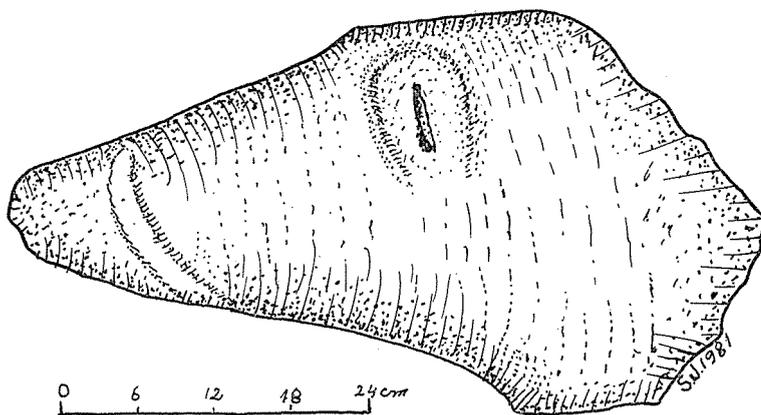


Fig. 1 — Desenho esquemático da cabeça do berrão de Mazouco.

Estes grandes dentes caninos e a inserção alta das orelhas permitem considerar aquela cabeça como de javali.

A crista nugal que já referi, embora rebaixada por arrastamento, é ainda bem patente; termina adiante entre as orelhas e devia continuar-se para trás com a crista raquidiana, patente em algumas estátuas graníticas de porcos.

Duas depressões, de localização um tanto assimétrica, a que se adapta a polpa de um dedo, especialmente a do lado direito, poderiam ser as narinas. No entanto a sua situação bastante baixa e assimétrica, cria a dúvida de que tais depressões ovulares sejam consideradas como vestígios das narinas,

Aquela cabeça, como se disse, serviu de pedra de peso às grades de agradar a terra, o que, naturalmente, pelo arrastamento e pelo rebolar da mesma, esmurrou e desgastou, espe-

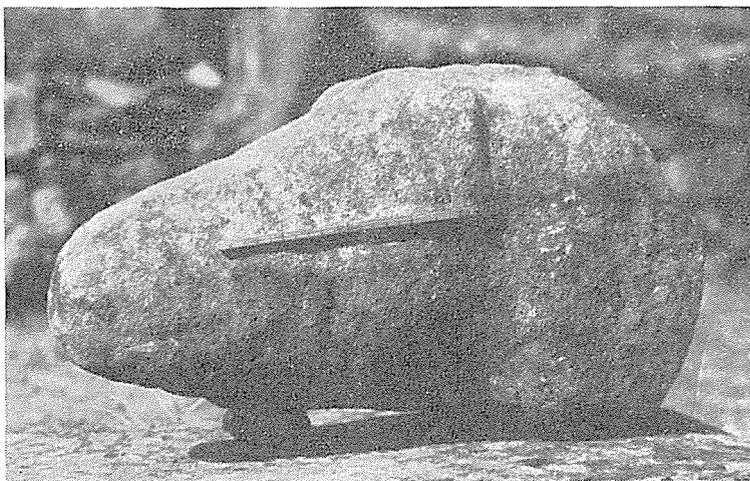


Fig. 2 — Cabeça do berrão de Mazouco. A reguazinha é de 20 cm. Ponta do focinho boleada. A meio do alto da cabeça uma crista com cerca de 1,5 cm de altura. Orelha esquerda realçada pela sombra do bordo posterior. Ainda se vê o topo cimeiro da orelha direita.

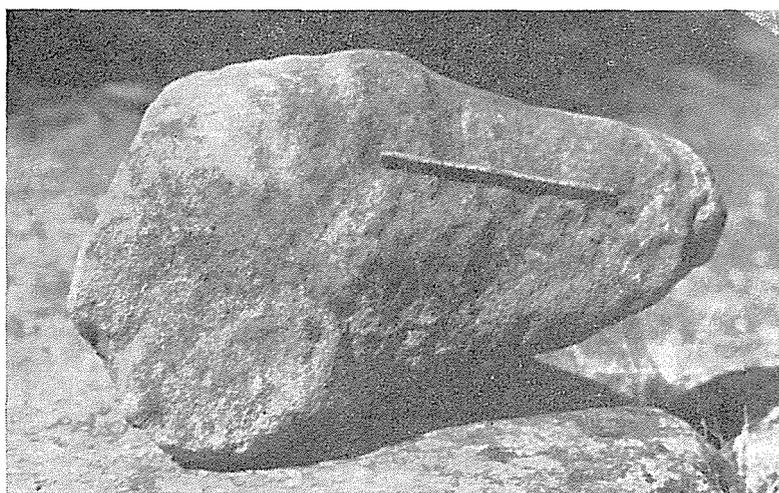


Fig. 3 — Lado direito da cabeça do berrão de Mazouco. A orelha direita ainda patente com os dois bordos anterior e posterior e goteira mediana.

cialmente a ponta do focinho. Aos pormenores escultóricos dos grandes dentes e cristas do alto da cabeça devia corresponder uma perfeita ponta do focinho, com traço de fenda bucal e narinas.

O perímetro do focinho, na ponta, é, como dissemos, de 45 cm, e no plano anterior das orelhas de 82 cm.

O perímetro pelo alto da cabeça no encurtamento do bordo inferior do focinho, ou seja no início da barbela, atinge cerca de 1,10 m.

CONDIÇÕES DO ACHADO

Aquela grande cabeça fôra achada por duas mulheres no mês de Agosto de 1980 junto da capela de Sant'Ana. Como disse serviu de peso nas grades de agradar as terras das cercanias. Depois foi abandonada e esteve a fazer parede no muro do reduto da capela, até que foi enterrada na cova que ainda fui encontrar aberta.

Não consegui apurar pormenores de informações quanto ao que levaria a ter sido enterrada, nem quanto ao seu achamento e arranque.

A capela de Sant'Ana fica a duas ou três centenas de metros do Picão da Raposa, sobranceiro ao rio Douro.

O PICÃO DA RAPOSA

Este pequenino castro, é um cabeço cónico muito pedregoso, que fica entre a capela e o rio, tem na vertente do lado norte um paredão com cerca de 100 m de comprimento feito de pedras mal aparelhadas, resto de tosca muralha (Fig. 7) a suportar um terraplano com 70 a 80 m de comprimento e largura em média de 12 a 13 m.

Ali apanhei alguns pequenos pedaços de cerâmica, dois deles com saliente encordoado, como tantas vezes se tem encon-

trado em castros trasmontanos. Alguns alinhamentos de pedras, postas de bico ao alto ou de cutelo, não se pôde averiguar o seu seguimento e interpretar o seu justo significado, que bem pode ser restos dum ouriçado de pedras fincadas.



Fig. 4 — Esta fotografia evidencia a orelha esquerda, a crista mediano-sagital, o topo superior da orelha direita e o dente canino muito esmurrado.

É muito apregoada a *froncela* do Picão da Raposa.
Vamos ver o que é aquela *froncela*.

No alto do Picão há quatro paredes em parte derruídas, de casa subquadrada que no canto do lado sul engloba um pequeno penedo que tem um largo escavado oval com 48 cm de largura no quarto superior, a sua maior largura, e 47 cm de comprimento do cimo ao início do sulco ou canal de escoadouro (Fig. 8).

O fundo da parte espalmada daquele escavado em forma de palmatória não é liso mas antes mamelonado. Está rebaixado da superfície do penedo uns 5 cm na parte cimeira, e 6 a 7 na parte em que vai estreitando suavemente e se continua num sulco ou rego de 26 cm de comprimento, e largura de 7,5 cm, que vai estreitando até 6 cm, quando termina no bordo da pedra que foi cortada a prumo. A fundura daquele rego em meia cana é de 2,5 a 3 cm.



Fig. 5 — Margem direita da represa da barragem de Saucelhe. No 2.º plano a mancha negra é o Picão da Raposa. À direita vislumbra-se a capela de Sant'Ana. No 3.º plano o castro do Pombal ou dos Manganéis.

Logo por baixo do topo final do rego há um escavado em concha, em forma de meia lua, com 8,5 cm de comprimento por 3 cm de altura entre o bordo cimeiro recto e o inferior côncavo. Tem quase 2,5 cm de fundo. Aquele escavado oferece condições de perfeito ajuste de uma vasilha para receber o líquido que escorresse daquele sulco rasgado em meia cana.

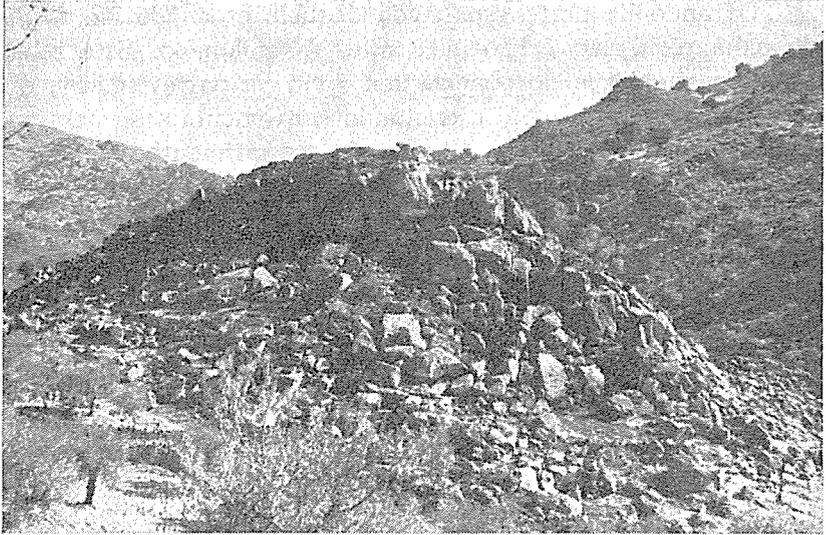


Fig. 6—Lado sul do Picão da Raposa. Na face oposta é ainda patente um troço de muralha.

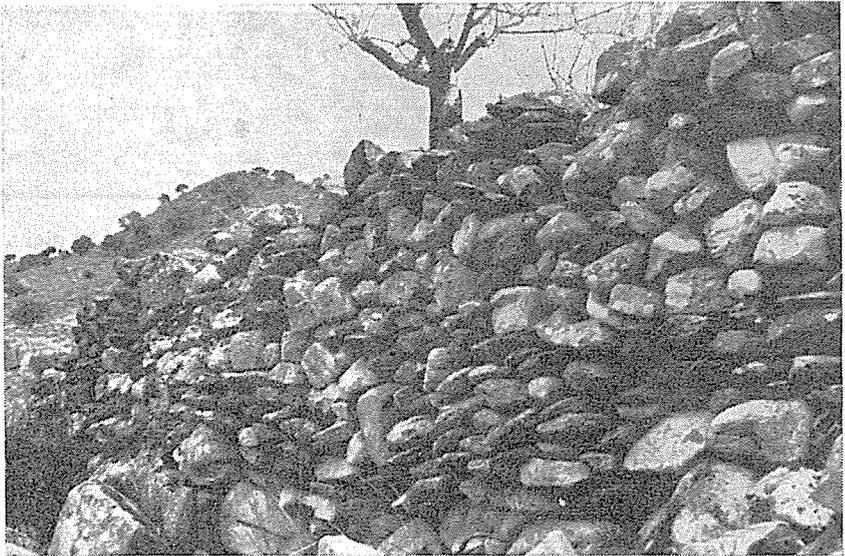


Fig. 7—Aspecto da tosca muralha do Picão da Raposa.



Fig. 8 — A froncela do Picão da Raposa. A caneta pousada no meio da froncela mede 14,5 cm.

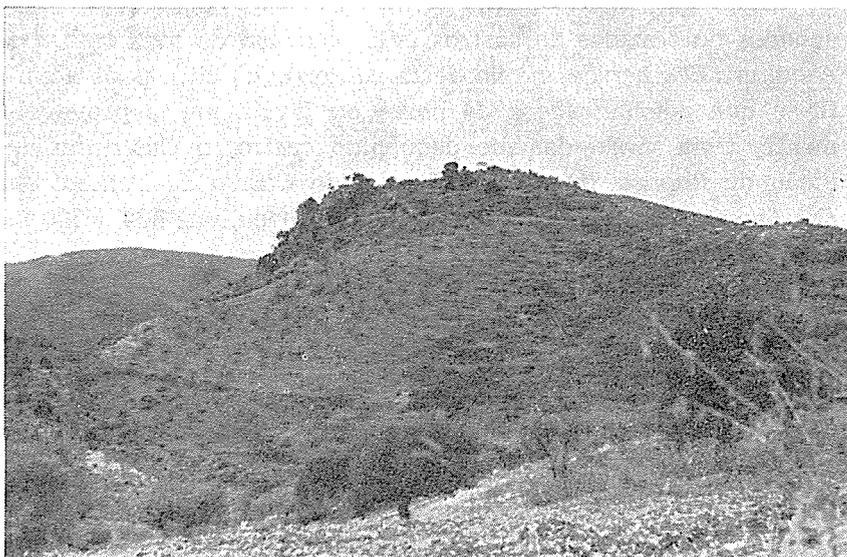


Fig. 9 — O Castro do Pombal ou dos Manganéis visto do lado norte.

O povo interpreta aquele singelo monumento escavado no penedo como uma *froncela*, e parece que com alguma razão de acerto, pois aquele escavado reproduz, à parte as suas maiores dimensões, a *froncela*, peça típica do fabrico caseiro do queijo.

Esta peça é o taboão queijoeiro de suave pendor, por via de regra com 4 rebaixos circulares onde se colocam os aros de lata furados. Neles se deita a coalhada, a qual, comprimida suavemente com as mãos espalmadas, larga o soro que escorre pelo sulco ou rego rasgado ao longo e a meio do taboão, e leva o soro a cair na vasilha posta por baixo do bico da *froncela*.

Não sei até que ponto aquela *froncela granítica* de fundo mamelonado oferecia boas condições de queijoeira.

O certo é que a *froncela* do Picão da Raposa reproduz fielmente nas suas linhas gerais o escavado circular do taboão queijoeiro do fabrico caseiro do queijo das *froncelas trasmon-tanas*, onde tantas vezes vi fazer queijo com leite das cabras ou das ovelhas.

Dado que grande número de berrões se sabe terem sido achados ou trazidos de castros (Vd. pág. 495 do meu trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, cit.), pode admitir-se que aquela cabeça de porco ou javali, muito provavelmente, teria vindo daquele pequenino castro, o *Castrinho do Picão da Raposa*, ou, quem sabe, se do *Castro do Pombal* ou dos *Manganeis*, que fica no alto de um cabeço, uns 500 a 600 m a sul do *Picão da Raposa*.

Aliás a cabeça, que, como se disse, foi muito tempo usada como pedra de peso nas grades de agradar a terra, bem pode ter andado de um lado para o outro aos reboldões ⁽¹⁾.

(1) O moncorvense Sr. Adelino Menezes, em Setembro de 1981, ciceronou-nos na ida à Fraga Amarela, na fragada da Quinta da Terrincha, encosta de penedia granítica, fronteira à Quinta da Pedra d'Anta. Não achou a grande gruta ou galeria que dizia haver junto da Fraga Amarela. Foi uma ida em vão. Porém informou que a «pedra d'Anta» era uma pedra muito jeitosa para colocar em cima das grades de agradar a terra. Tal

OS DOIS BERRÕEZINHOS DA CORACEIRA

Mais uma vez o Sr. Elísio Óscar Capelas Avelar me deu conhecimento do aparecimento em Setembro de 1980, na Coraceira, de «pedra que lhe pareciam pedaços de dois berrões».

Em 1 de Outubro de 1980 fui a Freixo de Espada-à-Cinta.

Com o amigo Sr. Elísio Capelas Avelar fui à Coraceira, onde, à borda de um campo, encontramos os dois pedaços de berrões e uma bola de granito encontrados ao lavar.

A Coraceira é um cabeço de boa terra de sementeira que fica a uns 500 m a sudoeste do Castro do Monte de Santa Luzia, e à esquerda do caminho para Mazouro.

Um dos berrões está reduzido à parte posterior, cerca de metade, de um pequeno porco de granito de grão fino a médio. O comprimento máximo entre verticais é de 16,5 cm, com 13,0 cm de altura na face abdominal. Na traseira, a altura do lombo ao que resta das patas posteriores é de 18,0 cm (Fig. 10, 11 e 12).

Perímetro abdominal no plano do enconchado das virilhas 45 cm. Secção abdominal circular com os diâmetros de 13,5 por 14,5 cm.

A face esquerda está íntegra. A face direita tem um granlascado, arredondado e pouco fundo, com 8 cm de diâmetro (Figs. 10 e 12).

pedra estava na borda da Ribeira da Vilarça, ao pé da casa da quinta que se chama Quinta da Pedra d'Anta. Mais informou que os lavradores iam buscar aquela pedra para fazerem a gradagem, e, no fim, iam-na levar ao sítio de onde a tinham trazido.

Parece pois que os lavradores, da Baixa Vilarça, por motivos que não consegui averiguar, usavam sistematicamente a «Pedra d'Anta» no agradar da terra das suas sementeiras, como os de Mazonco usavam a cabeça do berrão. Seria, quem sabe, atribuída estranha virtude a tais pedras?

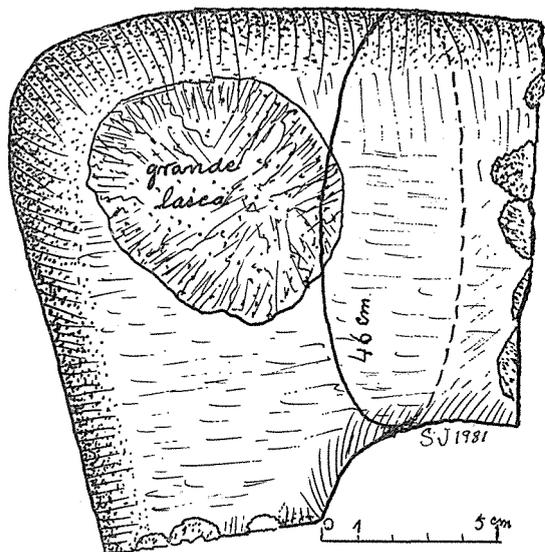


Fig. 10 — Peçaço de berrãozinho da Coraceira.

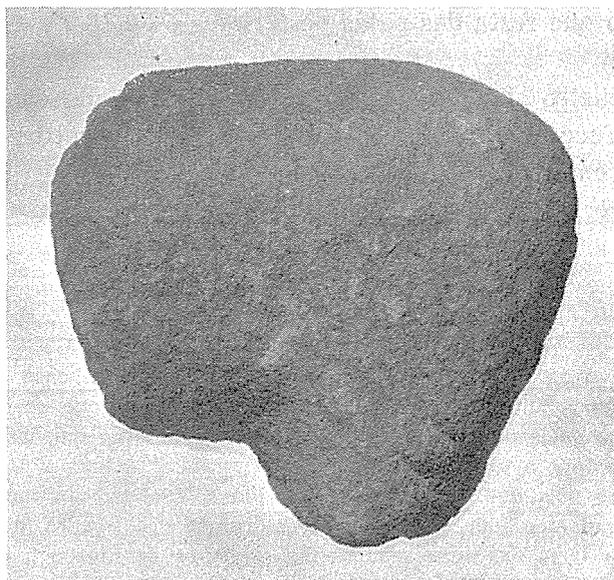


Fig. 11 — Porção de berrãozinho da Coraceira.

Pelo que resta pode-se calcular o comprimento total que teria a estatueta. Seria de uns 35 cm.

Trata-se pois do resto de um berrãozinho.

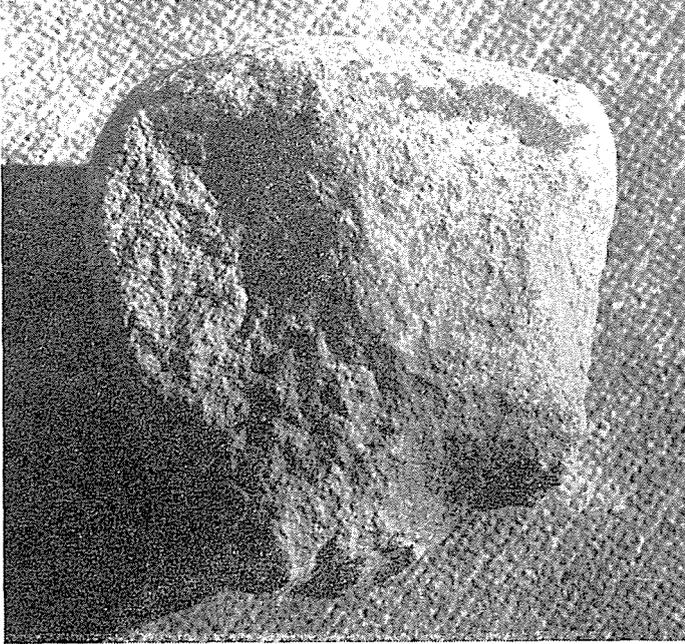


Fig. 12 — Face direita do berrãozinho da Fig. anterior.

O outro berrão é também um pedaço, metade direita da zona média, de um porquinho de granito de grão fino a médio, apanhando a curvatura da virilha. O que resta da linha médio-lombar tem 10 cm de comprimento, mas o comprimento total a meio da face anterior e da posterior é de 14,5 cm. A altura da traseira é de 20 cm e a da fractura abdominal de 17,0 cm.

Dorso arredondado com vestígio de crista médio raquidiana (Fig. 14).

O lado esquerdo é liso, está íntegro e é levemente convexo. Tem vários sulcos, um dos quais parece ter sido feito no acto da lavragem.

A superfície ventral, reduzida à sua metade direita é lisa e levemente abaulada.

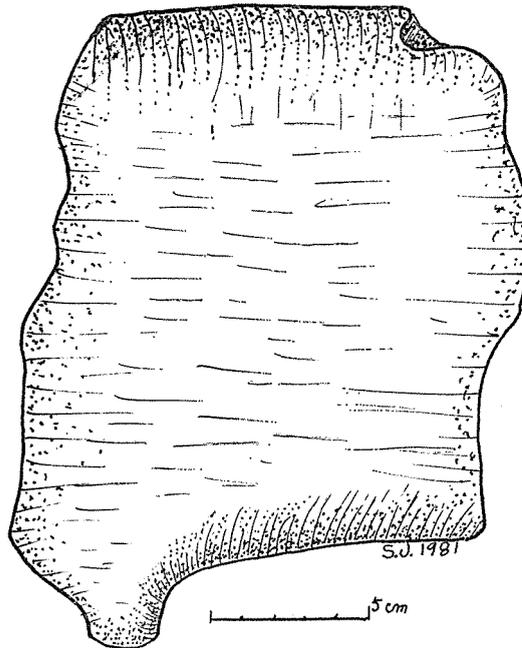


Fig. 13 — Destroço de berrãozinho, com curva inguinal e pequenas porções do lombo e da barriga.

O lado esquerdo ou face esquerda é aplanado, por ter sido arrancada grande lasca que levou quase a metade esquerda do que resta daquele pequeno berrão.

Ainda é patente uma guilheira que recebeu o guilho que fez saltar a grande lasca que reduziu o que resta do corpo da estatueta a cerca da sua metade direita.

O berrão foi rijamente martelado como atesta o múltiplo e irregular lascado da face anterior.

As dimensões deste destroço de berrão levam a admitir que a estatueta, quando íntegra, devia corresponder a um porquinho de tamanho médio, com os seus 40 a 45 cm de comprimento.

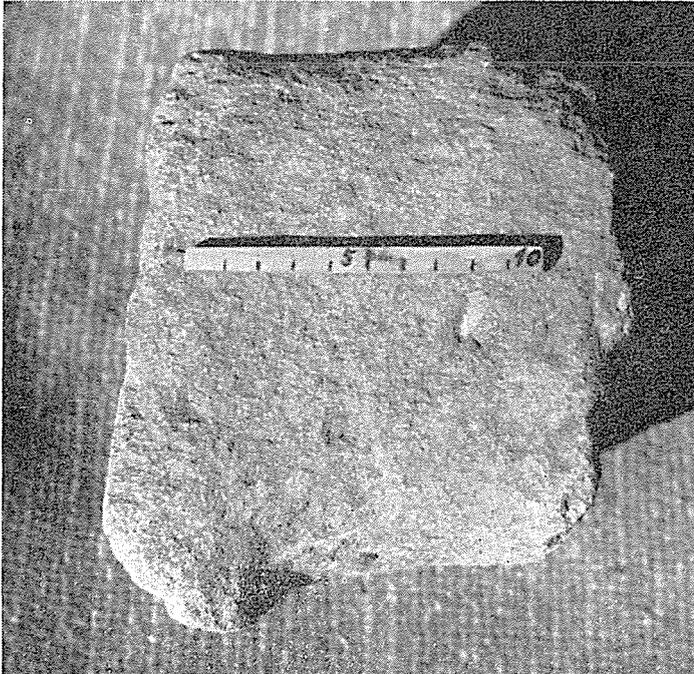


Fig. 14 — Destroço de berrãozinho da Coraceira.

A BOLA DE PEDRA

Conjuntamente com os pedaços dos dois berrõeszinhos, que acabamos de descrever, apareceu uma bola de granito de forma elipsoidal (Fig. 15). O seu maior comprimento é de 17 cm e a sua largura, em direcção normal à anterior, é de 14,5 cm.

Pesa quatro quilos e meio.

Dum lado a superfície é ligeiramente irregular, e um tanto espalmada com o tamanho da palma de uma mão.

Naquela superfície se ajusta perfeitamente a palma da mão e num sulco da mesma se adapta o dedo médio que permite agarrar a pedra com firmeza.

Dado este pormenor é de crer que aquela bola tenha servido no jogo do arremesso ou lançar da pedra.

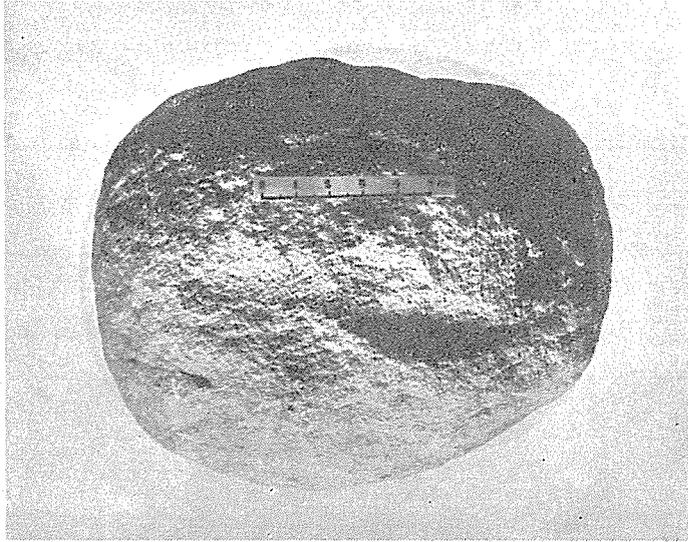


Fig. 15 — Pedra de granito em bola aparecida na Coraceira.

O jogo do lançamento ou arremesso da pedra, balanceada por entre pernas e atirada para longe com extensão brusca do tronco, é ainda relativamente frequente em Trás-os-Montes, bem como o arremesso do ferro ou da relha.

CONCLUSÕES

O comprimento da cabeça do berrão de Mazouco é, como se disse, de 55,5 cm de comprimento, o que deve corresponder a um porco avantajado, talvez com 1,50 a 2 m de comprimento.

Se o corpo do bicho foi apenas quebrado em grandes pedaços e não estilhaçado, é de crer que esses pedaços possam vir a aparecer em qualquer dos dois castros referidos, se é que aquela cabeça veio de um deles.

A cabeça de porco ou de javali(?) de Mazouco é um pedaço do 55º berrão do nordeste de Portugal (Trás-os-Montes e Beira Trasmontana).

No meu trabalho *Novos elementos da remota zoolatria em Trás-os-Montes*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Portuguesa de Antrop., Fasc. 1.º do Vol. 23, Porto, 1977, págs. 5-18 e 26 Figs., na pág. 18 indico que naquela data estavam registados no Noroeste 53 berrões. Em 1978, no saibramento de terreno para plantação de uma vinha, a uns 150 m a leste do Castro do Monte de Santa Luzia, apareceu, dentro de uma casa quadrangular, um pequeno berrão de granito, que o seu achador ofereceu à Câmara Municipal de Freixo de Espada-à-Cinta. Fui vê-lo, estudei-o e publiquei-o no trabalho *Mais um berrão da zona do Castro do Monte de Santa Luzia*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol., Fascs. II e III, Vol. 23, Porto, 1978, págs. 333-340, 4 Figs.

É o 22.º da zona do Castro do Monte de Santa Luzia, o 23.º do Concelho de Freixo e o 54.º do Nordeste.

Com o trabalho do Dr. Agostinho Ferreira, *O Porco de Pedra de Paredes da Beira* (Berrão proto-histórico) in «Trabalhos de Antrop. e Etnol.», Fasc. 2.º e 3.º, Vol. 23, Porto, 1978, págs. 340-345 e 6 Figs. o número sobe para 55.

Com o de Mazouco o número vai para 56.

Os dois pedaços de berrõezinhos da Coraceira, como esta fica a umas escassas centenas de metros do Castro do Monte de Santa Luzia, podem considerar-se como de origem castreja.

Com mais estes pedaços, verdadeiros destroços, de mais dois berrõezinhos, a juntar ao 56, o seu número sobe para 58.

Juntando o de Baião, os dois de Sabroso e o de Paderne, o número de berrões até à data encontrados em Portugal vai em 62.

Dado o grande número de berrões do Nordeste de Portugal, e em especial de Trás-os-Montes, é lícito considerar esta nossa província como um importante núcleo de florescimento espiritual do culto zoolátrico.

Estudos complementares e possíveis descobertas naquela nossa tão castiça província, de novas estátuas zoomórficas ou seus pedaços, poderão vir a comprovar Trás-os-Montes como um centro onde floresceu exuberante a cultura dos berrões, e quiçá como um centro de criação da mesma cultura.

RÉSUMÉ

En 1980 ont été trouvés à l'arrondissement de Freixo de Espada-à-Cinta (Trás-os-Montes) trois morceaux de «berrões» protohistoriques en granite. Une tête de porc ou sanglier (?). La statue de l'animal tout entier aurait, peut-être, 1,5 à 2 m longueur.

Un autre est le train derrière d'un goret, cochon de lait, avec 16,5 cm de longueur et haut de 13,0 cm. Quand tout entier on peut estimer il aurait au tour de 35 cm de longueur.

Le troisième morceau, avec 14,5 cm de longueur et haut de 20 cm, correspond à la partie moyenne d'un petit cochon, qui, quand complet, devrait avoir 40 à 45 cm de longueur.

Avec ces trois morceaux de cochons en granite, le numéro de «berrões» protohistoriques au Portugal monte à 62. Presque la totalité desquels, 58, ont été trouvés au Nordest du Portugal, aux provinces de «Trás-os-Montes» et «Beira Trasmontana».

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Junho de 1981

A Raiola

POR

J. R. dos Santos Júnior *

Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

A *raiola* é jogo de arremesso, que se joga com moedas, atirando-as para uma risca, de modo a que a moeda ao cair se sobreponha ou fique o mais perto possível da risca.

Pode jogar-se na terra ou numa tábua riscada.

Em 1924 vi-a jogar e joguei-a na terra do adro da igreja de Vilarinho dos Galegos, concelho de Mogadouro.

O ano passado vi-a jogar em Freixo de Espada-à-Cinta, também na terra.

Em Dezembro de 1981 vi-a jogar na Quinta de S. Pedro, freguesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro. Assisti ao jogo durante hora e meia a duas horas. Tirei fotografias e apontamentos com que elaborei esta nótula etnográfica.

Em S. Pedro jogava-se para uma velha tábua rectangular com 82 cm de comprimento por 22 cm de largura, e a uma distância de cerca de 1,50 cm. Como o largo frente à capela, onde se jogava, foi asfaltado, e como foi escassa a quantidade de asfalto, a cama ou caixa do asfaltado mostra a brita bem patente, por isso não se podia fazer uma risca, a marcar a distância a que se tinha de jogar. Resolveu-se o problema

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

com a ponta de uma ripa que os jogadores pisavam com a ponta da bota.

A tábua pode pôr-se no chão, ou, como a vi em S. Pedro, pousada sobre dois cepos que tinham alturas de cerca de uma mão travessa ou em cima de um banquinho.

Quaisquer dois pedaços de madeira ou até duas pedras servem, desde que a tábua fique sensivelmente horizontal.

A tábua de S. Pedro tinha quatro *riscas* ou *raias*, uma a meio da tábua, outra dela distanciada 13 cm. Para o outro lado da raia havia mais duas *riscas* ou *raias*. A terceira a 9 cm da raia mediana, a quarta a 11 cm da terceira.

O número de *raias* nas tábuas da *raiola* pode ser só de três; a raia mediana e mais duas, uma para cada lado; a risca de cima e a risca de baixo, riscadas a uma distância variável, por via de regra entre 15 a 20 cm. Pode haver quatro riscas, como vimos na tábua de S. Pedro, ou nos dois topos do *banco da raiola* do café de Meirinhos, em que a quarta risca foi traçada no bordo do banco a uma distância de 2,5 cm, igual ao diâmetro das antigas moedas de um vintém; é a *raia da borda*, que marca o lado de onde se joga. Um dos lados do banco tem 7 raia. Além das 4 como as do outro lado, tem mais 3, do lado da raia de baixo; 2 separadas de 2,5 cm, e a 17 cm acima da raia da borda mais 1.

As moedas com que vi começar a jogar em S. Pedro foram as seguintes. Um vintém de D. Luís de 1888; uma moeda de 50 pesetas de 1957; uma moeda de 10\$00 de 1974; uma moeda francesa de 10 francos.

Em Meirinhos jogavam com moedas de 1 escudo com serrilhas na borda feitas à navalha. A tábua do banco de Meirinhos é de choupo, que passaram com um pano molhado antes do início do jogo. A tábua, aos lados da raia para a qual correntemente costumam jogar, está toda picada e já com ligeiro rebaixo em cova. Se é certo que as moedas jogadas podem ficar de chapa, vi que muitas vezes ficavam espetadas na tábua, mais ou menos inclinadas, mas não caídas de chapa.

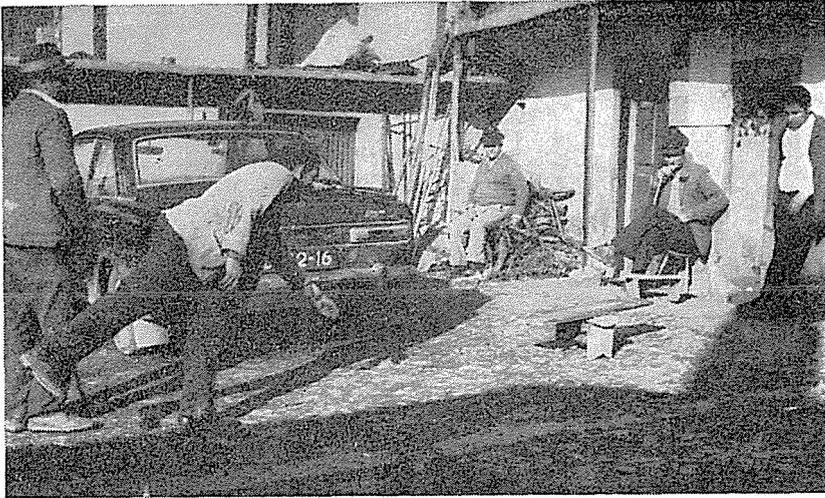


Fig. 1 — O jogador no momento de atirar a moeda para a tábua pousada sobre um banquinho.

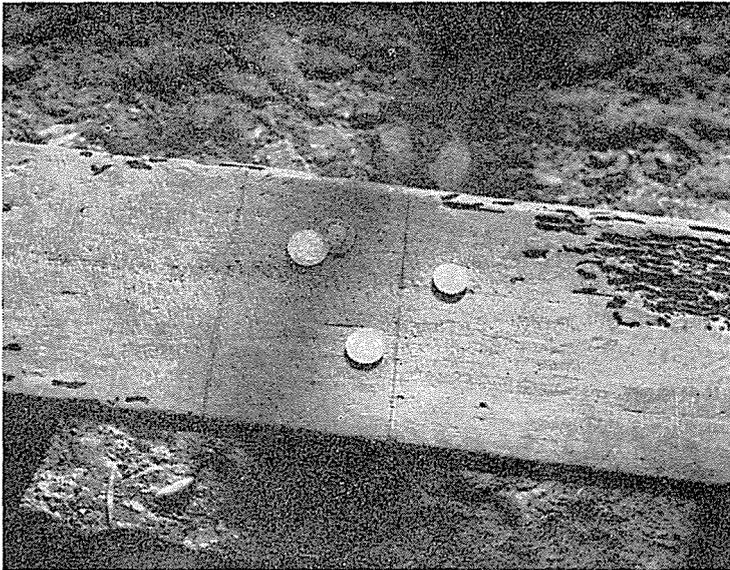


Fig. 2 — Na jogada para a velha e carunchosa «tábua da Raiola» da Quinta de S. Pedro, a quarta moeda ficou «queimada», por ter caído fora da tábua.

O JOGO

Por via de regra são quatro os jogadores, emparceirados dois a dois.

Mas podem jogar seis, emparceirados três a três.

Para saber qual dos dois grupos deve ser o primeiro a jogar faz-se uma jogada, que não se conta, a que chamam jogada *chôcha*.

Ouvi o jogador de um dos grupos dizer para o seu parceiro. — Deixa botar eles mão.

Isto é, deixa que sejam eles a jogar na dianteira na jogada *chôcha*.

Nesta jogada a moeda que fica mais perto da *raia* é que ganha a vez de jogar na dianteira na jogada que se segue, que é propriamente a primeira jogada, pois é por ela que se inicia a contagem dos tentos.

Em vez de se fazer a *jogada chôcha*, pode fazer-se o sorteio com uma moeda que se esconde na palma da mão ou se atira ao ar, propondo aos competidores *caras* ou *cruinhos*.

O que joga na dianteira tem vantagem por ter a raia limpa. É que algumas vezes a moeda jogada vai bater sobre moeda a queimar a raia, pincha e vai ficar longe da risca. E mais ainda: é que a primeira moeda a queimar a risca ganha 5 tentos, enquanto que qualquer outra que venha também a queimar a risca só ganha 2.

Antes do início de qualquer jogada pode um dos grupos indicar a raia para que se vai passar a fazer o jogo. Assim se se tem estado a jogar para a *raia do meio*, e os que estão a perder vêm que os competidores estão *cadimos* naquela raia, dirão: agora joga-se para a raia de cima, ou para qualquer das outras.

Mas nem é preciso falar; vai-se à marca, um singelo pedacinho de pau, ou um fósforo, ou uma bolinha de papel, que estava posta à borda da *raia do meio*, e coloca-a na borda da raia para que se vai fazer aquela jogada.

Joga primeiro o que conseguiu pôr a sua moeda mais perto da raia na jogada *chôcha*. Segue-se um dos jogadores do outro grupo, depois o parceiro do que jogou na dianteira e por último o parceiro do que jogou em segundo lugar.

Isto é, a sucessão da vez de jogar vai alternando entre os jogadores dos dois grupos, como aliás é regra geral em quase todos os jogos.

Em cada jogada a moeda que fica mais perto da raia ganha 3 tentos.

Se a moeda fica sobre a raia ganha 5 tentos os 3 próprios de cada jogada e mais 2 por ter *queimado a raia*.

Pode suceder que outro jogador consiga lançar a sua moeda e ir também *queimar a raia* mas só ganha 2 tentos. Só o primeiro a queimar a raia é que ganha 5 tentos, isto se a sua moeda chegou ao fim da jogada na raia pois é frequente um dos adversários conseguir com a sua moeda sacudi-la da raia.

Nem sempre a moeda jogada fica em cima da tábua, salta ou rola e cai ao chão; é moeda *queimada*.

Quando tal sucede já não se pode pôr 6.

A *raiola* é jogo de apostas. Assim se o que joga na dianteira consegue pôr a sua moeda muito perto da raia, geralmente volta-se para o competidor que se lhe segue na jogada e diz:

— Joga p'ra seis.

Os competidores podem não aceitar a aposta, dão 3 tentos ao apostador; acabou aquela jogada e vai-se começar outra.

Pode no entanto aceitar a aposta e inclusivé dizer:

— Pois não jogo sem ser para nove.

Cabe agora ao grupo do primeiro apostador aceitar ou não o jogo para nove, e mesmo aumentar a aposta para 12.

Se o que joga na dianteira consegue que a sua moeda caia na raia já não pode pôr seis. Só pode pôr 6 quando a sua moeda não queimou a raia.

Pôr seis tanto se pode fazer de entrada, quando é posto antes de jogar pelo que joga na dianteira, como no decorrer do jogo por qualquer jogador, que então, quando a sua moeda fica muito perto da raia, se dirige ao competidor que se lhe segue,

— Ora joga lá p'ra seis.

Pode qualquer jogador antes de atirar a sua moeda pôr seis, dizendo.

— Só jogo p'ra seis: ou — seis pr'a jogar esta.

Os competidores podem aceitar a aposta e dizem — Joga.

Se a aposta para seis não fôr aceite pelos competidores, o apostador ganha 3 tentos, e acaba a jogada.

Se uma moeda cai para fora da tábua já não se pode pôr 6.

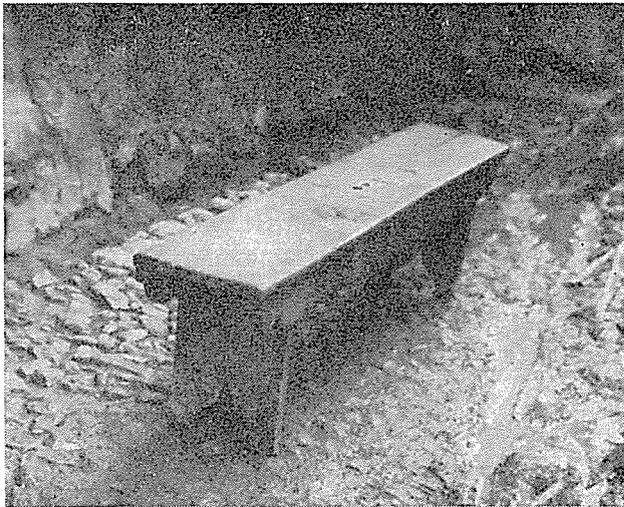


Fig. 3 — Banco da Raiola do Café Meirinhos. A tábua do assento é de choupo, madeira relativamente mole.

Como também não se pode pôr 6 desde que uma moeda queima a raia.

No café de Meirinhos, sede da freguesia, joga-se muito a *raiola*. O jogo faz-se não para uma tábua, como vimos sucede em S. Pedro, mas para um banco, que tem 1,68 m de comprimento por 28 cm de largura.

O banco tem a meio dois grandes buracos. As duas metades, a um e outro lado dos buracos, desempenham o papel de

duas tábuas da *raiola*. Ambas as metades têm as riscas ou raias respectivas, que no banco do café de Meirinhos são quatro. Três sensivelmente a meio de cada metade do banco junto dos buracos referidos, e uma quarta como atrás se indicou, riscada a curta distância do bordo do banco.

O banco tem riscadas em cada uma das suas metades as 4 raias, e assim podem jogar ao mesmo tempo dum lado do banco quatro jogadores e do outro lado outros quatro.

A raia mediana é aquela para a qual geralmente se joga, se bem que no início de qualquer jogada um qualquer jogador pode indicar que naquela jogada o jogo vai fazer-se para a *raia de cima*, para a *raia de baixo* ou para a *raia da borda*.

Mas é para a raia mediana que quase sempre se joga. Por isso aos lados da raia mais jogada a madeira, de choupo, do banco está toda roída do bater das moedas que têm de ser jogadas por alto e picadas. Além de que costumam picar um bordo das moedas às cutiladas, de modo que o bordo fique levemente serrilhado, a ponto de poderem ficar especadas na tábua e no início do jogo passar um pano molhado no assento do banco.

CONTAGEM DO JOGO

O jogo da *raiola* é um jogo de apostas em que a contagem dos tentos é semelhante à contagem no jogo de cartas do chincalhão ⁽¹⁾.

Ganha o jogo quem primeiro fizer 30 tentos.

Cada jogada é sempre para 3 tentos e antes do *truco* nunca para menos. Só ganha uma moeda, e só uma; a que ficar mais perto da raia, ou quando queimar a *raia*.

No caso de uma moeda ser a primeira a queimar a raia ganha 5 tentos, e nenhuma outra moeda ganha tentos por mais

⁽¹⁾ Santos Júnior (J. R. dos) — O jogo do chincalhão em Trás-os-Montes, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia, vol. XXIII, Porto, 1979, págs. 301 a 321 e 1 Fig.

perto que esteja da raia. Se porém outra moeda vem queimar a raia ganha 2 tentos.

A contagem prossegue somando os tentos ganhos em cada jogada aos tentos ganhos nas jogadas anteriores.

Cada jogo é de 30 tentos e ganha quem primeiro os fizer. A contagem não é feita em três dezenas seguidas mas em duas quinzenas.

Assim, quando a contagem passa além de 15 por exemplo 2 ou 3 tentos não se contam 17 ou 18 mas sim 2 ou 3 de cima.

E assim é que na contagem dos dois grupos pode o número de tentos ser o mesmo, embora um ser da primeira quinzena e o outro ser da segunda; uns são *de cima* e os outros são *de baixo*.

Quando tal sucede um dos da primeira quinzena, se a contagem é por exemplo 10 e 10, muitas vezes, por graça, diz: afinal estamos iguais.

Então um dos da segunda quinzena, também graciosamente, costuma ripostar. — Sim, estamos iguais, só com uma diferença, é que os vossos são laregos e os nossos são cevados ⁽¹⁾.

Quando um dos grupos chega a 10 de cima está o jogo a *truco*, quando esse grupo for a *botar de mão*.

Tal e qual como no jogo do chincalhão.

Depois de o jogo estar a *truco* cada jogada vale só um tento, a menos que algum dos jogadores, por via de regra os da menor contagem, diga *truco*.

Posto o *truco* a jogada passa a fazer-se para 3 tentos.

Se a jogada sai boa, isto é, com a moeda muito próxima da raia ou mesmo a queimá-la, os que estão por baixo podem *retrucar* e pôr 6.

Se os competidores não aceitam a aposta dão 3 tentos ao apostador, se aceitam prossegue a jogada e no fim ver-se-á quem ganha.

⁽¹⁾ *Larego* é um porco pequeno, muitas vezes dito de meia caldeira, enquanto que o porco cevado é um porco bem gordo. Esta mesma alusão a laregos e cevados ouvi-a algumas vezes no jogo do chincalhão.

Quando um grupo atinge *14 bons* ou seja *14 de cima* está *truçado pelo jogo*. Então na sua mão joga-se só para 1 tento.

Os que estão em *14 estão à manda*, isto é, têm o direito de mandar ou não mandar jogar. Para isso como têm *a mão de manda*, compete-lhe jogar seguidos os dois emparceirados. Se depois de jogadas, as suas moedas ficam em boa posição, muito perto ou *a queimar a raia*, é que manda jogar aos seus competidores. Se não manda jogar, os competidores que estão abaixo de 15 ganham 2 tentos.

Isto se forem a jogar na dianteira os que estão a *truco* ou seja os que estão a 14.

Se forem a jogar na dianteira os que estão abaixo de 15, a jogada faz-se para 3 tentos.

Quando os dois grupos estão *a truco*, isto é, ambos acima de *10 bons*, só se joga para um tento, a menos que um dos grupos *ponha truco*, o que após aquela fala, significa passar a jogada a fazer-se para 3 tentos. O outro grupo pode aceitar a aposta e joga, ou não aceita a aposta e dá 2 tentos ao apostador, acaba-se a jogada para logo se iniciar outra.

A *raiola* na Quinta de S. Pedro joga-se muitas vezes por simples entretenimento e também a vinho, meio litro ou um litro, que será pago pelos que perderem, e é bebido no fim da jogada. É frequente jogarem também a cerveja.

Informaram que em Meirinhos costumam jogar não só a vinho ou cerveja mas também a dinheiro por fora.

No início da jogada um dos grupos dirige-se aos seus competidores e propõe. Vamos jogar a duas cervejas e vinte escudos por fora.

A quantia de dinheiro posto por fora pode variar para menos ou para mais do que os vinte escudos indicados.

Em Meirinhos são tão afeiçoados ao jogo da Raiola que, especialmente no verão, jogam tardes inteiras, e todo o dia dos domingos.

V Á R I A

A estação Paleolítica do Munhino

(Estrada de Sá da Bandeira a Moçâmedes)

Angola

No dia 7 de Junho de 1970 encontrava-me na bela cidade angolana de Sá da Bandeira em campanha de estudos.

Acompanhado pelo Sr. Newton Torrinha, Colector da Secção de Ciências Naturais (Zoologia e Botânica) da Delegação em Sá da Bandeira da Universidade de Luanda, segui pela estrada de Sá da Bandeira a Moçâmedes, em prospecção arqueológica.

Descida a grandiosa escarpa da Tundavala, a uns 80 km além de Vila Arriaga deparamos à borda de estrada com uma assentada de calhaus rolados. A maioria de tamanho médio, como punhos, e alguns mais pequenos. Havia também grandes como melões ou mesmo muito grandes como abóboras, embora poucos. Informaram que àquele sítio chamam MUHÓLO.

Colhi algumas peças lascadas de quartzite, embora poucas e não muito características.

Convenientemente etiquetadas foram integradas nas colecções do Museu que organizamos no departamento de Antropologia da Universidade de Luanda, de que fomos Director

desde Janeiro de 1969 a Junho de 1972, data em que, após a jubilação em Junho de 1971, regresssei à Metrópole.

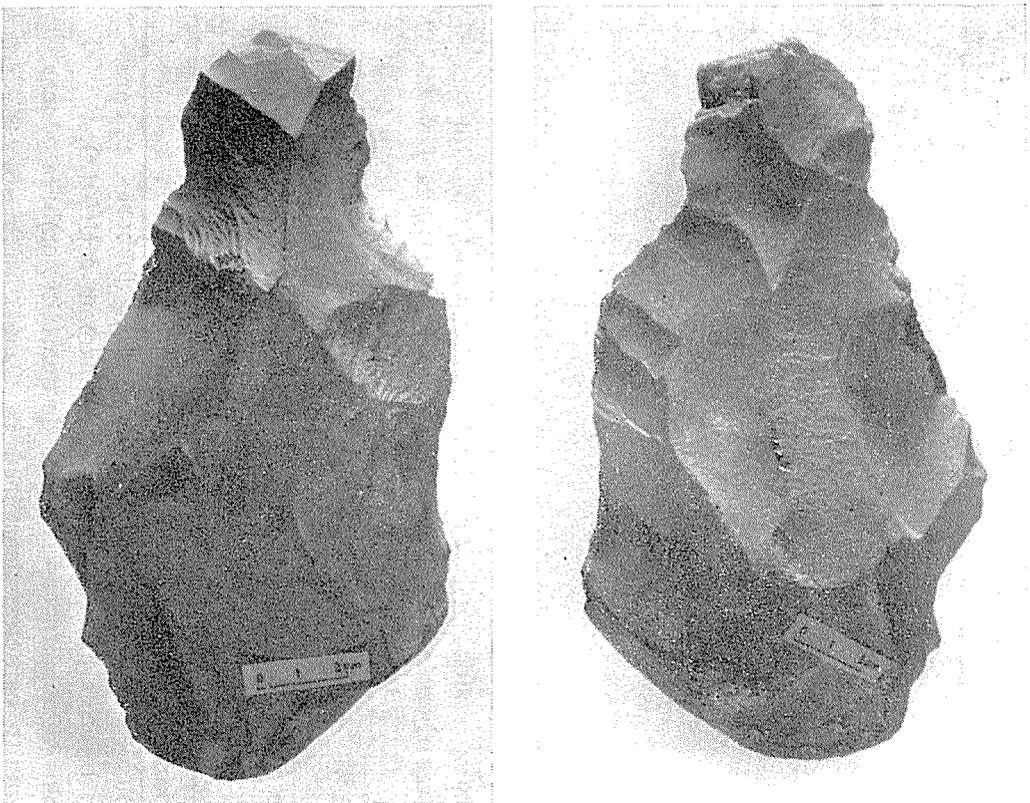


Fig. 1 — Biface tallhado a grandes lascas em calhau rolado amigdalóide, oblongo, da quartzite. Colhido ao km 105 da estrada de Sá da Bandeira a Moçâmedes (Angola) a 2 km do Posto Administrativo do *Munhino*.

Fotografia de Orlando Barradas que foi nosso hábil fotógrafo na Universidade de Luanda

A referência a esta estação do *Muhólo* é, digamos acidental, porquanto é a estação do *Munhino* que julgo merece realce.

não só pela abundância de peças paleolíticas talhadas a grandes lascas, mas também pelo exemplar do biface reproduzido na Fig. 1, documentação esporádica pela circunstância do encontro fortuito da fotografia entre papéis trazidos de Angola.

Adiante do Muhólo 25 km, isto é ao km 105 da mesma estrada de Sá da Bandeira a Moçâmedes, de um lado e do outro da mesma deparei com novo e amplo depósito de calhaus rolados.

Do lado esquerdo via-se uma grande cova pouco funda, a que se seguia uma picada astrada de calhaus rolados, a maioria de tamanho médio, como punhos, e alguns pequenos. Não havia calhaus rolados grandes.

À borda da picada sobressaía um pequeno afloramento de granito, ao menos o considerei como tal, em torno do qual se amontoavam os calhaus rolados.

Como não conseguimos averiguar o nome do sítio daquele depósito de calhaus rolados, à falta de melhor, designá-lo-emos por *Munhino*, pois fica a 2 km antes do Posto Administrativo do *Munhino*.

Fizemos abundante colheita de instrumentos paleolíticos talhados a grandes lascas.

Entre os vários papéis que trouxe de Angola encontrei as fotografias do belo espécimen ali colhido (Fig. 1), que, com os muitos outros que lá apanhamos, depois de todos devidamente etiquetados, foi incorporado no Museu de Arqueologia do departamento de Antropologia da Universidade de Luanda.

Naquele Museu deixamos amplas colecções de materiais colhidos em estações de vária tipologia e de várias regiões, nomeadamente do deserto de Moçâmedes.

Nas campanhas de estudo com finalidade arqueológica foi meu companheiro o Dr. Carlos Ervedosa, então meu Assistente na Universidade de Luanda.

Este meu dedicado colaborador nas andanças que fizemos de norte a sul de Angola especialmente no estudo das estações de Arte Rupestre, gravuras e pinturas, é hoje Assistente de

Ciências Naturais no Instituto Universitário de Trás-os-Montes e Alto Douro, onde está a desempenhar funções docentes de assinalado relevo.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Março de 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Antropologia na Universidade de Luanda
(Janeiro, 1969 — Junho, 1971)

Estação Paleolítica de Sá da Bandeira — Angola

A minha mulher, dedicada companheira nas minhas andanças por terras de Angola, sempre pronta a ajudar-me e a colher plantas e borboletas para os departamentos da Botânica e da Zoologia da Univ. de Luanda.

O. D. C.

Tenho vários desenhos e apontamentos colhidos nas muitas campanhas de estudos que fiz por terras de Angola de Janeiro de 1979 a Junho de 1982 onde estive como Professor da Universidade de Luanda.

Entre os apontamentos que conservo encontrei o manuscrito com desenhos e fotografias de uma estação paleolítica descoberta por minha mulher.

Na manhã de 7 de Junho de 1970, minha mulher, ao seguir de passeio pela Avenida Trigo de Moraes, entre a Pousada de Turismo, onde estávamos instalados, e o monumento ao general João de Almeida, viu no chão umas pedras lascadas que chamaram a sua atenção.

Apanhou algumas e atentou no lascado e seus retoques.

Na manhã seguinte repetiu o passeio do dia anterior e apanhou mais.

Ao fim da tarde desse dia, quando regresssei de Moçâmedes ⁽¹⁾, onde tinha ido em pesquisas arqueológicas, mostrou-me as peças que apanhara e que assinalavam uma estação paleolítica.

No dia seguinte a minha mulher levou-me ao sítio da sua descoberta.

Fizemos ampla colheita. Apanharam-se pontas e raspadores quer de sílex quer de quartzite. Depois de convenientemente etiquetadas foram integradas nas colecções do Museu que organizamos no departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

Entre alguns papéis que trouxe de Angola encontrei o manuscrito referente às peças descobertas por minha mulher, que destinava a uma curta notícia a publicar na revista «Ciências Biológicas», publicação da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

(¹) No dia 7 de Junho, acompanhado pelo Sr. Newton Torrinha, colector da Secção de Ciências Naturais (Zoologia e Botânica) da Delegação em Sá da Bandeira da Universidade de Luanda, segui pela estrada de Moçâmedes em prospecção arqueológica. Descida a grandiosa escarpa da Tundavala chega-se a Vila Arriaga. A estrada prossegue a caminho de Moçâmedes. Ao km 80 numa assentada de calhaus rolados de tamanhos desiguais, uns pequenos e outros grandes, alguns muito grandes do tamanho de pequenas abóboras, colhi algumas peças talhadas em calhaus rolados, que levei para Luanda, foram etiquetadas e integradas nas colecções do museu que organizamos no departamento de Antropologia da F. C. da Universidade de Luanda. O sítio é conhecido pelo nome de MUHÓLO.

Adiante 25 km, isto é, ao km 105 da mesma estrada novo afloramento de calhaus rolados de quartzite.

À esquerda da estrada via-se uma ampla cova pouco funda, e para lá da cova uma picada estrada de calhaus rolados, em média do tamanho de punhos, alguns um pouco maiores e outros mais pequenos.

Ao lado da picada um afloramento de granito em torno do qual abundavam os calhaus rolados. Ali fiz abundante colheita de instrumentos talhados a grandes lascas em godos ou calhaus rolados de quartzite, que etiquetados foram integrados nas colecções do museu do departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda.

O sítio fica a 2 km do Posto Administrativo de MUNHINO, pelo que, à falta de melhor, se pode dar àquela estação arqueológica este nome,

Outros trabalhos e ocupações prementes não permitiram levar por diante o intento que consistia essencialmente em assinalar aquela estação arqueológica, e, ao mesmo tempo, prestar homenagem à sua descobridora.

Vejam os em sucinta descrição a natureza das peças colhidas por minha mulher.

— Ponta subtriangular de sílex castanho-escuro com lascado miúdo especialmente no bordo direito, que pode ser considerado como vestígios de utilização. Bem patinada com tonalidade cirosa.

A base tem na face inferior lascado miúdo que confere a este bordo feição de raspador. O bordo esquerdo é aresta viva (Figs. 1 e 2).

— Peça subelíptica com face inferior plana, ligeiramente côncava, e face superior alteada por crista longitudinal bifurcada, por ablação de três grandes lascas. Talão, ou plano de ataque, liso e trapezoidal.

Peça de sílex(?) com patine clara branco sujo. Bordos cortantes muito pouco retocados. Apenas na ponta, onde convergem os lados quase em ângulo recto, tem algum lascado miúdo que podem ser vestígios de utilização.

Esta peça muito bem patinada pode talvez classificar-se como raspador múltiplo (Figs. 1 e 2).

— Quartzite castanho-escuro discóide com cerca de metade do bordo com cinco denticulos rombos, obtidos por lascados em concha quase regularmente espaçados (Figs. 1 e 2).

A face inferior é plana. A face superior ligeiramente convexa e bem patinada de castanho-escuro.

— Lâmina de sílex (?) com a face inferior aplanada com ligeiras ondulações. Face superior com crista a todo o comprimento, da qual parte para esquerda outra crista que divide a metade esquerda em duas facetas acentuadamente côncavas.

O bordo direito é em aresta viva cortante em quase todo o seu comprimento, como é próprio das lâminas ou facas.

O bordo esquerdo tem dois «enches» que permitem considerar aquele bordo como duplo raspador côncavo (Figs. 1 e 2).

A peça que podemos considerar como lâmina raspador é bem patinada de cor branco sujo.

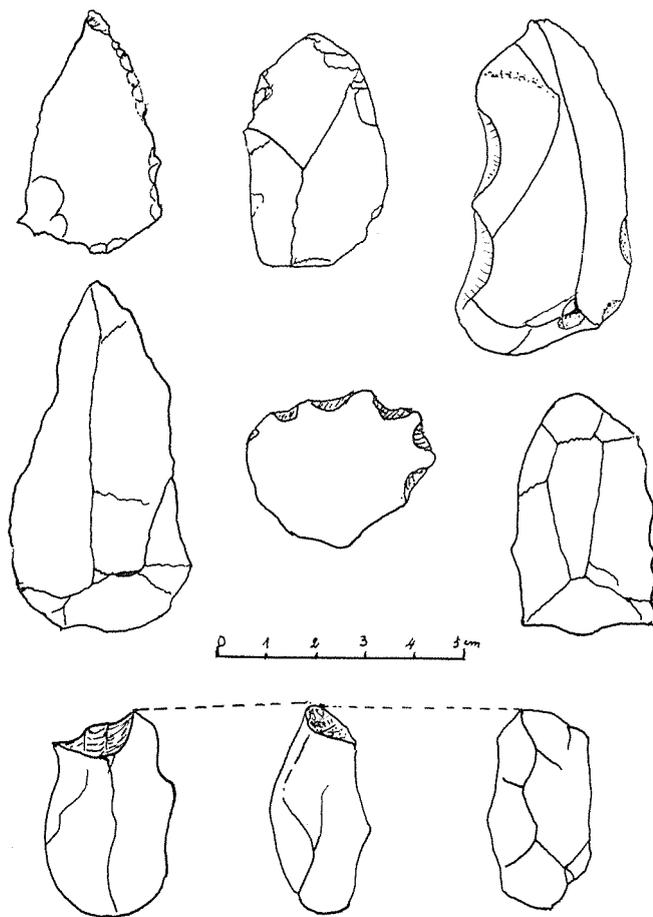


Fig. 1 — Desenhos esquemáticos das peças de sílex e de quartzite apanhadas no pavimento da Avenida Trigo de Morais em Sá da Bandeira.

— Ponta de quartzite castanho-avermelhada de talhe fresco. Toda a peça é áspera ao tacto e os bordos são tão vivos e cortantes como se fosse de talhe recente.

A parte inferior do bordo direito ao atingir a base foi finamente desbastada de modo a obter aresta cortante.

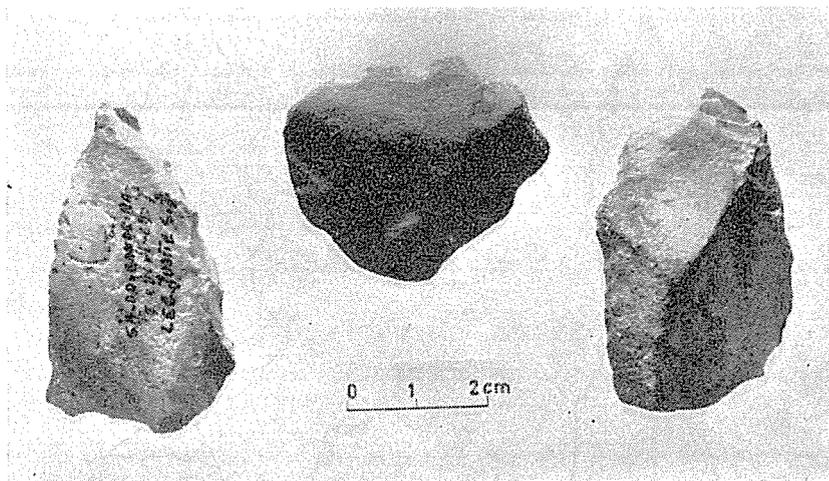


Fig. 2 — Ponta e dois raspadores de sílex.

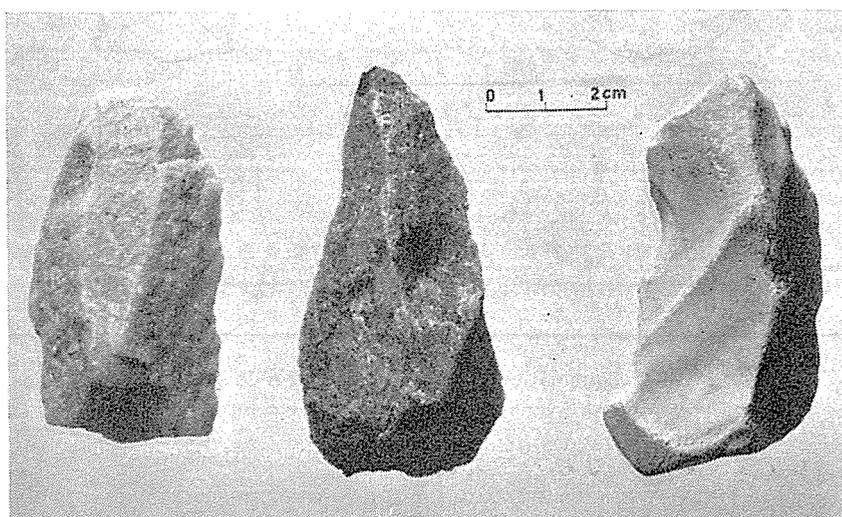


Fig. 3 — Raspador e ponta de quartzite e raspador côncavo de sílex.

Face inferior plana e a superior um tanto proeminente com crista mediano-longitudinal (Figs. 1 e 2).

— Lâmina grossa de quartzite acastanhada, clara.

A face superior como o desenho mostra, apresenta uma superfície mediano longitudinal aplanada e quase lisa, duas laterais um tanto rugosas, e uma basal triangular que era menos rugosa.

O topo cimeiro é rombo e bastante esmurrado, o que faz crer que tenha sido usada como percutor.

A base oferece mais condições de cutelo do que propriamente de raspador.

O bordo direito é ondulado por lascado miúdo que poderá ser considerado como vestígios de utilização (Figs. 1 e 2).

— Peça (?) de sílex escuro trifacetada em grosseiro prisma triangular.

Não lhe tirei fotografia. Limitei-me a fazer o desenho esquemático da Fig. 1.

Uma das faces cor de chocolate, não patinada, forma um dos lados do prisma e corresponde a uma superfície de fratura relativamente recente.

As outras duas faces bem patinadas de cor acastanhada um tanto clara.

A primeira impressão que se colhe é de que talvez se possa considerar aquela peça como pequeno núcleo.

No entanto para a esquerda do topo cimeiro havia uma superfície triangular (Fig. 1) com lascado a determinar um bordo quase recto, que permite considerar aquele sílex escuro como um raspador, do tipo que os ingleses designam «side scraper».

LOCALIZAÇÃO DO ACHADO

Entre a Pousada de Turismo e o monumento ao General João de Almeida a Avenida Trigo de Moraes corta um terreno cascalhento com abundância de godos ou calhaus rolados.

A uma escassa centena de metros do referido monumento havia um regueirão onde corria água em abundância.

Foi precisamente ao longo daquele regueirão e numa faixa de mais de uma centena de metros que eu e a minha mulher fizemos abundante colheita de peças do tipo das que vão desenhadas na Fig. 1. Depois de etiquetadas foram integradas nas colecções arqueológicas do museu do departamento de Antropologia que organizamos na Faculdade de Ciências da Universidade de Luanda, onde prestei serviço desde Janeiro de 1969 a Junho de 1972.

Oxalá que esta e outras estações arqueológicas de que colhemos abundantes materiais, arquivados no referido museu, possam vir a ser estudadas e publicadas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Novembro de 1980

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. cat. em comissão de Serviço na Universidade
de Luanda — 1968-1972

29.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos, 1980

O Castro de Carvalhelhos fica a cerca 500 m e sobranceiro às Caldas Santas de Carvalhelhos, remota designação das justamente afamadas Águas de Carvalhelhos.

Fica em termo da freguesia de Bêça, concelho de Boticas e distrito de Vila Real.

Este castrinho é cheio de interesse por algumas das suas particularidades, que têm sido estudadas mercê de trabalhos que ali venho fazendo há mais de 30 anos, pois já dois anos antes de começar as escavações ali fiz prospecções para descobrir o alinhamento das muralhas soterrado por montões de terra e pedras.

Desde 1951 o castro é imóvel de interesse público (Decreto n.º 38 491, D.G., 2.^a Série de 6 de Novembro de 1951).

De 1 a 14 de Agosto de 1980 ali trabalhei com subsídio da Direcção-Geral do Ensino Superior. Regressei ao Porto em 15 de Agosto.

A Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos coadjuvou os trabalhos fornecendo ferramentas e compôs o estradão de acesso ao castro, danificado pela invernada.

Entre as particularidades que notabilizam o Castro de Carvalhelhos realça a grande fundura dos seus fossos.

Aquando da realização do Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja ⁽¹⁾ em Carvalhelhos, de 4 a 11 de Outubro de 1972, já se haviam desentulhado alguns pequenos troços dos 3 fossos na linha da cumieira, constituindo importante linha de defesa, pois atingiam funduras de 5 a 7 m.

Este facto, que tanto me tinha impressionado, também causou forte impressão aos arqueólogos portugueses e espanhóis participantes no Colóquio.

Uns e outros me incitaram a prosseguir no desentulhamento de mais alguns troços daqueles fossos.

Foi o que se fez, como relatei no trabalho 27.^a *Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1977)* publicado em «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Fascs. 2 e 3, Vol. XXIII, Porto, 1978, págs. 323-333, 16 Figs., mercê do valioso e avultado auxílio da Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos.

Os fossos, regueirões escavados paralelamente às muralhas, aparecem num grande número de castros e constituem mais uma linha da defesa do assalto às mesmas.

⁽¹⁾ A este Colóquio foram apresentados 15 trabalhos sobre castros e alguns problemas da cultura castreja por 6 arqueólogos espanhóis e 7 portugueses, que foram publicados no fasc. 3.^o do vol. 22 dos «Trab. de Antrop. e Etnol.», Porto, 1973, 168 págs. e 77 figs. A publicação do fasc. foi subsidiada pelo Inst. de Alta Cultura, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Empresa das Águas de Carvalhelhos.

A maior ou menor largura da boca dos fossos e a sua maior ou menor profundidade condicionam a sua maior ou menor capacidade defensiva.

Vimos nas campanhas de escavação dos últimos anos que os fossos do Castro de Carvalhelhos atingiam funduras de 6, 7 e 8 m.

Interessava averiguar as profundidades dos fossos da vertente do lado poente.

Foi esta, essencialmente, a finalidade dos trabalhos a que procedemos em Agosto deste ano de 1980.

Na encosta do lado poente, e a seguir à 2.^a muralha que corre do alto em direcção ao ribeiro, eram patentes dois fossos relativamente estreitos e entulhados, como se procura indicar no esquema da Fig. 1.

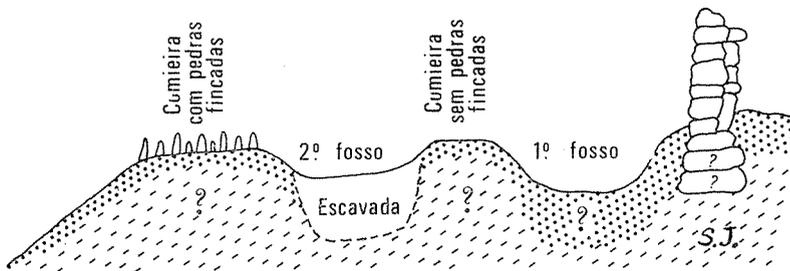


Fig. 1 — Desenho esquemático da faixa da vertente do lado ocidental com os 2 fossos a bordejar a muralha, lado pendente sobre o ribeiro que corre na base do castro.

Tanto as cumieiras como os fossos estavam cobertos de mato, especialmente urze e carqueja, que foi preciso cortar e arrancar.

Com a dificuldade em conseguir pessoal jornalheiro tive de me valer de 4 rapazes. Só pudemos iniciar o desentulhamento do 2.º fosso.

A Empresa das Águas de Carvalhelhos forneceu ferramenta, picaretas, pás e dois carrinhos de mão para transporte da terra e pedras, por ali não poder trabalhar o «dumper», dado o grande pendor da ladeira e as pedras fincadas, irregularmente especadas na cumieira que bordeja o 2.º fosso pelo lado de fora.

Desentulhamento do 2.º fosso.

Este fosso escavou-se numa extensão de 14 m com uma largura de 2,5 a 3,0 m, e a sua fundura oscilou entre 1,50 m e 1,60 m.

A terra que o entulhava era terra negra, vegetal.

Apenas ao findar a rampa xistosa de 4 m de comprimento apareceu uma mancha elíptica de terra mais clara com cerca de 1,50 de comprimento por 80 de altura que não forneceu sequer um fragmento de cerâmica (Figs. 2, 3 e 4).

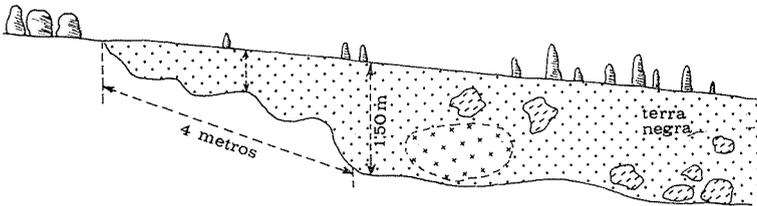


Fig. 2 — Corte esquemático do entulho, abundante terra negra com muita pedra miúda e algumas pedras grandes e uma bola de terra saibrenta clara, em contraste com a terra negra.

De mistura com a terra negra muitas pedras de vários tamanhos. A maior parte pequenas e outras mais miúdas. Também apareceram algumas grandes, como mostra a fotografia da Fig. 7. Mas foi na área dos 10 aos 14 m onde apareceram, quase juntas, 6 destas pedras maiores, que ficaram arrumadas na continuação do fosso, que não houve tempo de continuar a escavar. O fosso estende-se encosta abaixo pelo menos 8 a 10 m. No desenho esquemático de Fig. 2 procurou-se dar



Fig. 3 — Cumieira a bordejar o 2.º fosso, já em parte limpo de mato.



Fig. 4 — Escavação do 2.º fosso na parte cimeira e a seguir à faixa da rocha xistosa que o atravessava. À esquerda as pedras que com terra negra faziam o enchimento do fosso.



Fig. 5 — Porção cimeira do 2.º fosso que esbarrou na faixa da rocha xistosa com cerca de 80 cm a 1 m de altura a que se seguia um grupo denso de pedras fincadas.



Fig. 6 — Grupo de pedras fincadas da Fig. anterior. Estas pedras fincadas participam da crista de separação dos 1.º e 2.º fosso. Entre elas e a muralha corre o 1.º fosso que se escavará em próxima campanha de trabalho

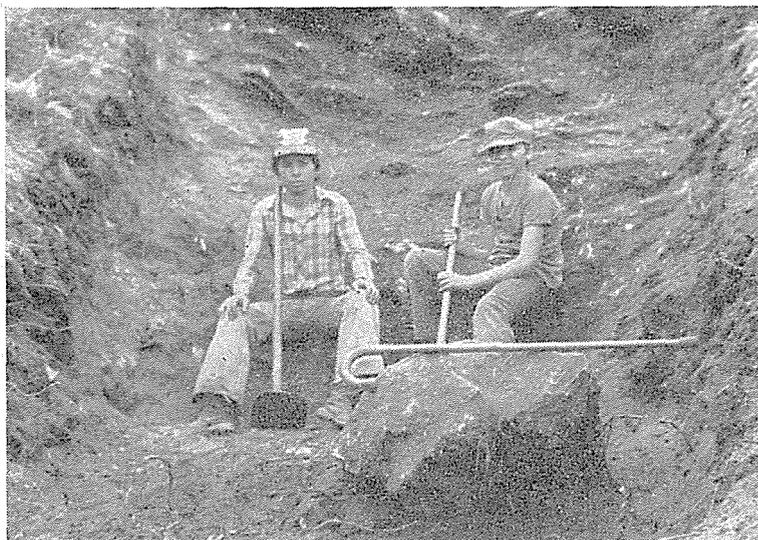


Fig. 7 — Com muitas pedras miúdas e terra negra estava entulhado o fosso, de mistura com algumas pedras maiores como a que se vê nesta fotografia.



Fig. 8 — Testeira do 3.º fosso que convirá escavar em mais 15 ou 20 m. Ali a fundura vai a 7 m.

o aspecto da distribuição do entulhamento do fosso n.º 2 nos primeiros 8 ou 9 m.

Como era de esperar o espólio foi praticamente nulo o que aliás tem sucedido no desentulhamento dos outros fossos. Só terra e pedras. Nenhum fragmento de cerâmica, nenhum pedaço de escória. Apenas, de quando em quando, alguns pedacitos de carvão.

As muitas pedras de mistura com a terra negra, e sobretudo as grandes pedras, confirmam ter sido intencional o entulhamento deste pequeno fosso, como aliás o foi nos outros fossos que desentulhamos.

Em próxima campanha interessa desentulhar um troço de pelos menos 25 a 30 m do fosso n.º 1 que corre junto da muralha.

Resta agradecer em nome da Sociedade Portuguesa de Antropologia e em meu nome pessoal, à Direcção-Geral do Ensino Superior o subsídio concedido para escavações, e à Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos as ajudas prestadas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
17, Novembro, 1980

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Campanha arqueológica no Castro de Sabrosa em Setembro de 1980

O Castro de Sabrosa está situado na extremidade oriental da Serra do Criveiro, dois quilómetros a norte da vila de Sabrosa, distrito de Vila Real.

As primeiras campanhas Arqueológicas realizaram-se em 1967, 1968, 1970 e 1971, sob a orientação do Prof. Doutor J. R.

dos Santos Júnior, com a nossa colaboração e do Professor escolar Senhor Manuel Marques.

Os trabalhos então realizados incidiram fundamentalmente na descoberta dos alinhamentos das muralhas e na desobstrução da superfície do terreno das inúmeras pedras resultantes de desmoronamentos. Com o auxílio de pedreiros especializados na construção de muros de pedra seca, foram parcialmente restaurados, com as próprias pedras delas caídas, alguns troços de muralhas e casas, ficando devidamente assinalada a passagem da antiga construção para a recente, com fiadas de cimento.

Foram publicados os seguintes trabalhos:

O CASTRO DE SABROSA, por Dr. Carlos Ervedosa, publicado em *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. XX, fascículo 4.º, Porto, 1967-1968, págs. 355-367, 10 figuras.

ESCAVAÇÕES NO CASTRO DE SABROSA EM 1968, por Prof. Dr. Santos Júnior, publicado em «*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*», Sociedade de Antrop. e Etnol. Porto, 1969, págs. 384-389, 4 figuras.

EPÍGRAFE ROMANA DO CASTRO DE SABROSA, por Fermin Bouza Brey, publicado em «*Trab. de Antrop. e Etnol.*», revista da Sociedade Portuguesa de Antrop. e Etnol., Vol. XXII, fascículo 2.º Porto, 1973, págs. 161-164, 1 figura.

UM MACHADO ESTRANHO DO CASTRO DE SABROSA, por Prof. Dr. Santos Júnior, publ. em «*Trab. de Antrop. e Etnol.*», revista da Sociedade Portuguesa de Antrop. e Etnol., Vol. XXII, fascículo 4.º, Porto, 1975, págs. 566-569.

O castro esteve abandonado durante os últimos nove anos. O mato voltou a crescer livremente, alguns troços de muralhas ruíram naturalmente e muitas pedras foram deslocadas da sua posição ou baldeadas por visitantes sem escrúpulos.

A campanha arqueológica de 1980 resumiu-se à limpeza do castro do matagal que o afogava e ao restauro de alguns troços de muros e de casas no reduto cimeiro, danificadas nos últimos anos.

Com um pequeno subsídio de trinta mil escudos, concedidos para o efeito pela Câmara Municipal de Sabrosa, tralhou-se no castro durante uma semana.

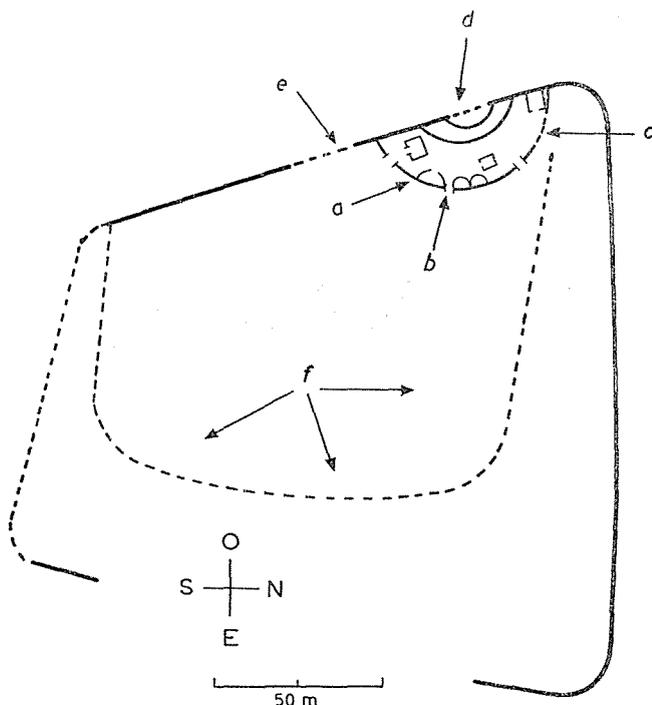


Fig. 1 — Desenho esquemático das muralhas do castro de Sabrosa.

Sob a direcção do Prof. Dr. Santos Júnior, com a nossa colaboração, de um pedreiro, de um ajudante de pedreiro e de um trabalhador rural, reconstruiu-se a porta de uma casa (Fig. 1 a, e Fig. 2-A), a porta de uma muralha (Fig. 1 b, e Fig. 2-B) e um troço da muralha cimeira numa extensão de 6 m de comprimento por 2,5 m de altura (Fig. 1-c, e Fig. 4-A).



Fig. 2 — Porção do recinto cimeiro com a casa em meia lua encostada à muralha, de que se refez a porta B que havia derruído em parte.



Fig. 3 — Pormenor da casa em meia lua de que se reconstruiu a porta.

Estava ainda nos nossos propósitos o restauro do flanco poente do «torreão» do castro (Fig. 1 d). Porém, porque o pedreiro não pôde continuar a prestar os seus serviços e o mau tempo se começou a fazer sentir, tivemos que terminar a campanha do presente ano.



Fig. 4 — Troço da muralha cimeira que havia derruído e foi reconstruída numa extensão de 6,5 m de comprimento por 2,5 m de altura.

Não foi encontrado qualquer espólio.

É nossa intenção, no próximo ano, caso se consigam os subsídios necessários, reconstruir o flanco desmoronado do «torreão» (Fig. 1 d), assim como um pequeno troço da muralha oriental (Fig. 1 e), e dar início à limpeza e restauro da segunda grande muralha do castro (Fig. 1 f).

Sabrosa, 9 de Dezembro de 1980.

* 5060 Sabrosa.

CARLOS ERVEDOSA *

Assistente no Instituto Universitário
de Trás-os-Montes e Alto Douro.
Da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

A Ara de Fontes — Santa Marta de Penaguião

Análise Crítica

Depois de ter folheado e lido, com interesse, o último número da Revista da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, (vol. XXIII, fasc. IV, Porto, 1980) coisa que faço há largos anos, deparou-se-me, na rubrica *Vária*, o artigo *O Castro de Fontes (Santa Marta de Penaguião)* do Prof. Santos Júnior, págs. 620-626 e 5 Figs., referente a uma inscrição há anos minha conhecida e, por isso, também já discutida por mim com vagares de canteiro e cujo resultado foi publicado em 1958 — há vinte e três anos, portanto, se as contas não enganam — incluído num trabalho meu com o título *Onomástico Ibérico*, Porto 1958, 322 págs. e 28 Figs.

Nessa altura ainda eu possuía algum vigor e suficiente «genica» — pode-se-lhe chamar *audácia*, que já não me zango — para estas andanças epigráficas e afins, em que certas inscrições eram, normalmente, tomadas como esquipáticas charadas por certos pesquisadores — com alguma razão, aliás — e que por isso na altura, eram incluídas, pela alta sabedoria europeia, chamada a dar opinião abalizada, no grandíssimo «armazém celta» sem qualquer justificação, a não ser a da simples ignorância linguística disfarçada na atribuição de enigmas de alta sabedoria.

Perdoem-me a «alta sabedoria» que aqui é apenas generoso epíteto.

Aquela atribuição, porém, alheante e primária, feita, aliás, com certo desplante toureiro — que os bravos lidadores me perdoem, também, a comparação infeliz do «desplante» — e que era tal como o dos «celtómanos» na mastigadíssima inutilidade celta da atribuição.

Não sei, todavia, se isto era apenas jactância celtómana dos próceres que na ocasião julgavam ler o celta (que era analfabeto) ou se era simples ignorância campesina — tão lamentável — do velho idioma de Homero — o grego — .

Suponho, porém, que fossem resquícios de uma velha pecha medieval, há muito já aposentada e que corria no mundo de então, o *graecum est non legitur*, tão acabrunhante como as digestões lentas e mal elaboradas dos dispépticos.

Que o velho *Esculápio* me perdoe o destempero terapeuta que eu não sei nem quero perder tempo em aturadas investigações para o saber, que o tempo é azinha e nós já não estamos em idade de o malbaratar com demasias — perdoe-me esta inconfidência tão bilateral.

Mas, vamos ao assunto que me move.

A inscrição pela qual venho e me abalanço, é assunto a que julgava haver posto ponto final nas minhas actividades. Tem, como quase todas as que vão aparecendo, uma *divindade* a quem eram dirigidos os votos.

Essas *divindades* eram, normalmente, consubstanciadas numa *frase grega* cristalizada do velho idioma que deixou de ser o corrente na velha Lusitânia e imediações.

A *divindade Auge Cile* é, desta forma, constituída por duas palavras inseridas numa inscrição que a seguir desenvolverei para, com mais largueza a analisar e chegar a uma conclusão.

Está ela numa *Ara* encontrada na freguesia de *Fontes*, concelho de Santa Marta de Penaguião, lugar do «Castelo dos Mouros» ou «Castro do Monte de S. Pedro».

Foi estudada há anos, pelo falecido Rev.º P.º Eugénio Jalhay, arqueólogo ilustre, num artigo que publicou na *Bro-téria* (vol. XLI, fasc. 5, Lisboa, 1949, págs. 471-478) com o título — «*Ara romana inédita de Fontes — Santa Marta de Penaguião*», e por F. Russell Cortez que a estudou e publicou em *Anaes do Instituto do Vinho do Porto*, 1948, págs. 47 a 95 e 4 Figs., com o título de — *A ara greco-romana do Castro de Fontes — Novos subsídios para o estudo dos cultos orientais na região do Douro*, de que fez separata.

A *ara* está perfeita e tem a legenda completa, conforme se pode verificar na gravura das Figs. 1, 4 e 5 do cit. trabalho do Prof. Santos Júnior.

A interpretação feita pelo Rev.º P.º Jalhay é a seguinte:

AVGE
 CILEAE
 MINIA ME (bdi filia)
 VOT[VM] L[IBENS] PO[SVIT]

«À (deusa) Auge Cilea [de Cillae ou Cilla] Minia, filha de Mebdo (?) construiu (este monumento) cumprindo um voto.

Acontece ainda que o Prof. Santos Júnior em nota no fundo da pág. 525 do seu cit. trabalho, refere um encontro que teve em Lisboa, em 22 de Abril de 1980, com Russell Cortez, no qual este ilustre investigador lhe comunicou que o seu parecer sobre a *Ara de Fontes* era um voto dedicado à memória de Minerva.

Como se pode notar, as interpretações, apesar de tão curta ser a legenda, são diferentes, apresentando-se cada qual com alguma substância.

Acontece, porém, que o Dr. Russel Cortez não concordou com a opinião do Rev.º P.º Jalhay que, todavia, deu com exactidão — *Auge* (= *αὐγή*) como significando «aurora».

Para fundamentar a discordância, o dr. Cortez utilizou o dicionário de raízes de *Chassang* (edição de 1889) e a pág. 164, terceira coluna, encontrou o significado de «brilho» «luz, sobretudo do sol» e apontou-o muito cientificamente ao seu cultíssimo antagonista como prova inacatável da razão que lhe assistia, segundo o seu consenso.

Contudo, o Rev.º P.º Jalhay havia dito, com verdade, mas singelamente, que *Auge-es* ou *Auga-ae*, embora derivado do grego, era como em latim bárbaro se designava a «Aurora» (que afinal nasce com o sol...).

Mas, quer seja na edição de 1889 quer na de 1931 que tenho na minha frente, o *Chassang* tem, a pág. 199, logo na primeira coluna o significado da palavra, ou seja: — «luz», «aurora do dia» ficando a terceira coluna, embora com a mesma raiz — *αὐγή* —, as palavras que aquele distinto investigador

encontrou ἀὐγή que em dórico tem a forma ἀὐγά, e é afinal a que nos interessa como se verá.

Esta palavra, contudo, pode ter várias interpretações que rapidamente enumerarei: — «Clarão do sol» (*Il.* 17, 371; *Od.* 6, 98 etc.); «Nascer» ou «ser nascido» que lit. é «ver os raios do sol» (*Il.* 16, 188).

Em Eurípedes (*Pers* 935 e *Alc.* 667) é «raios do sol» ou «luz do dia».

Pode também ser o pôr do sol como em Píndaro (*Istm.* 3, 83), etc. etc.

Como se pode ajuizar, por esta pequena amostra, o sol, nos poetas aparece desde que nasce até que morre...

Ora a forma de que saiu a que existe na *ara* é *Auga*, dórica, portanto que tem o dativo rústico *Augue* (= *Augae*) assim como *Cile* é o genitivo rústico de *Cila* (*Cilla*) ou seja Κίλλα que normalmente se deveria escrever *Cilae*. Isto pode dar-nos a data (ou séc. III ou II, a.C.) em que não havia letras dobradas, no grego.

Nesta leitura que se me afigura a razoável, por não ser muito de admitir que no segundo nome haja um genitivo normal quando o dativo do primeiro é rústico, pelo que a interpretação que lhe dou, e que me perdoem os sábios esta intromissão, seria a segunda sem acrescentamento de prosa.

Auge Cile (= *Augae Cilae*) *Aeminia M f[ilia] vot[um] l[ibens] po[suit]*.

Cuja versão seria:

À (deusa) *Auga*, de *Cila*. *Aeminia*, filha de *M.* *cumpriu de bom grado o voto.*

O nome da divindade é Ἀὐγά (= Ἀὐγή) e deve ser equivalente a *Augea*, filha de *Aleo* rei de *Tegea*, na *Arcádia*. Seduzida por *Hércules* deu à luz *Télefo* a quem ocultou no templo de *Minerva*, de que era sacerdotiza. A deusa irritada com o desforo da profanação, castigou o reino de *Tegea* com a esterili-

dade. *Aleo* para aplacar a deusa, mandou lançar ao mar o menino. *Naupilo* encarregado da execução, entregou a criança a *Teutras*, rei da *Mísia*, que o perfilhou.

Vim até este ponto simplesmente para salientar o nome *Cila* que deve ser equivalente de *Κίλλα*, cidade da *Troada*, província da *Mísia*, na Ásia Menor.

Presumo, por isto, que os Cilénios, referidos por Plínio, tenham esta origem.

Por aqui me fico para não aborrecer mais. Com a perda de tempo que sendo um bem que depois de perdido não mais nos vem à mão.

Arq.º ROGÉRIO DE AZEVEDO

Prof. jubilado da Escola Superior de Belas-Artes do Porto,
sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
e do seu Conselho Directivo

Um perdido berrão trasmontano assinalado por um grande arqueólogo

Trás-os-Montes deve ser a região da Península Ibérica onde, até à data tem sido encontrado o maior número de berrões proto-históricos, ou seja estátuas zoomórficas de granito representando especialmente porcos e javalis, mas também touros, um bode e um urso.

Em 1975 no trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. 24, Porto, 1975, págs. 353-515 registei a existência de 53 berrões no nosso país, dos quais 49 achados em Trás-os-Montes e na Beira trasmontana.

Nos últimos 6 anos tenho dado conta do aparecimento de sucessivos aparecimentos de berrões proto-históricos, quase todos mais ou menos mutilados. Alguns podem considerar-se verdadeiros destroços.

O seu número no nosso país é hoje 62 dos quais 58 no Nordeste. Tudo leva a crer que mais continuarão a aparecer, à medida que os nossos muitos castros forem explorados, ou, apenas, singelamente visitados por arqueólogos, que vêem o que ao vulgo muitas vezes passa despercebido.

Vamos ver que assim sucedeu quando, há muitos anos o ilustre arqueólogo Prof. Leite de Vasconcelos visitou a Vila Velha de Santa Cruz da Vilaria ou Derruída, que considerou como um castro, isto é, considerou aquela vila medieval assente sobre um velho castro.

Deve ter sucedido o mesmo com a vila de Moncorvo, que é de supor tenha sido também implantada sobre um castro. Aliás as condições topográficas do cabeço, onde houve o castelo e se estende o bairro moncorvense da misericórdia, reproduzem perfeitamente o típico delineamento de um castro que teria o seu fosso no sítio onde hoje é a praça da vila.

Na Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 32, no artigo Torre de Moncorvo na pág. 217 alude-se à Vila Velha da Santa Cruz da Vilaria ou Derruída ⁽¹⁾. Na mesma página se informa que o Dr. Leite de Vasconcelos foi à Vila Velha e que ela se referiu nos seguintes termos que transcrevo.

⁽¹⁾ A Vila Velha da Santa Cruz da Vilaria ou Derruída fica no alto do cabeço ou outeiro da Quinta da Portela, sobranceiro ao rio Sabor que lhe corre pelo nascente, e na margem direita da Ribeira da Vilaria, que a uns 400 ou 500 metros lhe corre pelo poente. Diz a lenda que o abandono da Derruída pelos seus habitantes foi consequente a um ataque de milhões de formigas. É de crer que a esta razão, se de facto existiu, outras razões tenha havido.

Uma delas que se nos afigura concorrente para o abandono da Derruída pelos seus residentes deve ter sido o paludismo que na Vilaria foi endemismo a grassar com grande intensidade.

Aliás isso se depreende por carta de 1648, dirigida pelo concelho da Torre de Moncorvo ao rei D. Afonso V, pedindo a concessão de certos terrenos da coroa, entre os quais o da Vila Velha de Santa Cruz ou Derruída, vila que, abandonada há menos de dois séculos, se mostrava num estado ruinoso, e na carta se escreveu: «em um outeiro alto que está

«Este outeiro é em meu entender, um castro, visitado por mim há muitos anos (escrevia em 1936) e onde encontramos um tosco e deteriorado quadrupezinho de granito.»

Seria certamente um berrãozinho, provavelmente porquinho, ou talvez um tourinho.

É estranho que Leite de Vasconcelos por vezes tão minucioso nas descrições dos seus achados, não especificasse o animal esculpido. É de admitir que estaria tão deteriorado que não seria fácil especificar o animal esculpido.

Isto mesmo leva a crer que Leite de Vasconcelos não tivesse carregado com o quadrupezinho e levá-lo para o seu museu para o qual levou e fez levar muitos milhares de peças arqueológicas e etnográficas.

a cerca dela (ribeira da Vilarça) fora povoraçom em outro tempo, e porque era doentio se mudarem ir viver na dita villa de Torre», (de Moncorvo). Ver mesma pág. 217 do vol. 32 da Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

O que se sabe é que os habitantes da Vila Velha da Santa Cruz da Vilarça ou Derruída se tranferiram para a base da encosta norte da Serra do Roboredo, onde hoje assenta a Vila do Moncorvo.

Mais diz a lenda que um tal Mem Corvo ali ergueu uma torre da qual proveio o nome de Torre de Moncorvo, dado ao agregado populacional formado pelos foragidos ao ataque de multidões de formigas na Derruída.

A Vila Velha da Santa Cruz ou Derruída conserva a maior parte das suas muralhas em razoável estado de conservação, porções de altas paredes, porção de uma torre quadrada com 5 ou 6 metros de altura e amontoados de pedras que devem corresponder a casas arruinadas.

O estudo, conservação e defesa da muralha e restos de construções que se vêem na Derruída, em nosso parecer, tem interesse histórico e regionalista.

Já sugeri à Câmara Municipal de Moncorvo, que conviria ela promovesse a programação de tal estudo. É de crer que se a Câmara se dirigir ao Instituto Português do Património Cultural dele conseguirá não só o plano director para os trabalhos a fazer mas também as ajudas para levar por diante a tarefa de conservação e valorização daquela muralhada povoação medieval, que antecedeu a actual vila de Moncorvo.

Estudantes poderiam participar nos trabalhos, que, sem dúvida, têm interesse histórico e regionalista e, ao mesmo tempo, teriam meritória acção ou finalidade educativa.

Que se tratava de um berrãozinho parece não haver dúvidas.

Se assim fôr podemos acrescentar aos 56 berrões do Nordeste, Trás-os-Montes e Beira Trasmontana, mais um, assinado na Derruída pelo incansável e perspicaz arqueólogo Mestre Leite de Vasconcelos.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Janeiro de 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Antigo Director do Instituto de Antropologia
e Presidente da S. P. A. E.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia

Notável berrão proto-histórico aparecido algures na Galiza

Em Junho de 1977, a convite de D. José Filgueira Valverde, emérito Director do excelente Museu de Pontevedra, ali fiz uma conferência sobre a *Cultura dos berrões proto-históricos no noroeste peninsular-norte de Portugal e na Galiza*.

Desde há muito que me interessava pelo estudo dos berrões proto-históricos; estátuas, quase todas de granito, de vários animais, sobretudo de porcos e de touros.

As representações mais frequentes entre nós são as dos porcos do sexo masculino, com as típicas saliências testiculares bem esculpidas na traseira. Isto é, representam porcos por castrar, os porcos de padriação ou de cobrição, que em Portugal se chamam *berrões* ou *barrões*, na Galiza *berrós* ou *barrós*, e na Espanha *verracos*.

Entre nós é bem conhecida a *porca de Murça*, é um porco, como tive ensejo de assinalar no trabalho *A cultura dos berrões no noroeste de Portugal*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e

Etnologia, Fasc. 4, Vol. XXII, Porto, 1975, págs. 353-515, 31 desenhos e LIII Est. com 100 gravuras. Além de porca também tem sido considerada como ursa.

Algumas estátuas porcinas têm sido, e em alguns casos podem ser, consideradas como representando javalis.

A essência da minha conferência no Museu de Pontevedra foi o meu trabalho publicado em 1975, acrescido de novos achados.

Procurei sintetizar os aspectos de maior realce arqueológico da cultura dos berrões.

Sua natureza, culto do porco como animal extraordinariamente prestadio.

Sua origem castreja, pois sabe-se que muitas dessas estátuas foram achadas em castros pré-romanos, e, possivelmente, obra criada por estatuários da tribo pré-céltica os *draganos*, que no séc. VI a.C. viviam na região que é hoje Trás-os-Montes.

Na sua expansão para leste por terras de Zamora, Salamanca e Cáceres, à medida que rareiam os porcos (*verracos*), vão predominando os *toros*.

Na expansão para a Galiza referi os três *berrós*, «Jabali de Viana del Bollo (Orense), Jabali de Castelo del Valle (Orense) e Jabali de Florderrey Vello (Orense)», que foram estudados pelo ilustre galego D. Jesus Taboada, no seu trabalho *Esculturas de verracos em Galicia*, in «Archivo Español de Arqueologia», Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Diego Velásquez, n.º 72, Julio-Set., Madrid, 1948, págs. 291-294, 1 Fig.

À minha conferência assistiu Frei António Montero O.F.M., do Convento de S. Francisco de Pontevedra.

Este culto frade franciscano falou-me de um grande berrão, aparecido havia cerca de 20 anos numa freguesia da província da Corunha, onde se encontrava em missão apostólica.

Manifestei grande interesse pelo que me contou aquele culto frade galego quanto ao berrão corunhês.

Depois, em carta de 28-8-78 deu uma série de informações que confere àquele *berrão* um especial relevo.

Frei António Montero, na sua carta amiga refere, de entrada, ter averiguado entre alguns arqueólogos espanhóis que nada fôra publicado sobre o *verraco* que ele viu, em determinada aldeia de freguesia da província da Corunha, e escreve: «Yo, por más esfuerzos que hice, no recuerdo el nombre da la parróquia en donde ocurrió el hallazgo; son muchas las feligresias que, preparando preceptos pascuales y dando missions, recorro al año».

Claro que tinha interesse precisar, com o nome da aldeia ou freguesia, o local do achado. No entanto a informação concreta de que foi na província da Corunha, é já um dado corográfico que localiza o achado na região setentrional da Galiza.

De qualquer modo, mesmo sem a indicação justa e precisa do local do achado, a natureza do mesmo justifica a publicação dos elementos colhidos «in loco» por Frei António Montero, e gentilmente fornecidos na carta, da qual se transcreve o que segue.

«Hace unos 20 años, poco más o menos, hallandome de ministério pastoral en una parroquia de la provincia de La Coruña, segun creo, sobrevino una gran tormenta con una gran tromba de agua, avisaron os mozos del lugar que en las proximidades las aguas habian puesto al descubierto unos muros y una estatua de piedra. Salimos el cura y yo y encontramos en la base de un monte unos muros de forma semicircular que levantarían como un metro del suelo, en el centro un verraco muy grande que mediria bien dos m de largo por uno de alto. Escultura de buena labra con una bolsa testicular muy abultada y un pene descomunal. Creia el viejo cura que era un oso; pero se tratava de un cerdo. Los mozos se reian de las partes sexuales del animal, cosa que o cura llevó muy a mal reprendiendolos muy asperamente y aquella misma noche con un matillo le machacó. Se me olvidaba que en medio del recinto formado por el muro circular habia un pedestal formado por piedra de manposteria superpuestas, de la altura de los muros, un m

aproximadamente. No dudé un momento de que el verraco estuvo en cima del podio. Como tanto el bicho como los muros estaban muy ahumados sospecho que receberia ritos en que se quemaban cosas.

«Tambien influyó en la decision del cura al darse cuenta de que el animal recibió adoraciones y decia que seria una verguenza para la parroquia y objecto de burla de las limitrofes, al saber que en la parroquia de su jurisdiccion se dio culto a un animal tan imundo como es el cerdo.

«Y esto es cuanto puedo decirle sobre el cerdo, por si puede serle de alguna utilidad, lamentando el no poder identificar el lugar del hallazgo ni averiguar nada más.»

Em face do que acabamos de transcrever há que realçar algumas das observações feitas pelo espírito perspicaz de Frei António Montero, e recordadas passados cerca de 20 anos.

— A grande estátua de pedra «de buena labra» achada no meio de recinto semicircular com parede de um metro de altura.

— A existência, a meio do recinto, de um pedestal de pedras sobrepostas que seria o pódio, ou plinto, feito para ali colocar o berrão.

— Tanto a estátua como os muros à roda estavam negros de fumo, digamos queimados.

— A escultura era de um porco com os órgãos sexuais masculinos exuberantemente esculpidos.

Analisemos cada uma destas observações.

O facto de o infelizmente destruído berrão ter sido descoberto por «una gran tormenta con una gran tromba de agua», permite admitir que o impulso da enxurrada tenha arrasado a outra metade do recinto, que muito provavelmente seria circular.

A existência do pódio ou pedestal a meio do recinto, levou Frei António Montero, em raciocínio lógico, a escrever. «No dudé un momento de que el verraco estuvo encima del podio», que podemos interpretar como que um altar para nele colocar o deus porco.

A circunstância de tanto o *verraco* como as pedras do recinto semicircular estarem negras de fumo, levou Frei António Montero a suspeitar, aliás segundo nos parece com acerto, que o bicho «receberia ritos em que se quemaban cosas».

A exuberância dos órgãos sexuais, «con una bolsa testicular muy aultada y un pene descomunal», corresponde a um dos aspectos da modalidade escultural dos berrões. Em algumas estátuas a bolsa testicular é tão saliente que alguns autores, baseados nesse carácter, emitiram o parecer de que aos berrões se pode atribuir também o significado ou prova de culto fálico.

É singular a afirmação do pénis descomunal. Na mais de meia centena de berrões que conheço nenhum apresentava pénis.

O que muitas estátuas de berrões têm na linha médio-ventral é uma proeminência, maior ou menor, o forro peniano.

Têm marcado interesse as informações de Feri António Montero quanto ao *verraco* corunhês, infelizmente destroçado.

A grande importância daquele *verraco* resultou do facto de ter sido encontrado «in loco», ou seja a meio de um recinto que provavelmente seria circular, como era o do berrão de Picote, que estudei e publiquei no meu trabalho *A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal*, cit., págs. 424-438, Figs. 18 a 20 e 94 e 95, e foi encontrado de pé no meio de câmara circular, a que se seguia um corredor de 9 m de comprimento. Aquele berrão de Picote seria um ídolo.

O mesmo se pode dizer do *verraco* que foi visto por Frei António Montero, que como réplica do que sucedia com o berrão de Picote, seria também ídolo, a que se renderia culto em acção de graças pela sua acção benfazeja.

Na pág. 430 do meu cit. trabalho, ao descrever a escavação que fiz em Picote, no sítio correspondente à dianteira do porco, e já no início do corredor, a 1,70 m de profundidade «apareceu uma terra cinzenta que, na opinião geral das pessoas

presentes devia corresponder a um local onde habitualmente se tivesse feito lume».

Frei António Montero viu o *verraco* tiszado de negro de fumo bem como as paredes laterais, o que o levou a supor que o animal teria sido alvo de práticas rituais em que se queimavam coisas. É de crer que aquele afumado resultasse de fogueiras recentes, e, por isso, sem valor como significado arqueológico.

Seja como for o certo é que o *verraco* foi encontrado «in loco» num recinto possivelmente circular, no meio do qual havia um pedestal onde, digamos, o bicho tinha sido posto como em trono ou altar.

Há alguns aspectos ou feições de concordância entre os dois achados, o português de Picote e o galego de uma aldeia da província da Corunha, e, sobretudo, o que se julga fundamental, ambos encontrados a meio de recintos arredondados.

Pode pois concluir-se, em face do conjunto de circunstâncias apuradas nos dois achados, que têm razão aqueles que consideram os berrões como estátuas votivas, manifestação dum velho rito zoolátrico castrejo, no qual animais considerados sagrados eram adorados como deuses tutelares.

Podemos por isso considerar a cultura dos berrões como manifestação de ordem espiritual, com fortes raízes implantadas nos castros trasmontanos e nas regiões limítrofes de Espanha.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Agosto de 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Presidente da Soc. Portuguesa de Antrop. e Etnologia,
da Real Academia Galega (Corunha) e do Seminário de
Estudos Galegos (Santiago de Compostela)

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

**As danças na procissão do Corpo de Deus
em Vila Real no séc. XVIII**

Ao P.^e Dr. António Mourinho, companheiro
de tantas e afadigadas lides etnográficas e arqueológicas
por terras de Trás-os-Montes

O. D. C.

No códice *Rellação de Villa Rçal e seo termo, remetida pelo Senado daquela Villa à Academia Real, 1721*, da Biblioteca Nacional de Lisboa, cota 223 Cód., A-6-9, há referências múltiplas, tais como «Fundação do Convento de S. Francisco», ao «Convento de Santa Clara», a um «Magalhans chamado morgado de Sabroso», ao «Senado da Camara desta vila» e outros muitos temas referentes às terras trasmontanas de Vila Real e seu termo.

Entre tais temas há o da «Procissão em dia de Corpo de Deus», em que se descrevem os participantes e seu escalonamento ou sucessão. Começa na folha 72 v., e nas seguintes faz a descrição cheia de informações de real valor histórico e etnográfico daquela notável procissão.

Limitar-me-ei a dar conta dos apontamentos que tirei numa fácil leitura do códice, referentes especialmente às danças que figuraram na Procissão do Corpo de Deus em Vila Real no séc. XVIII.

Depois dos andores com imagens dos Santos, a sequência dos participantes naquele notável e festivo cortejo religioso, segundo enumera o códice, era a seguinte:

- 1 — «Primeiramente vay hum carro ã dam os Cortlloens desta Villa e arrabaldes ornado de frondosos ramos

leuantados e estes pouoados de todo o género de frutas e hortaliças.»

- 2 — «Segue-se hua figura ã representa uma serpe de mt.^a grandeza e (segue-se palavra que não consegui decifrar e por isso vai o pontuado) ã costumam dar os surradores.»
- 3 — «Segue-se outra figura de hum dragam com sua dama bem ajoçada ã o vay tirando por huma fita ã dam os sapateiros e curtidores.»
- 4 — «Segue-se San Christovão com a grandeza de sua verdadeira estatura ã dam os imaginários, e nam os havendo é por conta do Senado.»

Bastam estas 4 referências em cópia dos termos do códice. Daqui por diante passarei a fazer as transcrições em grafia corrente.

- 5 — Seguem-se dois cavalinhos feitos que dão os alfaiates feitos com muita galanteria.
- 6 — Segue-se a dança dos diabretes que se compõem de 16 figuras desta casta, com tambor e outros instrumentos extravagantes, invenção que dão os almoceves.
- 7 — Segue-se a bandeira dos moleiros que é de damasco branco com seus cordões e borlas, a que se segue uma dança de 16 figuras de mulheres e o mais bem ajoçadas com suas (sic) cajatinha (sic).
- 8 — Segue-se a bandeira dos carpinteiros e pedreiros que é de damasco amarelo com seus cordões e borlas, a que se segue uma dança de 18 figuras de homens e mulheres vestidos de galegos ao próprio, com uma música que se lhe canta de fora letras e toadas da própria nação.
- 9 — Segue-se a bandeira de damasco com seus cordões e borlas, a que se segue uma folia branca, vai ao pé do pálio, cantando letras ao Sacramento, a qual dão os carpinteiros e moleiros e vão juntos da bandeira

dois homens vestidos de cortezia com suas coroas, um representa o Rei e o outro o Imperador deste mistério.

- 10 — Segue-se a bandeira dos ferreiros de damasco vermelho com seus cordões e borlas, a que se segue a dança de 24 figuras que representam um e outro sexo um homem dançando no meio, é dança de primor vestidos a todo o lustro (?), tem música de fora que lhe canta(m) enquanto dançam, a qual dão as regateiras de peixe e os sombrireiros.

Segue-se a indicação numérica seguinte que por considerar de menos interesse para o tema especialmente coreográfico deixamos de prosseguir. Damos salto para o n.º 26, do fundo do verso da página 73 do códice.

- 26 — Seguem-se duas *pellas* ricamente vestidas com sua matrona e um gaiteiro a cujo som dançam; que dão as padeiras e as tecedeiras.
- 27 — Segue-se o andor de Santa Isabel que dão os tendeiros e depois deste andor uma vistosa dança de romeiros e romeiras.

Como complemento transcreve-se já da pág. 74, o que segue.

«Na tarde deste dia se correm touros que se repartam (sic) aos cortadores da carne desta vila, que os dão à sua conta, e antes de se correrem todas as danças que foram na procissão vem festejar ao terreiro e outras mais invenções de galanteria e festejo, a que o povo é inclinado, aos quais a Camera de (dê?) seus preços e outra reparte aos toureadores conforme a sorte que cada um faz. Antes da procissão saíam todas as danças se representam às portas dos ministros e oficiais da Camera e outros lugares públicos em que fica este dia festivo alegre e alegremente festivo.»

As procissões sempre foram actos de culto exibidos fora dos templos, e nas quais participa o povo manifestando o seu sentimento religioso e a sua devoção aos santos patronos.

A procissão do Corpo de Deus começou a fazer-se no reinado de D. João I, e desde então até ao séc. XX se manteve com assinalado brilho, de que há informações pormenorizadas em velhos códices, publicadas por historiadores e cronistas como Herculano, Inácio Barbosa Machado e Frei Cláudio da Conceição.

A procissão do Corpo de Deus foi, sem dúvida, a mais sumptuosa festa nacional.

O seu alto significado e a sua importância foi tão grande que chegou a atingir foros da festa oficial, em que se incorporavam as altas entidades civis e militares com o soberano à frente.

Desde o séc. XIV ao séc. XIX tais procissões foram consideradas festa da grei; por isso em grande parte eram custeadas pelas Câmaras Municipais.

Alguns velhos manuscritos descrevem a Procissão do Corpo de Deus que em Lisboa, Coimbra e Porto, e mesmo noutras cidades, como por exemplo Setúbal, atingiram magnificência.

Nela tomavam parte representantes dos diversos ramos das artes e ofícios.

Primitivamente, pelo menos em Lisboa, nas vésperas da Procissão faziam-se jogos, folias, justas, cavalhadas e touradas (Vd. Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. VII, págs. 727-729).

Na Procissão participavam, como já disse, as várias artes e ofícios, com carros belamente ornamentados, figuras simbólicas, serpe e dragão, como vimos sucedia em Vila Real, com suas bandeiras e assinaladas danças.

Certos desmandos no decurso do cortejo e passos ou representações consideradas, pelas entidades episcopais em desacordo com os cânones eclesiásticos, determinaram medidas restritivas e até proibição de certas manifestações coreográficas que de longa data faziam parte integrante, não só da Procissão

do Corpo de Deus, mas de outras procissões e festas populares ⁽¹⁾.

Como nota final apenas algumas considerações sobre a dança das «duas pellas» ricamente vestidas, que bailavam ao som do gaiteiro.

Na nota do fundo de pág. 490 no nosso referido trabalho *Coreografia popular trasmontana*, a propósito do passo o *Chafariz grande* da dança das Fitas, em que as *madamas* saltam para cima dos ombros e braços cruzados de cada dois *cavalheiros* contiguos, fiz referência à dança das *pelas*.

Assim no livro *O S. João em Braga — Uma curiosidade bibliográfica precedida de alguns apontamentos históricos*, de José Gomes Braga, Braga, 1904, 55 págs. e 1 Fig., lê-se na pág. 15 que na festa de S. João, pelo menos no séc. XVI, se fazia uma dança, *as pelas*, em que as bailarinas bailavam «sobre os ombros de homens que, para as levarem, ganhavam 110 réis cada um».

(1) No trabalho *Coreografia popular trasmontana* por Prof. Santos Júnior e Dr. António Mourinho, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. XXIII, Porto, 1980, págs. 439 a 587, 32 desenhos e 55 fotografuras, na nota do fundo da pág. 584 transcreve-se o código da provisão do bispo de Miranda do Douro D. Frei Aleixo, dado em Duas Igrejas, em 26 de Outubro de 1760. Naquela provisão o bispo determina que, por ter conhecimento de que em Duas Igrejas há festividades «com sua comédia pública, acabando com várias danças de homens com mulheres», manda «ao Reverendo Párocho, sob pena de suspensão de suas Ordens e as mais ao nosso arbítrio, impidão semelhantes comédias». E no capítulo 16 da provisão, ordena que, sob pena de suspensão, «condene as mulheres que se meterem a dançar com os homens, e aos homens que se meterem a dançar com mulheres, pela primeira vez em dez tostões; e na segunda, nos dê parte para lhes fazermos pagar dois mil réis de Aljube; e não querendo pagar a dita condenação primeira de dez tostões, dentro de três dias, os evite para fora da Igreja, e corregando-lhes as censuras até de participantes, e pagando os absolvão». O certo é que, como se escreve na pág. 148 do trabalho que vamos seguindo, assim como o rio Douro continuou a correr para o mar, as festas da *Rusticidade* continuaram até aos nossos dias. «De nada valerem as cominações despóticas, porque nunca se quiz reconhecer a verdadeira alma do povo, «a alma funda das gerações como lhe chamou o grande Pontífice Pio XII.»

Dança que era feita pelas padeiras «muito bem concertadas com ricos toucados e jóias de ouro e vestidos de seda chalote.

Na pág. 14 do mesmo livro José Gomes explicou como segue o nome de *pelas* dado à dança: «Pela ou Pelha (do latim *paelha* ou de *Pila*, segundo N. de Leão, na Origem da ling. port.) diz-nos Bluteau no Vocabul. ser a rapariga que baila sobre os ombros de outra».

Na mesma pág. 14 conta que a dança das *pelas* fez-se na Procissão do Corpus Christi, em 1484, em Setúbal em que «rodeadas de outras, iam 2 raparigas desenvoltas, dançando uma em pé sobre os ombros da outra, que também ia dançando, coisa admirável a que o povo dava grandíssima atenção».

Pelo que se lê no n.º 26 do códice seguiam-se *duas pelas*, também feitas pelas padeiras, como em Braga. Ora se a dança das *pelas* era feita por 2 raparigas bailando uma sobre os ombros da outra, *duas pelas* parece significar que havia um par de raparigas formando e dançando uma *pela* e outro par constituindo outra *pela*.

Se assim era, como parece poder crer-se que fosse, o bailar das duas *pelas* daria ensejo ao apuro em perfeição do desenvolver da dança, certamente em esmero de competição.

O interesse desta nota coreográfica sobre a notável e importante Procissão do Corpo de Deus, várias vezes descrita e estudada por vários cronistas e historiadores não terá certamente senão o pequeno significado de atestar a sua realização no séc. XVIII em Vila Real, com o conjunto de danças que citamos e em especial das *duas pelas*, estas certamente dignas de admiração e a que o povo do termo de Vila Real não deixaria de prestar «grandíssima atenção».

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Novembro de 1981

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Membre titulaire da Société d'Ethnographie de Paris

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia

Velho costume de Paradela

Um ano de Sacristão

Paradela é uma das 47 freguesias do concelho de Chaves. Fica a sul de Mairos numa pequena veiga regada pelas águas de um afluente do Tâmega. A sua gente dedica-se quase só ao trabalho agrícola produzindo sobretudo batatas, centeio, vinho e leite.

Existe lá um velho costume que dá origem ao título deste pequeno trabalho. Com efeito, todos os anos no dia 5 de Agosto, festa da Senhora das Neves, a Padroeira da freguesia, um casal se compromete a servir a Igreja gratuitamente prestando todos os serviços de sacristão, como tocar o sino, ajudar à missa, varrer a igreja, cuidar das alfaias e paramentos, numa palavra, tudo o que compete ao serviço de sacristão.

Antigamente, cabia esse cargo a cada casal conforme a data do seu casamento. Mas, há talvez 25 anos houve um casal que não serviu a igreja na data em que lhe pertencia e, daí em diante, passou a não se fazer por ordem da data do casamento mas conforme a disponibilidade de cada um. Assim é que neste momento, na maior parte dos casos, acabam por exercer o cargo casais que já têm filhos grandes. Muitas vezes, já é um filho que toca o sino ou uma filha que trata da igreja embora a responsabilidade seja sempre dos pais.

Quando acaba o seu ano de sacristão, no dia 5 de Agosto, após o almoço, o casal sai para a rua com muita gente da aldeia que os vão acompanhando ao som de um instrumento, geralmente um acórdeão, levando um grande ramo muito enfeitado. É oferta do que foi sacristão e é levado por ele e sua mulher. O ramo é enfeitado com doces, rebuçados e alguma fruta como uvas, melancia, pêsegos, uma cabaça de vinho, um frango e a chave da igreja que vi pendurada.

Quer já esteja previamente combinado, quer não se saiba a quem vai entregar o ramo, há sempre alguém interessado.

Na altura da «entrega o ramo» faz-se uma festa, bebe-se a indispensável pinga e toda a gente dança, inclusive os velhos que tomaram parte no acompanhamento. O baile começa com a dança dos 2 casais. O que acaba o seu ano de serviço dança com a mulher do que lhe vai suceder e o que entra dança com a mulher do que naquele dia acaba o seu cargo. Então, se algum deles não sabe dançar, é que a festa é mais animada pois o povo obriga-os a cumprir a tradição.

A entrega do ramo é, por assim dizer, uma festa em que participa toda a gente da aldeia, novos e velhos, casados e solteiros, festa que decorre sempre com muita alegria e grande entusiasmo.

Mairos, Novembro de 1981.

P.º DELMINO RODRIGUES FONTOURA

Pároco de Mairos
5400 Chaves

Como se joga o fito em Quintã

(Campeã)

Concelho de Vila Real

O *fito* é jogo corrente de norte a sul do país, designado também por outros nomes tais como *malha* e *patela*.

Apresenta-se em várias modalidades das chapas de arremesso: quanto à forma, discoides ou poligonais, quase sempre hexagonais; quanto ao tamanho e peso, podem ser grandes e pesadas ou pequenas e relativamente leves; quanto à natureza da chapa de arremesso pode ser, e é quase sempre, de ferro, e em algumas regiões de pedra; quanto ao tamanho e natureza dos *pinos* ou *mecos*, podem ser grandes com 25 a 30 cm de altura,

de madeira, de tamanho médio, em geral de 14 a 15 cm, de ferro, e pequenos, do tamanho de uma polegada e de pedra.

É ainda variável de terra para terra o valor dos tentos atribuídos a cada ponto e cada carada ou mecada e até da sua contagem.

Na Quintã usualmente o *fito* é jogado por dois parceiros contra outros dois. À falta de pessoal, jogam por vezes apenas dois.

O material consta de quatro vinténs de D. Carlos ou D. Luís, que servem de malhas, e o *pino* é feito de madeira à navalha. Este, consiste num cilindro de cerca de sete centímetros de comprimento por dois centímetros de diâmetro e aguçado numa das extremidades.

Acomoda-se tudo facilmente num bolso, de modo a poder transportar-se para qualquer sítio onde se queira jogar.

A tradição estabeleceu a regra de um só *pino*, pelo que a mobilidade de quatro jogadores é constante do *ponto*, risca ou raia de onde se atira ao *pino*, e deste para o *ponto*. A distância usual entre o *ponto* e o *pino* anda à volta de cinco metros.

É costume riscar no chão uma cruz para assinalar com exactidão o sítio do *pino* a partir do qual se medem as distâncias dos vinténs jogados, quando pareça haver dúvidas quanto ao vencedor. Até sucede às vezes considerarem-se os pontos empatados, — já que se diz, do que ganha, «fez melhor ponto».

Fazer ponto é, pois, ao atirar, levar o seu vintém a ficar junto do *pino* ou mesmo debaixo dele, em caso de o tombar, permanecendo o vintém mesmo na cruz e o *pino* reposto sobre o vintém.

Começa-se o jogo por um primeiro lançamento para se saber quais os parceiros que jogam em primeiro lugar. Cabe a sorte a quem fizer melhor ponto. Os quatro lançam cada qual o seu vintém, alternando: primeiro, um dos parceiros; segundo um dos adversários; terceiro, o parceiro do primeiro; quarto, o segundo adversário.

Cada lançamento dos quatro jogadores, constitui uma jogada.

Pode jogar-se em cada jogada, um só ponto ou tento, mas geralmente o primeiro a atirar o vintém, antes do lançamento, propõe que a jogada valha três tentos dizendo a palavra ritual: *truco*.

Quer dizer que se usa o verbo *trucar* para referência de pôr a jogada em três tentos.

O *truco* é pois o regulador dos tentos a contar em cada jogada por cada ponto; é palavra que tem de ser dita em voz alta.

Por isso é frequente, no decorrer do jogo, fazerem-se advertências tais como: «eu truquei; não ouviste»? Ou: «tu não tinhas trucado; por isso só ganhaste um»!

Geralmente os adversários aceitam a proposta de jogar para três tentos. Nesse caso responde-se afirmativamente, ou dá-se a aceitação da jogada para três tentos respondendo: *bota* ou *vale*.

O tombar do pino com o vintém que se lançou vale sempre três tentos e chama-se *carada*.

Dar uma *carada* é pois acertar com o vintém na cara do *pino* e tombá-lo.

Quem ganha o ponto numa jogada pertence-lhe jogar em primeiro lugar na jogada seguinte.

Quando em qualquer jogada há o esquecimento de *trucar*, a jogada vale só um tento por cada ponto. Ora depois de o primeiro ter jogado para um só tento, qualquer um pode propor que a jogada passe a valer três tentos do costume.

Se o primeiro fez fraco ponto, ficando o seu vintém relativamente longe do *pino*, os seus adversários propõem o *truco*; mas naturalmente o primeiro, ou o seu parceiro, recusarão, preferindo dar um ponto e desistem da jogada.

Sucede às vezes, após alguém ter *trucado*, qualquer dos opositores fazer a proposta *Vale seis*.

Isto acontece sobretudo quando o primeiro que *trucou* fez fraco ponto. E como ninguém gosta de dar parte de fraco, o primeiro aventura-se a pôr a jogada para seis tentos, embora já em desvantagem. Mais raras vezes, em resposta à proposta de seis tentos, alvitra-se a de nove.

Quando após um *truco* inicial alguém fez um ponto muito bom e propõe a jogada para seis pontos, é normal a recusa perdendo o adversário três pontos ao desistir da jogada que já não se acaba, para logo se continuar com outra.

Em solicitar nove tentos, também é muito frequente usar-se a expressão *retruco*.

Uma partida tem vários jogos.

Um jogo tem trinta tentos.

Ao atingir vinte e sete tentos qualquer dos adversários, cada jogador já não pode valer mais do que um tento.

A partida é ganha se dois parceiros fazem os dois primeiros jogos, sem os adversários fazerem algum.

Havendo um empate, um a um, continua-se a jogada. Haverá depois o resultado de dois a um. Seguidamente pode surgir ou o empate de dois a dois ou a vitória de três a um.

No caso do empate de dois a dois, há o último jogo chamado «a negra», que vai decidir a sorte da mais longa das partidas, que tem de disputar-se em cinco jogos.

O jogo do *pino* na Quintã tem interesse etnográfico.

Realçamos apenas duas particularidades.

Numa a de haver um só *pino*, quando no jogo do *fito*, *malha* ou *patela*, tão frequente de norte a sul do país, há, em geral, dois *pinos* ou *mecos*.

Outra particularidade é o da possibilidade de apostas sucessivas, advertidas dos pomposos *truco* ou *retruco*, que lembram o evoluir das apostas no jogo de cartas do Chincalhão em algumas regiões de Trás-os-Montes.

ANTÓNIO DA EIRA *

Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia

* Agro Velho - Casa 2 — Aver-o-Mar — 4490 Póvoa de Varzim.

Coloquio Internacional sobre arte esquemático de la Península Iberica

24 al 29 de mayo, Salamanca 1982

Organizado pelo Departamento de Pré-história e Arqueologia da Universidade de Salamanca, recebeu-se em fim de Novembro, a 1.^a circular que a seguir se transcreve.

El arte rupestre esquemático constituye una de las creaciones más importantes de la Protohistoria peninsular, pero también resulta el más complejo en investigación a causa de la variedad y diversidad de sus manifestaciones. De continuo se descubren nuevos abrigos o yacimientos, cuyas representaciones parecen abrir nuevas perspectivas a la interpretación de este arte, que incomprensiblemente ha sido el menos estudiado de todos aquellos que informan a nuestro patrimonio artístico. Desde los tiempos en que Juan Cabré y Henri Breuil realizaron sus síntesis y, con posterioridad, Pilar Acosta llevase a cabo la primera sistematización tipológica y temática, nuestro arte esquemático — salvo excepciones — no ha sido objeto de una amplia investigación sobre el conjunto de los distintos aspectos de sus diversas formas y contenido.

Ante la acumulación de nuevos materiales aportados por los continuados descubrimientos de estos últimos años a consecuencia de los cuales se hace cada vez más difícil y complejo su estudio e interpretación, el Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Salamanca ha creído oportuno convocar este COLOQUIO con el objeto de plantear en él los distintos problemas, a cuya solución podremos buscar en sus sesiones puntos básicos y comunes que nos permitan ordenar y estructurar lo actualmente conocido al tiempo de orientar la futura investigación.

Dada la gran variedad de formas, tipos y técnicas que han servido de vehículo de expresión a las distintas manifesta-

ciones de este arte rupestre esquemático, hemos creído conveniente para la buena marcha de la reunión agrupar los distintos problemas en cuatro grandes secciones:

- I — Técnicas. Tipología. Temática
- II — Cronología y periodización
- III — Origen. Interrelaciones
- IV — Interpretaciones sobre sentido y significado.

La introducción a cada una de las secciones estará a cargo de investigadores especializados, cuyas Ponencias se repartirán con anterioridad para información de los asistentes que podrán presentar una Comunicación relacionada con alguno de los temas previstos.

Una segunda Circular ampliará detalles sobre los distintos descubrimientos realizados durante estos últimos años en la Península.

Una siguiente Circular ampliará detalles sobre los distintos aspectos de la Reunión. Está prevista una excursión a las Batuecas y la posible visita a otros yacimientos rupestres esquemáticos.

Rogamos a los profesores y especialistas, así como a los alumnos interesados en estas cuestiones, nos remitan la tarjeta de adhesión adjunta, cuanto antes.

CONDICIONES

- Los derechos de inscripción son de 2.500 ptas.
- Los asistentes tendrán derecho a un ejemplar de la edición de las Ponencias y Comunicaciones con el 30 % de descuento.
- Las Ponencias y Comunicaciones serán editadas por el Servicio de Publicaciones e Intercambios de la Universidad de Salamanca.
- Los alumnos tendrán derecho a una reducción del 50 % de la cuota previa presentación de un profesor.

Colóquio de Etnografia Marítima

Em homenagem à memória do grande poveiro António dos Santos Graça, em comemoração do centenário do seu nascimento, vai realizar-se de 22 a 24 de Outubro de 1982, na Póvoa de Varzim, um amplo colóquio de Etnografia, abrangendo estudos de geografia Humana, Arqueologia, Economia, Sociologia, História e Demografia.

Além da análise da obra de Santos Graça como etnógrafo, como fundador do Museu da Póvoa, como jornalista e como político, outro tema do Colóquio versará as «Relações e afinidades culturais entre as colmeias pescadeiras da Galiza e de Portugal».

Justa homenagem ao ilustre poveiro, autor de vários trabalhos sobre usos e costumes da colmeia dos pescadores da Póvoa, entre os quais avulta o seu notável livro «O Poveiro» publicado em 1932, livro que é, sem dúvida, modelar.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Presidente da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — Maia.

Subsídios

Em 1981 foram concedidos à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, para actividades da Sociedade e publicação de trabalhos, em especial de «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade, os seguintes subsídios:

Direcção-Geral do Ensino Superior (28-9-81) . . .	380.000\$00
Câmara Municipal de Sabrosa (30-9-81) . . .	40.000\$00
Câmara Municipal de Boticas (5-8-81 e 20-9-81)	20.000\$00
Câmara Municipal de Chaves (11-11-81) . . .	20.000\$00
Empresa das Águas de Carvalhelhos (11-11-81)	20.000\$00

A todas as entidades que atenderam os pedidos de ajuda feitos para a realização de trabalhos de campo e de gabinete, publicação do fasc. 1.º do vol. 24 da nossa revista e sua distribuição pelos nossos sócios e cerca de 500 entidades nacionais e estrangeiras com que mantemos permuta, são devidos agradecimentos que reconhecidamente lhes testemunhamos em nome da Sociedade Portuguesa de Antropologia e em meu nome pessoal.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Presidente da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

ANTÓNIO LOURENÇO FONTES — **Etnografia trasmontana I — Crenças e tradições de Barroso**, 2.^a ed., Porto, 1979, 175 págs., 1 des. e 32 fotografuras.

A Etnografia geral, estudo do viver e saber do Povo, sempre me apaixonou, e também sempre, e mais ainda, a etnografia trasmontana em cuja lavoura, algumas vezes de braço dado com o amigo P.^e Dr. António Mourinho, tenho gozado muitas horas de estudo inefável e grande prazer espiritual.

Por isso foi muito gostosamente que li o trabalho do autor, barrosão de raiz, sobre *crenças e tradições de Barroso*.

O livro, está repartido em 4 «partes» ou grandes capítulos a saber: *crenças e superstições, as três idades da vida, festas a dois santos e ditos do povo*.

Qualquer destas quatro partes é amplo repositório de informações, cheias de interesse, quanto ao modo de ser e de viver do trasmontano barrosão.

Alguns dos aspectos, apontados em síntese, como é natural em trabalhos da natureza do agora analisado, mereciam estudo pormenorizado. Assim, por exemplo, os jogos e as prelengas na selecção preliminar dos jogadores, e outros dizeres rimados, ligados às brincadeiras dos jovens, dariam um trabalho de grande interesse regionalista. Será um trabalho no género do meu *Lenga-lengas e jogos infantis*, Porto, 1938, 47 págs., que, a pedido do Inst. de Alta Cultura (então seu bolsheiro), escrevi em 1937 como parte da contribuição nacional à obra,

comum a outros países, *La vie de l'enfant à travers le monde*, a figurar na exposição de Paris de 1937.

Felicitações ao autor pelo trabalho da rica colheita feita na vastíssima seara dos costumes barroços.

SANTOS JÚNIOR

ALFREDO GARCIA ALÉN & ANTÓNIO DE LA PEÑA SANTOS — **Grabados Rupestres de la Provincia de Pontevedra**, La Coruña, 1980, 229 págs. 166 Des. e 49 Est. com 131 fotografuras.

Este livro de grande formato, com mancha de 27,5 cm por 19 cm, a duas colunas, belamente encadernado, é um monumento às gravuras rupestres da província de Pontevedra.

É-o também, e ao mesmo tempo, ao povo que na Galiza de antanho insculpiu no granito notáveis estilizações, em complexos de sinais geométricos, em que predominam os círculos, de animais, em que predominam os cervídeos, e de armas, punhais e espadas curtas. Com estes e outros sinais associam-se, em complexos mais ou menos densos, centenas e centenas de covinhas as quais avultam largamente, pois no total das gravuras registadas atingem quase 90 % (89,56 %: Vd. págs. 133 e 142).

A publicação feita a expensas da Fundação «Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa», consagra esta mecénica Fundação.

O livro que analisamos continua a série de publicações da «Catalogacion Arqueologica e Artistica de Galicia» que tem sido patrocinada pelo Museu de Pontevedra.

Alfredo G. Alén, era um bem querido amigo que de há muito o admirava, pelo seu fulgor de espírito, pela sua vivacidade intelectual, pelas suas notáveis qualidades de observação, pelos seus excepcionais dotes de trabalhador pertinaz e pelo seu apurado espírito crítico.

Eram vastos e sólidos os seus conhecimentos da Antropologia Cultural e Social da Galiza, bem patentes nos trabalhos

que publicou sobre estas matérias. Com a morte deste grande galego a Galiza ficou mais pobre.

António de la Peña Santos fez a sua formação de arqueólogo no Museu de Pontevedra sob a orientação de Filgueira Valverde, prestigioso polígrafo e Director do Museu, e fê-lo de mãos dadas com Alfredo Alén que foi também um seu grande Mestre.

O livro abre com a «Presentacion» de Filgueira Valverde, onde faz rápida síntese da evolução das tarefas do inventário das insculturas rupestres da província de Pontevedra, iniciadas em 1889 pela Sociedade Arqueológica, seguidas por vários autores e pelo Museu de Pontevedra até à publicação do livro que analisamos, livro que, em seu justo parecer, «es una transcendental aportacion al conocimiento y al disfrute de las más valiosas y representativas creaciones del espíritu gallego».

O primeiro capítulo «Introduccion», págs. 11 a 14, é uma resenha histórico-bibliográfica com indicação cronológica. Citam-se os autores galegos, espanhóis e estrangeiros que publicaram trabalhos sobre a Arqueologia da Galiza e em especial sobre gravuras rupestres.

O 2.º capítulo «Inventário» págs. 17 a 120, é a investigação das estações de gravuras rupestres da província de Pontevedra.

Nele se dá conta por «Ayuntamientos» das várias centenas de estações de petroglifos, dando para cada estação a sua localização por freguesias, curta súpula dos sinais gravados, lista bibliográfica de autores e suas publicações sobre as respectivas estações, ou que às mesmas fizeram referências mais ou menos pormenorizadas.

O número de desenhos deste capítulo é nada menos de 128, muitos deles do co-autor Peña Santos.

No 3.º capítulo, págs. 123 a 143, que não quiseram chamar conclusões mas «Consecuências», os A.A. elaboram considerações de vária ordem sobre a análise atenta dos dados fornecidos pelo «Inventário». Dados que, dizem, terão de ser com-

pletados quer com novas e possíveis descobertas, quer com o estudo pormenorizado de algumas das estações já indicadas no inventário, e bem assim com o estudo das gravuras rupestres das outras províncias da Galiza e do norte de Portugal.

Certo é que no Minho e em Trás-os-Montes são muitas as estações de arte rupestre já conhecidas e algumas mais ou menos pormenorizadamente estudadas.

Trás-os-Montes sobre o que, nesta matéria publicaram alguns autores, e especialmente o Abade de Baçal nas suas Memórias Arqueológicas Históricas do Distrito de Bragança, e ainda por algumas estações de gravuras rupestres que tive a sorte de encontrar, estudar e publicar, abundam os sinais em ferradura, o que para já contrasta com o que se passa na província de Pontevedra.

Pelo que conheço das insculturas rupestres trasmontanas, o que é bem pouco para o muito que das conhecidas está por estudar, e das certamente por descobrir, afigura-se-me que o seu conjunto, pelo que dele já se conhece, será sem dúvida notável.

Quando exaustivamente estudada a Arte Rupestre em Trás-os-Montes, revelará mais estações de gravuras rupestre e quicá mais notáveis do que as actualmente conhecidas.

Durante alguns anos estudei com vivo interesse algumas estações trasmontanas de gravuras rupestres, e foi meu propósito prosseguir com tal tarefa com o desejo de publicar o *Corpus Petroglyphorum Trasmontanum*.

Outras solicitações e nomeadamente a minha ida para Angola, como Professor da Universidade de Luanda, não permitiram que levasse por diante aquele meu desejo.

Na Fig. 134 da pág. 125, quadro tipológico das gravuras rupestres da Galiza, com nada menos de 11 tipos, mostra claramente a extraordinária riqueza da sua notável simbologia.

Em nove desenhos da carta topográfica da província de Pontevedra indica-se a localização e distribuição dos vários tipos de gravuras pela área da província. Aquelas cartas topográficas realçam não só a multiplicidade dos vários tipos mas também a distribuição de cada um deles.

Uns mais ou menos dispersos e outros por assim dizer concentrados em duas zonas principais. Uma na faixa litoral e margens das Rias de Vigo e da de Pontevedra; a outra no vale médio do rio Lérez.

A concentração de gravuras nas margens das Rias de Vigo e na de Pontevedra pode levar a crer que aí se concentrariam as populações pela abundância e fácil colheita de mariscos, e no vale médio do Lérez possivelmente pela sua riqueza piscícola.

Quanto ao tipo dos sulcos rasgados no granito acentuam os A.A. que «La inmensa mayoría de nuestros complejos presentan los surcos de las figuras muy erosionados — hasta el punto de que en ocasiones éstos llegan a desaparecer — con perfil en U muy abierta» (pág. 123). Pelo contrário em certas gravuras de cruciformes, ferraduras, alfabetiformes, animais esquemáticos, quadrados de esquinas em ângulo, etc. têm o perfil do sulco em V.

Os A.A. atribuem estes dois tipos de sulcos a duas fases culturais.

O tipo em U seria de gravuras «claramente pré-históricas», quanto ao tipo em V atribuem-no a um período «mucho más reciente», romano, medieval ou posterior.

Recordarei que nas gravuras rupestres de Ridevides em xisto a maioria dos sinais é em V. Foram feitos por abrasão manejando em vai-vém instrumento de ponta ou gume duro, técnica que designei litostríptica.

Nas gravuras de Ridevides, em nítida sobreposição aos sulcos em V, há ferraduras feitas por picotado em sulcos largos e do fundo irregular, técnica que designei litostíctica.

Em Ridevides os sulcos em V são mais antigos do que os sulcos em U.

Em Trás-os-Montes conheço 5 estações de gravuras suprestres feitas em pedras de xisto, onde, como é natural, é relativamente fácil abrir sulcos por abrasão, sulcos em V.

Os A.A. apresentam uma hipótese cronológica para os diferentes tipos de gravura, que objectivam no bem demonstrativo quadro da Fig. 159.

Consideram as covinhas, os círculos, os cervídeos e os ídolos cilíndricos vindos do período megalítico, estendendo-se as primeiras por toda a Idade do Bronze e toda a Idade do Ferro; os segundos por toda a Idade do Bronze e os últimos pelo fim do megalítico e os dois terços iniciais do Bronze I.

As espirais, como presentes em toda a Idade do Bronze.

As figuras antropomórficas a partir de um pouco antes do Bronze II e estendendo-se pelo Bronze II e pelo Bronze III.

As armas, punhais e machados como próprios da maior parte do Bronze I e quase todo o Bronze II, as alabardas por cerca da metade final do Bronze I e um curto período inicial do Bronze II.

Os labirintos, as pás, os equídeos e as suásticas como próprias do Bronze III, em períodos mais ou menos extensos, os equídeos por todo o Bronze III. Os labirintos e as pás pela maior parte do Bronze III até à Idade do Ferro, e as suásticas pela parte final do Bronze III estendendo-se até à Idade do Ferro.

Os A.A. terminam este capítulo com as seguintes e bem justas considerações que se transcrevem.

«Y finalizamos estas breves notas insistindo sobre la necesidad urgente de elaborar el inventario global de la totalidad de las estaciones rupestres del Noroeste de la Península Ibérica, paso imprescindible de cara a la formación de un corpus de datos que posibilite la realización de futuros trabajos de síntesis.»

Segue-se nas págs 147 a 152 uma extensa bibliografia.

Depois uma excelente série de nada menos de 131 fotografuras.

Das págs. 209 a 229 são três índices: das págs. 209 a 222 índice das localidades; das págs. 223 a 225 índice das «figuras» (desenhos), números 1 a 166; das págs. 227 a 229 índice das fotografias, números 1 a 131.

Termino com felicitações aos A.A., pela grande e valiosa tarefa realizada, à «Fundação Pedro Barrié de la Maza, Conde

de Fenosa» por haver subsidiado a publicação e a Don José Filgueira Valverde, corpo e alma do excelente Museu de Pontevedra, como impulsionador da tarefa, brilhantemente atestada no livro que analisamos.

Oxalá se possa concretizar o desejo manifestado pelos A.A. de se fazer o inventário global da Arte Rupestre do Noroeste Peninsular, ou seja, da Galiza, do Minho e de Trás-os-Montes.

SANTOS JÚNIOR

BRIGANTIA — Revista bragançana de cultura

A Assembleia Distrital de Braçança lançou esta revista que, como se escreveu no preâmbulo do fasc. 1.º do Vol. I, Braçança, ABR.-JUN. 1981, pretende não só dar a conhecer os aspectos flagrantes da cultura popular do distrito mas também incentivar o seu estudo.

O fasc. 1.º do Vol. I, 1981, 136 págs. e 49 figs., todas por numerar e algumas sem legendas, abre com o artigo *A poesia popular mirandesa cantada e falada na linguagem quotidiana*, pelo reputado etnógrafo António Maria Mourinho.

O fasc. publica mais os seguintes trabalhos.

A cestaria — Um trabalho artístico e artesanal das nossas terras (p. 17-43) por Belarmino Afonso; *Medicina caseira* (p. 45-55) por Jacinta Maçaira, Maria da Conceição Mendo e Maria de Lurdes Quina; *Parque Natural do Montesinho — Razões da sua criação e objectivos* (p. 57-60) por Dionísio Afonso Gonçalves; *A feira dos «Gorazes» de Mogadouro* (p. 61-67) por António R. Mourinho (Júnior); *A propósito do cancioneiro vinhaense* (p. 69-79) por Manuel Gonçalves; *Cemitério romano em Vilar Seco (Castro Vicente)* (p. 81-89) por Belarmino Afonso & Jorge M. Morais; *Poesia* (p. 91-96) por Luís A. de Sousa Ferreira; *Para a bibliografia do distrito de Braçança* (p. 97-99) por Hirundino da Paixão Fernandes; *Como o povo canta* (p. 101-105) por Carolina Victória Pires; *Emigração fonte de riqueza?* (p. 107-108) por Octávio Sobrinho Alves; *Outeiro — Apontamento monográfico* (p. 109-119) por César Garrido; *Uma cultura e duas realizações* por A. & Jorge Morais; *Freixo de Espada-à-Cinta — Notas históricas. Sua evolução através dos tempos* (p. 127-132) por António José Teixeira; *Ditados populares em Avelanoso — Vimioso* (p. 133-134) por Maria de Lurdes João de Quina; *Bibliografia* p. 135.

O fasc. 2.º do Vol. I, JUL.-SET. 1981, com 156 p. e 54 figs., todas por numerar, abre com o artigo *Manuscritos de Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra referentes ao distrito de Bragança* (p. 3-23) por Hirundino da Paixão Fernandes.

O fasc. publica mais os seguintes trabalhos.

As festas dos rapazes na Lombada (p. 25-37) por Belarmino Afonso; *Guerra Junqueiro um poeta desigual?* (p. 39-44) por Júlio da Costa Carvalho; *Pombais de Bragança* (p. 45-92) por Nuno Meira da Silva e Castro; *Cultura Portuguesa, presente-de-um-futuro* (p. 93-99) por Maria Amélia Barreira; *Bragança celebra o XV centenário de nascimento de S. Bento e Santa Escolástica* (p. 101-113) por D. Gabriel de Sousa OSB; *Documentos portugueses en los Archivos de Zamora* (p. 115-121) por António José Teixeira; *Grande poeta é o povo* (p. 129-134) por António Nogueira Afonso; *Da cultura do linho cânhamo em Moscovo* (p. 135-141) por Hirundino da Paixão Fernandes; *Arqueologia* (p. 143-150) por Belarmino Afonso; *Arte popular* (p. 151-152) por Antero M. Fernandes de Sousa.

Colaboração múltipla e variada que representa valioso contributo para o conhecimento de vários aspectos culturais do Nordeste, o Entre-Sabor-e-Douro.

Felicitações à Assembleia Distrital pelo empreendimento auspiciosamente lançado, com votos de prosperidades e longa vida à revista Brigantia.

S. J.

XI.º INTERNATIONAL CONGRESS OF ANTHROPOLOGICAL AND ETHNOLOGICAL SCIENCES

O 11.º Congresso Internacional das Ciências Antropológicas e Etnológicas vai realizar-se no Canadá, nas cidades de Quebec e Vancouver, em Agosto de 1983.

A Sociedade Potruguesa de Antropologia e Etnologia foi convidada a propor um simpósio a organizar com a «participation of international colleagues».

Resolveu-se propor para o simpósio o tema ZOOLATRIA PRÉ E PROTO-HISTÓRICA.

Já se deu conhecimento deste honroso convite à Reitoria da Universidade do Porto, à Direcção-Geral do Ensino Superior, ao Instituto Nacional de Investigação Científica e à Fundação Calouste Gulbenkian.

S. J.

Trabalhos de Antropologia e Etnologia

da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

VOL. XXIV — FASC. I

SUMÁRIO:

AGOSTINHO FARINHA ISIDORO:

Espólio ósseo humano da gruta neolítica do Escoural

ADÉRITO MEDEIROS FREITAS E J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

O Castro da Curalha — 6.ª Campanha de escavações — 1980

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

Mais três berrões proto-históricos de Freixo de Espada-à-Cinta

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR:

A Raiola

Vária : — A estação Paleolítica do Munhino (Estrada de Sá da Bandeira a Moçâmedes) — Angola, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 131 a 134); Estação Paleolítica de Sá da Bandeira — Angola, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 134 a 140); 29.ª Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos, 1980, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 140 a 147); Campanha arqueológica no Castro de Sabrosa em Setembro de 1980, (CARLOS ERVEDOSA) (págs. 147 a 151); A Ara de Fontes — Santa Marta de Penaguião — Análise Crítica, (Arq.º ROGÉRIO DE AZEVEDO) (págs. 152 a 156); Um perdido berrão trasmontano assinalado por um grande arqueólogo, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 156 a 159); Notável berrão proto-histórico aparecido algures na Galiza, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 159 a 164); As danças na procissão do Corpo de Deus em Vila Real no séc. XVIII, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 165 a 170); Velho costume de Paradela — Um ano de Sacristão, (P.º DELMINO RODRIGUES FONTOURA) (págs. 171 a 172); Como se joga o fito em Quintã (Campeã) — Concelho de Vila Real, (ANTÓNIO DA EIRA) (págs. 172 a 175); Coloquio Internacional sobre arte esquemático de la Península Iberica — 24 al 29 de mayo, Salamanca 1982, Colóquio de Etnografia Marítima, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 176 a 178).

Revista bibliográfica : — ANTÓNIO LOURENÇO FONTES (págs. 181 e 182); ALFREDO GARCIA ALÉN & ANTÓNIO DE LA PEÑA SANTOS (págs. 182 a 187).